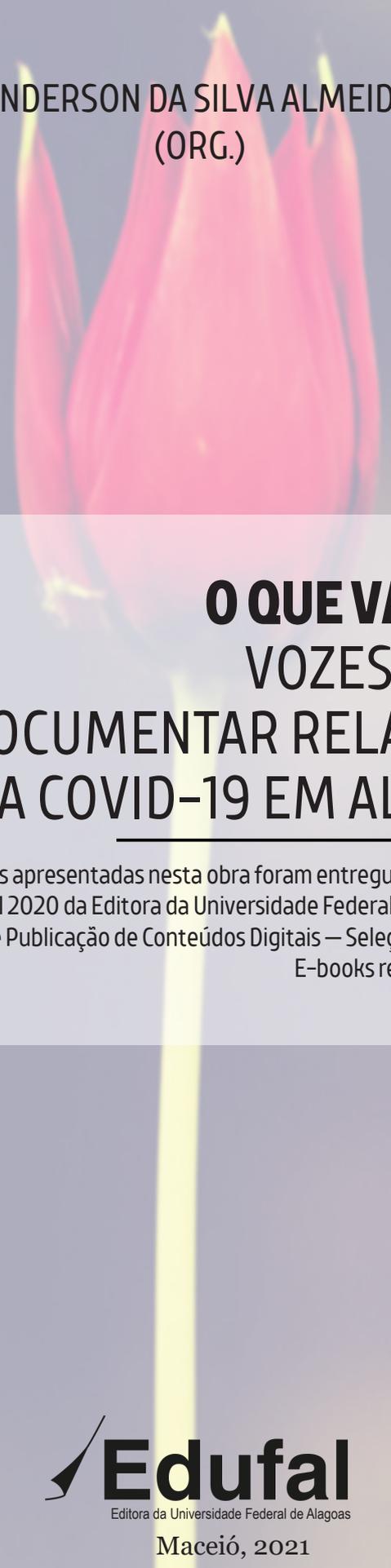


O QUE VAMOS CONTAR?
VOZES DA PANDEMIA
UMA AÇÃO DE DOCUMENTAR RELATOS SOBRE OS
IMPACTOS DA COVID-19 EM ALAGOAS (2020)

ANDERSON DA SILVA ALMEIDA
(ORG.)





ANDERSON DA SILVA ALMEIDA
(ORG.)

O QUE VAMOS CONTAR?
VOZES DA PANDEMIA:
UMA AÇÃO DE DOCUMENTAR RELATOS SOBRE OS
IMPACTOS DA COVID-19 EM ALAGOAS (2020)

As pesquisas apresentadas nesta obra foram entregues e submetidas, no ano de 2020, ao Edital N° 01/2020 da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal) como partes do Programa de Publicação de Conteúdos Digitais — Seleção de Propostas para Publicação de E-books relacionados à pandemia da Covid-19.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

José Ivamilson Silva Barbalho

Coordenação editorial

Fernanda Lins

Conselho Editorial Edufal

José Ivamilson Silva Barbalho (Presidente)

Fernanda Lins de Lima (Secretária)

Adriana Nunes de Souza

Bruno Cesar Cavalcanti

Cicero Pérciles de Oliveira Carvalho

Elaine Cristina Pimentel Costa

Gauss Silvestre Andrade Lima

Maria Helena Mendes Lessa

João Xavier de Araújo Junior

Jorge Eduardo de Oliveira

Maria Alice Araújo Oliveira

Maria Amélia Jundurian Corá

Michelle Reis de Macedo

Rachel Rocha de Almeida Barros

Thiago Trindade Matias

Walter Matias Lima

Projeto gráfico: Mariana Lessa

Diagramação: Janielly Almeida

Imagem da Capa: Canva

Apoio de Produção: Janielly Almeida

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jone Sidney A. de Oliveira – CRB-4 - 1485

Q3 O Que vamos contar? [recurso eletrônico] : Vozes da Pandemia: uma ação de documentar relatos sobre os impactos da Covid-19 em Alagoas (2020) / organizador Anderson da Silva Almeida. – Maceió, AL: EDUFAL, 2021.

95 p.

E-book.

Bibliografia: f. 92-93.

ISBN 978-65-5624-016-9

1. Pandemia – Contexto Social. 2. Pandemia – Contexto Educacional. 3. Covid-19. 5. Minorias Sociais. I. Almeida, Anderson da Silva.

CDU: 616-036.21:364.6

Editora afiliada



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

No meio de tanta pluralidade familiar [...], destaco a presença de muitos, assim como eu, que vivem só. Limitados na saúde física, emocional e financeira, lutando com sacrifício para continuar seus estudos, perderam de uma hora para outra seu maior ponto de apoio, a Universidade. Ficamos sem o convívio com os colegas e professores, estágios, grupos de pesquisa e estudo. Projetos foram cancelados, assim como ficamos sem o acesso aos livros da biblioteca central e do alimento oportuno no Restaurante Universitário. Sim, ela também, nossa Universidade foi afetada e seus portões se fecharam por tempo indeterminado.

Alcides Borges dos Santos
(Jornalista e Graduando em História da UFAL)

Faz escuro mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
vem o sol, quero alegria,
que é para esquecer o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
trabalhar pela alegria,
amanhã é um novo dia.

Thiago de Mello (Poeta Amazonense)

Aos estudantes de Curso de História da UFAL, Givaldo Afonso e Janaina Feitoza,
que sucumbiram diante dessa tragédia que nos atingiu sem aviso prévio!

À diretora da Faculdade de Medicina, Iasmin Duarte, que feneceu combatendo o
bom combate.

Ao servidor José Ronaldo Lima de Barros e demais trabalhadores e trabalhadoras da
UFAL que morreram em decorrência da contaminação durante a pandemia.



SUMÁRIO

Apresentação/Prelúdio

O que vamos contar? Ou seria cantar 9

PARTE I

Artigos Acadêmicos

Primeiro Movimento

1. História, tempo presente e a “última catástrofe”: fichas para um debate pertinente 19

Anderson da Silva Almeida

Segundo Movimento

2. O ensino.com no contexto da pandemia da Covid-19: percepção de coordenadores-pedagógicos e professores de história 29

Antonio Alves Bezerra

PARTE II

Artigos de Reflexão e Testemunho

Terceiro Movimento

3. “Não posso respirar” (*I can not breath*) há 500 anos53

Alberto Vivar Flores

Quarto Movimento

4. Pandemia: um silêncio revelado 58

Clara Suassuna Fernandes

PARTE III

Relatos para o presente e o futuro

Quinto Movimento

5. Como a pandemia da Covid-19 afetou a sua vida e de sua família? 62



5.0 - Considerações Iniciais	62
5.1 - Estudantes	63
5.2 - Professores	70
5.3 - Outros/as profissionais	81

PARTE IV

Homenagens e Epitáfios

Sexto Movimento

6. Homenagem ao aluno e colega Givaldo Afonso da Silva	84
---	-----------

Alcides Borges dos Santos

Sétimo Movimento

7. Réquiem à professora Iasmin Duarte.....	89
---	-----------

Referências Bibliográficas	92
---	-----------

Sobre os Autores	94
-------------------------------	-----------



APRESENTAÇÃO/PRELÚDIO

O QUE TEMOS PARA CONTAR? OU SERIA, CANTAR...

Universidade Federal de Alagoas

Curso de História

Aula Inaugural da Turma 2038.1

Queridos universitários, queridas universitárias.

É bem provável que há dezoito anos vocês estivessem a nascer. Salvo qualquer outro percalço que tenham encontrado em suas trajetórias de vida, grande parte desse grupo que agora adentra aos muros reais e simbólicos da Universidade, não tem qualquer memória mais detalhada sobre o ano de 2020. Aos que estão chegando ao curso superior na faixa etária dos trinta anos, é bem possível que tragam alguma reminiscência. O contexto não era dos melhores. Nosso País vivia sua primeira experiência política com a extrema-direita governando com a legitimidade das urnas - com ataques sistemáticos às universidades, índios/indígenas, negros, mulheres, LGBTs e demais segmentos sociais não alinhados aos extremistas. Era também um tempo de perseguições seletivas a militantes antifascistas que se pronunciavam através das redes que surgiram anos antes, como *whatsapp*, *instagram*, *facebook*, dentre outros. Havia as notícias falsas, ou *fake News*, que atormentavam a todos nós que lutávamos e continuamos a lutar contra as falsificações e desonestidade de toda espécie. E, para completar, um vírus que teria sofrido mutações de morcegos e infectado pessoas na cidade chinesa de Wuhan, ganhou destaque na imprensa internacional nos meses finais do distante 2019, ano que foi aprovada pelo Congresso Nacional - com a articulação de um ministro da economia ligado ao ultraliberalismo e ao grande capital – uma reforma da previdência que tinha como alvo não apenas os idosos daquela época, mas principalmente vocês, que nasceriam no ano seguinte.

O resultado daquilo estamos sofrendo agora, e vocês, mais ainda no futuro próximo, quando concluírem seu curso superior ou, se concomitante a ele, necessitarem disputar vagas no mercado de trabalho. Não há mais previsão de aposentadoria integral para sua geração antes dos 80 anos de idade. Lembro-lhes que em primaveras anteriores, a depender

da profissão, os homens conseguiam se aposentar com 55, 60 anos de idade, e as mulheres com 50, 55 anos, inclusive no campo, depois de terem dedicado mais de 30 anos de sua vida à labuta. Mas isso é assunto para outro momento.

Naquele contexto de dezoito, dezessete anos atrás, o vírus afetou principalmente os idosos. Entre março e agosto de 2020, matou mais de 100 mil pessoas em nosso país continental, sendo que a maioria era idosa. Os pobres, negros e demais trabalhadores precarizados foram os mais atingidos com a letalidade. Relembro, nesse instante, que foi amplamente divulgada na época a informação de que os bilionários brasileiros aumentaram suas fortunas em nada mais, nada menos do que 34 bilhões de dólares, em plena pandemia. Os dados foram divulgados pela Organização Não-Governamental Oxfam. Nos Estados Unidos, ocorreu o mesmo naquele primeiro semestre. Confirmam depois, nas fontes, nos arquivos, se estou a distorcer algo. Duvidem de tudo, até desse velho professor que acaba de completar sessenta anos. É assim que procedem os bons historiadores e historiadoras atentos à lição de Descartes, “[...] se duvido penso. Penso, logo existo.”!

Os números de infectados e mortos só daquele semestre, repito, também estão aí disponíveis pra quem tiver interesse em pesquisar. Apenas em Alagoas, no curto espaço-tempo de quatro meses, de março a julho, ao consultarmos o boletim epidemiológico divulgado naquele longínquo dia primeiro de agosto de 2020, o número de infectados divulgado era de 60.992 e 1.581 óbitos. Vale ressaltar que entre os especialistas que naqueles meses se dedicavam a estudar com afincado a disseminação do vírus, estimava-se que o número de infectados poderia ser de sete ou até dez vezes maior. A subnotificação era uma certeza que praticamente nenhum especialista negava. Já naquela época suspeitava-se da existência dos “desaparecidos da Covid-19”, pessoas que tinham falecido em decorrência de alguma síndrome respiratória, mas sem teste e diagnóstico realizado.

Mas não é esse tipo de conta que queremos trazer pra vocês. Para esse tipo de investigação, os estudos estatísticos e levantamentos sérios estão disponíveis para consulta de todos e todas. Queremos contar de outra forma. Contar aqui não aparecerá como cômputo, cálculo, operação aritmética. Contar pra nós, trabalhadores da história, é narrar, trazer enredos, operar com vocábulos, sílabas, frases, orações. Escriturar um tempo, um contexto. Trazer problemas, análises, interpretações. Inventariar e registrar vozes, nomes, identidades.

Como não existe contexto sem texto, nosso vocabulário, de um dia para outro também foi infectado e passou a incorporar palavras e expressões que poucos conheciam. Até o tal vírus, logo no início, sequer tinha uma sigla, um nome curto, um apelido. Chamavam-no de “novo coronavírus”. Aos poucos chegaram a um nomezinho, pois o epíteto científico era muito complicado: SARS-CoV-2, que seria a sigla da língua inglesa para Síndrome Respiratória Aguda Grave. No Brasil, SRAG. Impronunciável. O nome vingou. Covid-2019, encurtado para Covid-19.

Durante a batalha, sugeriu-se, não sem polêmicas linguísticas, que o Covid-19, com artigo masculino, é o vírus. A Covid-19, a doença. Foi assim que passou a pronunciá-los a

imprensa e os especialistas. Para efeitos dessa minha apresentação trataremos como sugeriu a Academia Brasileira de Letras no calor dos acontecimentos: a Covid. Pois seu significado advém de *corona virus disease* (doença do coronavírus). Na boca do povo, apareceu algo mais pronunciável. Coronga. Quem foi acometido de forma leve ou sem sintomas, fazia até brincadeira, afirmando que estava corongado. Em alguns recantos da *terra brasilis*, corona virou palavrão, coisa de baixo calão, proibido de ser pronunciado. Em outros, “seu coronga”, “sua coronga”, virou apelido preconceituoso e agressivo. Há, ainda, os centros urbanos e rurais nos quais a “peste” virou sinônimo de gozação, pilhéria e brincadeira. O Brasil nunca foi para principiantes, afirmou certa vez o maestro Tom Jobim.

Outras palavras e expressões tomaram conta do dia-a-dia: pandemia, distanciamento, isolamento social, isolamento vertical, cloroquina, ivermectina, imunidade de rebanho, testar positivo, testar negativo, intubado, extubado, novo normal...

Tudo anormal!

Os hábitos foram modificados entre o nascer da lua e o pôr do sol. Era tudo em fração de milésimos de segundo. Máscaras, álcool em gel, viseiras, escudos faciais e outros apetrechos passaram a ser acessórios obrigatórios na proteção individual e coletiva, não apenas dos profissionais da saúde, mas para todos e todas. Ninguém sabia ao certo como agir.

Tudo isso atingiu a Educação como uma verdadeira hecatombe. Minha filha tinha 14 anos, era estudante do nono ano, e de um dia para o outro teve suas aulas suspensas por um período indeterminado. Depois passou a assistir de casa as intermináveis e entediantes videoaulas, que foram improvisadas por educadores pressionados pelas escolas particulares e públicas e que desgastavam os trabalhadores da educação muito mais que as aulas presenciais. Alguns gostaram...Eu não.

Aqui mesmo na nossa Universidade, iríamos começar outro semestre letivo, mas foi suspenso de forma abrupta e imediata. Posteriormente tivemos a certeza de que foi a ação mais correta e todas as universidades públicas e privadas suspenderam suas atividades presenciais. O léxico educacional também passou por rápidas mutações. A pandemia sobre a qual nos referimos também invadiu as conversas virtuais entre educadores e educadoras com vocábulos pouco pronunciados antes de março de 2020, muitos deles em língua inglesa: ensino remoto, ensino híbrido, rodízio de alunos, *home office*, *webnário*, *zoom meetings*, *google meet*, *google classroom*, *stream yard* – essas quatro últimas plataformas de reuniões, aulas e conferências. Antes delas já havia o *YouTube* para transmissão de vídeos. O do nosso curso foi criado naquele período, pela querida professora Irinéia Santos. Vocês perceberam que algumas coisas apareceram e ficaram, outras não.

O cenário era de correria geral. Disputas entre laboratórios de vários países em busca da vacina contra o coronavírus comprovou, naquela época, como os limites entre ciência e a busca desenfreada pelo lucro capitalista não levam em conta se vidas serão ceifadas durante a corrida bilionária. Cobaias humanas foram testadas em massa. Entre desespero

e esperança, as pessoas passaram a tomar todo tipo de medicamentos que apareciam como forma de prevenção e curas. Tudo sem consulta ou receita médica. A que mais foi debatida aqui no Brasil foi a hidroxicloroquina, que sem nenhuma comprovação prévia, teve o próprio presidente da República como principal garoto propaganda. Uma lástima. Inclusive muitos médicos receitaram. Óbvio que sempre em conjunto com outras drogas. Como não sou da área, segui, na época e também nos dias atuais, o que publicam as sérias revistas acadêmicas. Sugiro que façam o mesmo sobre nossa área: a História.

Os Estados Unidos, que se vangloriavam como os maiores liberais do mundo em termos econômicos, chegaram a anunciar a compra – por um valor estimado em 10 bilhões de reais na época - de todas as vacinas que seriam produzidas pelo conglomerado formado pelas transnacionais *Pfizer* (EUA) e *BioNTech* (Alemanha), empresas do ramo de fármacos, sem nenhuma cerimônia ou constrangimento com seu discurso liberal-econômico. O mesmo já tinha ocorrido com a compra feita a empresas norte-americanas de respiradores e outros equipamentos feitas por outros países, inclusive o Brasil, que tiveram o embarque proibido.

Os negacionistas estavam eufóricos. Quase sempre alinhados à extrema-direita, diziam que o vírus era algo que fazia parte de uma grande conspiração internacional liderada pela China para abalar o capitalismo global. Ironicamente, chamavam a conspiração de globalismo. Acreditem. Isso aconteceu. Faziam protestos antivacinas, anti-máscaras, anti-isolamento... só eram favoráveis a tudo que o então presidente dizia em suas *lives* e entrevistas. “Era uma gripezinha”. Esse auditório consegue imaginar que em plena pandemia dois ministros da saúde nomeados por ele mesmo deixaram o ministério por discordarem de suas determinações? Eram médicos. Um general assumiu e obedeceu a tudo que o chefe do executivo federal ordenou. Vocês estudarão isso com mais detalhes em breve. Inclusive os desdobramentos e as consequências que reverberam até agora, em pleno 2038. Já temos bons estudos publicados ao longo dessas quase duas décadas.

Os debates entre historiadores e historiadoras estão acalorados, como sempre. É o que move nossa Disciplina. Felizmente. Fora do campo historiográfico, os negacionistas de toda espécie continuam por aí, aprontando das suas. Inclusive afirmando que não houve inquisição, escravidão, o holocausto nazista e, pasmem, que a terra é plana. A luta da ciência contra o obscurantismo é constante e eterna. Aqueles e aquelas que ainda estão atentos já devem ter ouvido falar que foi apenas uma “gripezinha” e que os números foram manipulados por governadores e prefeitos que queriam receber mais verbas do governo federal. Só há uma forma eficiente de enfrentar os ignorantes - aqueles que ignoram as evidências, que desprezam o conhecimento, a busca, a procura. Essa forma é o conhecimento científico, que também é arte, engenhosidade, percepção, dedução, transpiração, dedicação e operação. Os resultados, na ciência, são obtidos de forma lenta, processual e sem data para o juízo final. O caminhar é constante e infundável. Ele deve ser feito com atenção inegociável à ética e aos procedimentos metodológicos de cada área.

Foi com essa preocupação que professores e professoras do curso de História da UFAL, especialmente os que atuavam no Centro de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDHis), tiveram a iniciativa de reunir relatos, sob forma de livre reflexão, depoimentos escritos, testemunhos ou, ainda, sistematizadas em pesquisas acadêmicas. A ideia era promover uma Ação de Extensão, direcionada a vários segmentos da universidade e da sociedade em geral. Nesse sentido, a Ação, que ganhou o nome de “Vozes da Pandemia”, tinha como público prioritário os estudantes, professores, gestores, técnicos, terceirizados e profissionais da saúde vinculados à universidade. Com a necessidade de ampliação desse escopo, a busca foi estendida a professores/as da educação básica, sindicatos, movimentos sociais e comunidades religiosas.

Os textos de abertura dessa coletânea que indico a vocês nessa Aula Inaugural fazem parte dos primeiros resultados daquele projeto. Foram recolhidos e organizados entre o final do mês de maio e o último dia de julho daquele ano. Ou seja, registram, apenas, os quatro primeiros meses do período pandêmico. Então, como todo bom historiador, precisamos saber que as fontes são datadas, produzidas e salvaguardadas em um determinado contexto, com interesses e fins específicos. Nenhum Documento é ingênuo e só lhe dirá algo a partir de questões, de perguntas, de problemas. O que está aqui nessa indicação é um material inicial, que posteriormente foi revisto e cruzado sistematicamente com outras fontes, a exemplo de jornais, sítios eletrônicos, documentos oficiais e entrevistas realizadas posteriormente com os que participaram do Projeto. Lembrem-se disso, não há boa pesquisa histórica sem confronto e cruzamento de fontes. Mas esses escritos iniciais também são documentos, registros, rastros e vestígios daquele tempo, por isso passo a apresentá-los, já que vocês acabam de chegar ao nosso curso.

Como vozes em cantoria, cada capítulo faz parte de um Movimento, de uma grande canção dividida em quatro partes. O coro aqui é plural, vozes masculinas e femininas. Jovens, adultos e idosos. Doutores, doutoras, mestres, estudantes, professores e demais profissionais.

“História, tempo presente e a última catástrofe” é o título do capítulo que abre o “espetáculo” vocal. Nesse *Primeiro Movimento*, Anderson da Silva Almeida apresenta suas fichas para que o leitor e a leitora se questionem sobre a pertinência ou não de historiadores se dedicarem a estudar o que seu referencial teórico chama de “tempo presente”. Por intermédio de perguntas geradoras, diversos timbres, principalmente da historiografia francesa mais recente, apresentam seus graves e agudos e se posicionam no debate sobre o “presentismo”. De forma simples, como uma espécie de fichário mesmo, situa os problemas e reflexões que envolvem esse tipo de recorte temporal. Pode a História estudar o presente? Pergunta.

No *Segundo Movimento* continuamos com acordes de natureza acadêmica. O professor Antonio Alves Bezerra assume a batuta do coral e traz as vozes de coordenadores e professores de história da Educação Básica das redes pública e privada. Com o título sugestivo de “O ensino.com no contexto da pandemia da Covid-19”, Bezerra preserva as identidades

dos colaboradores da pesquisa atribuindo-lhes nomes de árvores e flores, numa poética que evidencia e revela as dificuldades, os obstáculos e também casos de adaptações improvisadas pela disposição e bravura daqueles e daquelas que em plena pandemia necessitavam mostrar trabalho e preservar seus empregos. Em suas conclusões, pontuou que:

[...] as falas dos professores e coordenadores foram bastante elucidativas para percebermos o quanto estamos distantes da democratização da informação apesar de acharmos que essa geração é fortemente marcada pelo acesso e uso dos equipamentos tecnológicos. Só que não!

Após as melodias e harmonias dos dois primeiros atos, sugerimos uma pausa para o cafezinho antes que as cortinas voltem a se abrir. Assim nos ensinou Edward P. Thompson. Os vibratos que virão na sequência também exigirão concentração e silêncio da plateia para que ouçamos as vozes de outros atores e personagens.

O *Terceiro Movimento* é um artigo de reflexão sobre a condição humana. Escrito pelo professor Alberto Vivar Flores sob o título de “Não posso respirar”, chegou em minha caixa de e-mails no dia 11 de julho de 2020. Temos provas. É assim que trabalhamos. Atentem bem. Distribuído em dez pontos devidamente sistematizados, o professor Flores trouxe uma contribuição de base puramente filosófica, atemporal, sem esquecer de dialogar com poetas, historiadores e artistas do cancionero popular. Marx, Foucault, José Martí, Dostoiévski, Ernesto Guevara e Luiz Gonzaga se encontram nesse solo floral. No fragmento que segue, fica explícita a densidade de sua pena, de sua tinta, naquele momento, em estado de espera:

A contaminação agressiva da Natureza e sua dialética reação mortal – catalogada pelos entendidos como coronavírus – conformam atualmente nosso dia a dia ecológico: semeado de cadáveres, de cruces e de lágrimas. [...] Nesta hora noturna e enlutada da História – em que a coruja não apenas levanta voo, senão que revolteia triunfal com sua corte de aves de mal agouro – aguardo com paciente impaciência o canto do galo da madrugada e o sol do amanhecer de um novo dia.

No dia 30 de julho recebi o que organizei como *Quarto Movimento*. A voz que pede passagem é a da professora Clara Suassuna Fernandes. Em um encontro entre depoimento e testemunho, a historiadora passeia por angústias, esperanças e questões do cotidiano. Se no gênero literário conhecido como depoimento o narrador é também um agente do que está a contar e no testemunho ele é um observador, aqui temos um misto de ambos, um testamento. Não um testamento nos termos do campo jurídico - frio, numérico e simplesmente material. Mas sim um testamento vivo, de osso, carne e espírito incansável. Nesse momento, sob o título de “Pandemia: um silêncio revelado”, as demais cordas baixam o volume, ficam pianinho, e ouvem a clara voz, que também é silêncio, pausa e respiração, a refletir sobre o ter, o ser, o querer:

Sou o que os médicos e técnicos chamam de grupo de risco. Como eu não tenho o equilíbrio físico, só me resta o mental, mesmo assim estou fazendo um esforço enorme para não cair. Tenho receio de não aguentar [...]. Só não tenho a liberdade. Mas será que a liberdade existe de fato? Ela é uma construção dentro da História e também monitorada pelos espaços que circulamos. Ela faz parte do simulacro do mundo. O que é real? Acho que chegamos ao x da questão: a morte é real e por isso estamos tão frágeis. [...] Não fui ainda contaminada pela Covid-19, enquanto alguns irmãos, primos adoeceram e foram curados. Alguns amigos, conhecidos, estudantes que faziam parte da comunidade da UFAL, infelizmente, faleceram.

No *Quinto Movimento* Anderson da Silva Almeida reassume a batuta e apresenta as primeiras pinceladas que chegaram a ele através de um canal chamado, naquele tempo, de *Google Forms*. O objetivo era obter respostas mais objetivas e, por isso, a referida ferramenta foi disponibilizada eletronicamente. As perguntas foram construídas e pensadas coletivamente, buscando reunir dados sobre idade, endereço, cor/etnia, renda per capita, gênero e orientação sexual. Três perguntas requeriam respostas mais longas e reflexivas. Como a pandemia da Covid-19 afetou a sua vida e de sua família? Você conhece alguém que foi contaminado e morreu em virtude da Covid-19? Você conhece alguém que foi contaminado, teve que procurar atendimento médico e foi curado?

Entre respostas curtas, curtíssimas e outras mais demoradas, temos um tempo plural, diverso e fragmentado, como é o tempo histórico, cujas setas apontam para várias direções. Palavras de estudantes, professores e outros profissionais foram condensadas e sistematizadas sem nenhuma grande preocupação analítica, mas sim, com o simples interesse do registro para os futuros e futuras pesquisadoras, que são vocês que acabam de chegar aqui. Façam bom uso delas. Em uma das falas, o sensível depoimento do professor Gustavo Gomes nos faz chegar os sons do Sertão:

[...] Vi muitos alunos sertanejos ficarem aflitos, depressivos, alguns passando fome. Um ex-aluno de meu projeto e extensão se suicidou. Vários deixaram grupos de *whatsapp* por não conseguir mais ver notícias sobre o Covid-19. Um medo de morrer e de ser enterrado às pressas tomou conta dos jovens sertanejos. Como professor, após suicídio de um jovem, fiquei aflito, deprimido, meio perdido e me sentindo muito impotente. Eu me cobri responsabilidade por orientá-los e mantê-los vivos e vivos. Sofri. Fizemos [também] campanha do quilo entre os integrantes do afoxé. Em meio a tudo isso, sequer pudemos ir ao velório e enterro do ex-aluno. Isso foi horrível.

Na sequência, dois Memoriais são apresentados na parte final desse concerto. Sob forma de *Sexto Movimento*, o então estudante do curso de História Alcides Borges dos Santos escreveu uma bela e sensível homenagem ao também estudante universitário, Givaldo Afonso, discente que faleceu em decorrência dos efeitos da Covid-19 no seu organismo. A morte de Givaldo, que já era licenciado em História e estava a cursar o bacharelado, causou

grande impacto entre seus colegas e professores porque foi um sinal forte e doloroso de que o vírus não estava a derrotar apenas os idosos, mas sim jovens e adultos de média idade. Dessa forma, ficamos sabendo um pouco mais sobre Alcides e sobre Givaldo. Sonhos, frustrações, ressentimentos são evidenciados em forma de luto. Num cantar de lutas, na busca interrompida, mas honrosamente alimentada pelos que sobreviveram, o redator encontra forças para não desistir:

A nós que ficamos, resta a coragem de prosseguir. Se possível sonhando o mesmo sonho que eles e elas, lutando para que a memória de seus nomes e objetivos nunca sejam esquecidos. Na volta, encontraremos seus lugares vazios na sala, mas estaremos lá, aperfeiçoando nosso conhecimento para contribuirmos por um mundo melhor. Givaldo, Presente!

Antes de Givaldo Afonso, a comunidade da UFAL tinha sido surpreendida, no dia 22 de maio, pela notícia do falecimento da então diretora da Faculdade de Medicina (FAMED), Iasmin Duarte. Em sua homenagem, os compositores do concerto incorporaram o *Sétimo Movimento*. Nele está reproduzida a matéria divulgada pela Assessoria de Comunicação da UFAL, devidamente creditada e datada, para que as pesquisas que viessem posteriormente tivessem subsídios e pistas referenciadas. O relato e as vozes que ecoam do *Réquiem* são pura emoção. A que segue é a de José Edvilson C. Brasil Júnior:

No início, eles não têm cheiro, cor, rosto. São “casos”. Tantos casos suspeitos, tantos confirmados, tantos óbitos. Hoje, de verdade, para mim e para muitos, um número ganhou um rosto. Um rosto que sempre tinha um sorriso disponível. Que não se abatia com dificuldades, que tinha uma palavra amiga guardada para situações difíceis. E uma voz doce pra dizê-las. Dra. Iasmin de Albuquerque Cavalcanti Duarte.

E os rostos eram cada vez mais de pessoas conhecidas. Veio a notícia do falecimento da recém graduada do curso de História, Janaina Feitoza, moradora da cidade de Messias. Já havia partido, noticiado como suspeita de Covid-19, o professor da Faculdade de Economia, Angelo Antonio Cavalcante Martins, cujo passamento foi notícia em vários *sites* de alcance nacional em virtude de sua participação em protestos de teor negacionista. Também, na época, foi divulgada nota do falecimento do servidor José Ronaldo Lima de Barros, no dia 23 de junho.

Ao longo desses dezoito anos muita pesquisa foi feita, algumas boas, outras nem tanto. A vocês que chegam, espero que após essa provocação que fiz nessa Aula Inaugural, tenham curiosidade, interesse, paciência historiográfica e diálogo incansável com as fontes. Elas estão aqui, mas não falam e não cantam por si mesmas. Precisam de novos e velhos maestros e maestrinas. A tarefa está com vocês, leitores, leitoras e produtores de sentido. Sempre e para sempre hão de existir vozes a contar e a cantar. Precisamos ouvi-las.

Contudo, mais do que interessar-se pelo “O que vamos contar ou ouvir”, atente sempre para Como? Por que? Quando? Onde? E, principalmente, quem e a quem interessa negar, silenciar ou contar. Essa é a nossa principal tarefa!

Anderson da Silva Almeida
Maceió, 16 de março de **2038**.



PARTE I
ARTIGOS ACADÊMICOS

PRIMEIRO MOVIMENTO

HISTÓRIA, TEMPO PRESENTE E A “ÚLTIMA CATÁSTROFE”: FICHAS PARA UM DEBATE PERTINENTE

Anderson da Silva Almeida
Universidade Federal de Alagoas

1. Considerações Iniciais

O século XX acabou antes do ano 2000, com o fim da União Soviética em 1991, ou dois anos antes, com a Queda do Muro de Berlim? O século XXI teria começado mesmo em 2001, com os ataques de fundamentalistas às torres do World Trade Center, nos EUA, ou só agora, em 2020, com a pandemia da Covid-19 que atingiu praticamente todos os continentes?

Em entrevista recente para o canal internacional de televisão CNN, divulgada no dia 04 de julho de 2020, a antropóloga e historiadora brasileira, Lília Schwarcz, , arriscou que sim. “A pandemia vai alterar os nossos livros de história. Inclusive, ela vai mudar a datação de quando começa o século 21. Na minha opinião, o século 21 começa nesta pandemia...”¹

A presença da intelectual que publica em uma das maiores editoras do mercado livreiro nacional numa grande rede de comunicação, nos traz elementos significativos das fichas que apresentaremos a seguir. Ou seja, a ideia de que a história do tempo presente é sempre balizada pela “última catástrofe” que atinge um ou vários países.

Há, também, a existência de uma demanda social que solicita a presença de historiadores nos debates de seu tempo e um fenômeno geracional que atinge as pessoas que sobrevivem aos impactos pelos quais passa determinada sociedade em um tempo específico. Como integrante orgânico da sociedade em que vive, deveria os historiadores e historiadas abster-se de participar e contribuir para os embates do seu tempo? As fichas estão na mesa. Vejamos.

¹ **O século 21 começa nesta pandemia, diz Lília Schwarcz.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/07/04/o-seculo-21-comeca-nesta-pandemia-analisa-a-historiadora-lilia-schwarcz>. Acesso em: 31 de jul. 2020.

2. Pode a História estudar o “presente”?

De acordo com Marieta Ferreira (2002, p. 314-332), foi Charles Seignobos, em parceria com Charles Langlois, no manual *Introdução aos Estudos Históricos*, publicado na França em 1898, que difundiu a ideia de que uma história que se pretendesse científica deveria ficar restrita à abordagem dos períodos recuados e os estudos deveriam se basear essencialmente em documentos, assim, “os historiadores de profissão deveriam rejeitar os estudos sobre o mundo contemporâneo.” Com isso, formou-se entre os historiadores franceses do final do século XIX e início do XX, a ideia de que a história contemporânea tratava de eventos muito próximos e não era possível separá-la da política, o historiador profissional só poderia se dedicar ao estudo da Antiguidade e da Idade Média, dessa forma, a História passou a ter como objetos predominantes os eventos políticos, o poder, o Estado, os monarcas, se tornando assim uma história meramente política.

A partir da renovação da história política, influenciada por diversos fatores que veremos mais adiante, o contemporâneo, transformado agora em presente, voltará a merecer a atenção dos historiadores profissionais, com isso, novas questões serão colocadas (FERREIRA, 2002, *passim*).

Em texto assinado por André Burguière no *Dicionário de Ciências Históricas*, encontramos a afirmação de que até a década de 1930, história e tempo presente passavam por ser antinômicos. Com a criação, em 1980, na França, do Instituto do Tempo Presente, esta história começa a construir sua reputação, respeitabilidade e consideração. A delimitação do seu campo se daria entre a história muito imediata (feita por jornalistas e sociólogos, entre outros) e a sobrevivência de testemunhas. Segundo Burguière (1993, *passim*) poderíamos, antes de tudo, qualificá-la de ‘história com testemunhas’. Em relação ao método ele diz que não existe um que esteja especificamente vinculado à história do presente, com isso, têm-se o surgimento de certas práticas próprias e que possibilitaram a renovação de certos gêneros.

Entre as inovações metodológicas surgidas nesse contexto, destaca a iniciativa de René Rémond de confrontar universitários e protagonistas em debates que reúnem historiadores e testemunhas, reagindo as segundas aos relatórios preparados pelos primeiros. Desse contato direto do historiador com sua fonte, ou seja, os depoentes, não devemos esperar “revelações”, afirma Burguière (1993, *passim*). Em compensação, essas fontes serão indispensáveis para que o pesquisador possa restituir o ambiente que reinava à época, ambiente que se dilui nos documentos escritos. Graças a essas testemunhas, pode o historiador contornar o obstáculo que constitui o ‘efeito de geração’, contribuindo para o entendimento de que o tempo é vivido de maneira diferencial.

Uma obra muito referenciada nos debates sobre a epistemologia do tempo presente no Brasil é o livro *Questões para a história do presente*, organizado por Agnès Chauveau e Philippe Tétard (1999). A referência ao jogo entre os climas ideológicos e o contexto histórico; a responsabilidade do historiador como comentarista do presente e a presença

do historiador no seu tema e no seu tempo (climas ideológicos, orientações científicas, modas historiográficas) são pontos que aparecem frequentemente nos textos relacionados às inquietações presentistas.

De acordo como os autores, no fim da década de 1970, com a predominância da Nova História (Longa Duração, estruturas duráveis, prevalência do econômico e do social) há um certo desprezo do contemporâneo: o presente deveria ficar “sob controle”. Destacam também o papel de René Rémond já nos anos 1950 e de Jean Lacouture, com a obra “A história imediata”, em 1963 (CHAVEAU e TÉTARD, 1999, p. 07-37).

Mas não só na França que devemos investigar a árvore genealógica do “tempo presente”. Em texto recente, Regina Beatriz Guimarães Neto contribuiu destacadamente para o debate ao analisar e sublinhar a importância do alemão Reinhart Koselleck na reflexão sobre o presente no campo historiográfico. Nas palavras da historiadora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), “Muitos historiadores têm optado por uma definição complexa do tempo presente. O nome do historiador alemão Koselleck se sobressai” (NETO, 2014, p. 35). Ao refletir sobre esse “tempo”, em diálogo com seu referencial, instiga-nos:

Simplificaríamos qualquer resposta ou escolha se não considerássemos que os atributos do tempo presente podem nos levar a reflexões aparentemente antitéticas. O presente pode ser, por um lado, aquela dimensão condenada à desapareição, porque, como ponto de intersecção entre o passado e o futuro – um eixo temporal imaginário, como nos diz Koselleck -, marca um tempo que ainda não é – o futuro - ou já é – e se torna passado. Assim, para esse autor *‘La actualidad se convierte en una nada pensada que siempre nos indica nossa pertencia tanto al pasado como al futuro. Se convierte em aquel momento que continuamente se escapa’*. [...] Assim, o tempo presente condensa o passado e o futuro. E, dessa maneira, afirma o historiador alemão: *‘El tempo sólo está presente em una continua retirada: el futuro en la expectatio futurorum y el pasado em la memoria praeterito-rum’* (KOSELLECK, 2011, p. 116-117 *apud* NETO, 2014, p. 36).

Ao aprofundar essa contribuição em diálogo com outros autores, - a exemplo de Henri Bergson, Giorgio Agamben e Roger Chartier -, Regina Beatriz nos adverte:

A discussão historiográfica que contempla as intersecções metodológicas dessa problemática não se atém apenas à noção da presença incorporada do futuro/passado no presente. Mas remete à reflexão acerca das relações que se estabelecem entre presente e futuro, presente e passado e, especialmente, ‘como’, essas próprias relações se constituem (NETO, 2014, p. 37).

3. Geração e Demanda Social

As análises que envolvem as questões de geração e demanda social sempre irão aparecer nos debates como fatores que também contribuíram para o desabrochar da

história do presente. Segundo Jean-Pierre Rioux (1999, p. 39-50), a afirmação da história do presente é um fenômeno de geração provocado pelo impacto dos acontecimentos do último século (duas guerras mundiais, crises econômicas, duas partilhas, descolonização, guerra fria, revolução tecnológica). Chauveau e Tétard acrescentam que a questão da demanda Social foi provocada pelo aumento e a aceleração da comunicação, a renovação progressiva da imprensa, a elevação do nível de estudo e os engajamentos ideológicos/morais dos anos 50/60 do século passado. Não se pode negligenciar, também, a dimensão radiofônica, cinematográfica e, sobretudo, televisiva. Como escreviam ainda no século XX, para eles, história do presente, história próxima e história imediata não faziam referência à mesma cronologia, mas pertenciam “ao campo do muito contemporâneo, o século XX amputado do seu primeiro terço” (CHAVEAU e TÈTARD, 1999, p. 20).

Seguem a problematização pontuando que a mais problemática é a história do imediato, pois a análise implica “tempo”, necessário à consulta e à síntese dos documentos. No imediato há uma tendência de análise na horizontalidade cronológica e não na verticalidade. A história imediata seria filha da imprensa, utiliza mais de técnicas jornalísticas do que de metodologia científica. Está imersa numa dificuldade de legitimação científica. Vista como um objeto, ela é testemunho. É um importante complemento à história do tempo presente, ambas formam um todo.

Em relação à história próxima e à do presente, os autores esclarecem que as sensibilidades pessoais prevalecem sobre a escolha semântica. Os aspectos comuns seriam: a contração cronológica – embora ainda presos ao século XX -, os mesmos tipos de arquivos; a natureza dos objetos; a acessibilidade e o círculo dos historiadores. Segundo eles, o termo história do presente é mais utilizado e tem um valor científico incontestável, porém, alertam para a necessidade de refletir sobre a subjetividade e presença do historiador em seu tema e no tempo. Quanto à presença, destacam que ela pode ser intelectual, moral, filosófica e física. A história do presente exige uma nova relação entre o cientista e seu campo de investigação. Não se trata de discutir o valor real dos fatos na história, mas sua percepção e as condições históricas nas e pelas quais eles são percebidos, afirmam eles (CHAVEAU e TÈTARD, 1999, p. 07-37).

Nesse momento, considero oportuno trazer a ficha de Christian Delacroix que apresenta considerações sobre o *menu* semântico que envolve esse fazer historiográfico em diferentes países.

[...] história do tempo presente aqui no Brasil, história do passado recente (*historia del pasado reciente*), história atual (*historia actual*), história viva, história do passado vivo (*historia vivida, historia del pasado vivo*), história do presente, (*historia del presente*), em outros países. Esses desenvolvimentos devem ser relacionados ao que Henry Rousso diagnosticou como uma ‘mundialização da memória’ e à multiplicação das demandas memoriais e sociais de reconhecimento e de verdade sobre ‘os passados que

não querem passar; foi assim que desde os anos 1970 ‘comissões de verdade e de reconciliação’, com diferentes designações, foram instituídas em cerca de trinta países, na África, na América Latina, no Canadá... (DELACROIX, 2018, p. 06).

4. O recuo temporal

Segundo Jean-Pierre Rioux (1999, p. 41) “o argumento mais frequente invocado contra a história do presente é o da proximidade”. As armadilhas estariam no noticiário da TV e na não hierarquização dos fatos do cotidiano. Para Rioux, é a própria sociedade que impulsiona o historiador a não desistir. O debate não estaria fechado, pois a história do presente teria nascido bem mais de uma impaciência social do que de um imperativo historiográfico, com isso, o argumento da falta de recuo não se sustentaria, pois foi o próprio historiador quem criou o famoso recuo. Aponta ainda como principal missão da história do presente, mostrar a evidência científica das verdades materiais diante do esquecimento, da amnésia ou do delírio ideológico, citando o holocausto como exemplo (RIOUX, 1999, *passim*).

Para René Rémond (1996, p. 203-209), essa questão do recuo não é problema, pois não haveria diferença entre o historiador da Guerra do Peloponeso e o da II Guerra Mundial. Segundo o historiador do político, é preciso que a história do presente reveja continuamente a delimitação do seu campo de pesquisa devido à fluidez e mutação do tempo e dos acontecimentos, o historiador do presente “deve estar atendo às mudanças, acolher novos temas, dar provas de imaginação”. Em relação à vitória no debate científico, Rémond esclarece que é preciso desconfiar das vitórias fáceis, lembra que essa história exige rigor igual ou maior que o estudo de outras disciplinas: deve-se enfatizar a disciplina, a higiene intelectual, as exigências de probidade.

Trago ao debate, a importante observação de Luisa Passerini (1996, p. 211-214), que ressalta com imensa propriedade o caráter subjetivo dos começos históricos (recorte temporal), sublinhado a questão das gerações; a importância das questões ideológicas e políticas e a responsabilidade cívica. Fala, ainda, de uma “lacuna” do presente situado entre o passado e o futuro, nos esclarecendo que a lacuna não é um mero intervalo, mas um campo de forças gerado pelo esforço do homem para pensar.

5. Fontes e subjetividade

Sobre as fontes, Rémond indica que “os arquivos perderam seu caráter exclusivo, teve-se que recorrer a outras fontes, às fontes orais da história” (RÉMOND, 1996, p. 208). Segundo ele, é preciso estender o método histórico à crítica dos depoimentos. Afirma que “a reintegração do tempo presente faz varrer da visão da história os últimos vestígios do positivismo: o historiador do tempo presente sabe o quanto sua objetividade é frágil”.

Outro autor que referencia o trabalho com fontes orais é Robert Frank. Ele reivindica atenção ao papel desempenhado por Paul Thompson e Philippe Joutard como os inovadores no campo da historiografia ao trabalhar com depoimentos orais. Na França, o caráter inovador é creditado a Michael Pollak e Jean Pierre Rioux que desde a década de 1980 já davam a devida atenção e esse tipo de fonte.

De acordo com Frank, ao se referir à questão, a tendência seria a preferência por “fontes orais”, que teria a vantagem de banalizar o procedimento. Destaca ainda três questões essenciais que devem ser levadas em conta ao se trabalhar com essas fontes: a confiabilidade (a questão da prova); a atenção ao debate sobre memórias; e a questão do estatuto do historiador diante das testemunhas. O historiador do presente dialoga com sua própria fonte e trabalha, portanto, ‘sob vigilância’, com isso, conclui Frank, que o dever do historiador consiste em criar uma mediação entre o depoimento e ele (FRANK, 1999, p. 103-117).

Nesse momento do nosso debate, achamos interessante incorporarmos a visão de um medievalista. Em um instigante texto intitulado “A visão dos outros: um medievalista diante do presente”, Jacques Le Goff (1999, p. 93-102) destaca três grandes diferenças que existem entre a história que ele chama de imediata e a história de períodos anteriores:

1. Os documentos e as fontes: superabundância e inacessibilidade.
2. A subjetividade, que segundo ele, o historiador preso em seu engajamento pessoal e o dever profissional da objetividade tem muita dificuldade em conciliá-los honestamente.
3. A ignorância do futuro.

De acordo com Le Goff, “os historiadores do passado são muito ajudados pelo fato de que sabem o que aconteceu depois”, e defende o emprego do futuro histórico, que é pura e simplesmente a confissão honesta do conhecimento que tem um historiador do futuro real daquilo que fala. O medievalista diz ainda o que espera dos historiadores do imediato:

[...] ler o presente, o acontecimento, com uma profundidade histórica suficiente e pertinente; manifestar quanto a suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados a suas fontes; não se contentar em descrever e contar, mas esforçar-se para explicar e tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúnam (LE GOFF, 1999, p. 101-102).

6. As contribuições de François Bédarida e Henry Rousso

De acordo com François Bédarida, é bem verdade que a história do tempo presente, em vez de sair toda armada do cérebro do senhor dos deuses, insere-se em uma longa tradição que remonta a Heródoto e a Tucídides. Com relação ao movimento constante do tempo presente, ele diz que “a história do presente é feita de ‘moradas provisórias’ e que sua lei é a renovação. Mas é consolador pensar que seus adeptos têm o privilégio de uma fonte de eterna juventude”. Ele sugere linhas de reflexões baseadas em três binômios: história e verdade, história e totalidade e história e ética (BÉDARIDA, 1996, p. 219-229).

Ao analisar a relação entre história e verdade, indica que a busca da verdade histórica deveria ser a regra de ouro de todo historiador digno desse nome. Citando Henri Morron, concorda que ‘o valor da história repousa na integridade interior do historiador, em sua paixão ardente e incondicional pela verdade’. Ressalta que a objetividade absoluta não existe, alertando que não se pode mencionar um objeto sem mencionar ao mesmo tempo quem o apreende e como ele o apreende. Donde a impossibilidade de separar o sujeito do objeto, no entanto, a objetividade não deve ser renegada à condição de parente pobre, cumpre restituí-la em toda sua dignidade, conferindo-lhe, por exemplo, o status de ‘mito regulador’ (BÉDARIDA, 1996, *passim*).

Falando sobre história e totalidade, ele destaca uma nova paisagem na história provocada pela multiplicação das fontes, diversificação de abordagens e questionamentos. Segundo Bédarida, “temos agora uma história fascinante, cambiante, sem dúvida muito mais apaixonante que aquela que a precedeu, mas um pouco desarticulada, pois nela a desordenação substituiu a ordenação de antigamente” (BÉDARIDA, 1996, p. 225).

Ele aponta ainda dois problemas: o problema da coerência e do sentido, e o problema da globalidade. Expõe que o tempo presente apresenta uma história em forma de ponto de interrogação, em vez de oferecer respostas. Abordando sobre o campo da história do presente, cita Marc Bloch, afirmando que a única história verdadeira é a história universal. Abre passagem também pra Pierre Vilar concordando que ‘toda história nova sem ambição totalizante é uma história de antemão velha’. Alerta os historiadores do presente, citando Iord Acton, para o risco de pulverização, ressaltando que o caminho da salvação para a história do tempo presente e também para toda disciplina histórica é ‘estudar os problemas e não os períodos’ (BÉDARIDA, 1996, p. 226 e *passim*).

Discursando sobre a terceira linha de reflexão, história e ética, Bédarida faz referência a uma opção moral do historiador, ressaltando a questão dos valores e a relação entre ciência e ética. Exemplifica o racismo e o antissemitismo como uma lepra no corpo da humanidade, tentando com isso esclarecer que o historiador não pode furtar-se à sua responsabilidade moral como pessoa e como cidadão. Ele solicita atenção para o que chama de função social do historiador ou sua responsabilidade social, esclarecendo que:

[...] se o historiador deve manter um distanciamento crítico em relação ao seu objeto de estudo e proceder com discernimento e rigor, nem por isso consegue ser neutro. É mais que uma esquivia; uma renúncia. Pois nele existe apenas uma consciência e somente uma: sua consciência de historiador é sua consciência de homem (BÉDARIDA, 1996, p. 227).

Em relação ao que chama de pregnância da história e presença do historiador, faz referência a uma passagem bíblica presente no livro do Apocalipse, falando sobre uma dupla relação do homem com a história: de um lado, necessidade e apetite a ponto de devorá-la, e, de outro, mal-estar e incertezas em que se abisma o saber assim assimilado. Porém, segundo ele, a ambivalência da disciplina (o doce de conhecer, descobrir e compreender e o amargo dos pontos de interrogação que o discurso histórico deixa sem resposta) uma vez reconhecida e situada, não deve nos desmobilizar, muito pelo contrário, deve servir de incentivo para enfrentarmos os desafios de nosso tempo.

Para introduzirmos um autor que tem escrito sobre o tempo presente no século XXI, vale a pena duas breves reflexões sobre a epistemologia do tempo presente trazidas por Henry Rousso. Em livro traduzido e publicado no Brasil no ano de 2016, o historiador francês trouxe reflexões importantes sobre o debate que envolve as balizas cronológicas do que seria o Tempo Presente. Abre aspas:

[...] O interesse pelo passado próximo parece assim estar inelutavelmente ligado a um momento de violência paroxística e ainda mais aos seus efeitos, ao tempo que se segue ao acontecimento deflagrador, tempo necessário à compreensão, à tomada de consciência, à tomada de distância, mas tempo marcado também pelo traumatismo, e por fortes tensões entre a necessidade da lembrança e o atrativo do esquecimento. É em todo caso a hipótese que eu desenvolvo aqui apoiando-me nesta definição lapidar e espantosa, segundo a qual toda história contemporânea começa com ‘a última catástrofe em data’, e em todo caso a última que parece a mais loquaz, senão a mais próxima cronologicamente (ROUSSO, 2016, p. 24).

Citando Hermann Heimpel (1957, p.12), problematiza que:

[...] Quase todo o povo – para nos limitarmos agora à história dos povos – viveu a mesma última catástrofe, a Segunda Guerra Mundial. Mas não é o fato mesmo de ser vítima de catástrofes, por mais violentas que sejam, que marca sozinho a origem do presente, o presente não começa em todo lugar em 1945, mas é uma catástrofe que se inicia o presente da estrutura histórica daqueles que são vítimas’ (*apud* ROUSSO, 2016, p.25).

As reflexões que envolvem esse debate estão cheias de armadilhas. Com tintas fortes e lentes ampliadas com lupas, é necessário ficarmos atentos para algo sublinhado pelo próprio Rousso ao referir-se a Heimpel como alguém que deu “mostras de fidelidade ao regime nazista [...]” e que:

[...] o termo ‘catástrofe’ possui uma longa história no contexto do pós-nazismo. Ele foi utilizado no fim dos anos 1940 para diluir as responsabilidades propriamente alemãs no uso eufemístico, compreendendo tanto as vítimas nazistas quanto os sofrimentos do povo alemão em geral [...] (ROUSSO, Idem).

Em face dessas observações, ressalta-se a necessidade de testarmos, com todos os procedimentos que envolvem o rigor historiográfico e as necessárias ponderações, a ideia de “catástrofe” para os estudos da pandemia da Covid-19 no Brasil. Como sublinhamos no prelúdio dessa coletânea, muitos bilionários aqui e alhures aumentaram suas riquezas no primeiro semestre de 2020. É bem provável que a indústria de fármacos, de equipamentos e de insumos hospitalares tenha ampliado consideravelmente seus lucros. As farmácias e drogarias, os sistemas bancários, os aplicativos de vendas *on-line* e os supermercados, por exemplo, não devem ter passado por uma “catástrofe”. Há dados confiáveis que comprovam nossas assertivas. Ainda no Brasil, os cantores ligados ao entretenimento e à indústria de massa – sob o real argumento do assistencialismo e arrecadação de cestas básicas alimentares – conseguiram lucrar com as famosas *lives* que chegaram, em alguns casos, a render milhões com o patrocínio de cervejarias e outros setores do comércio e da indústria.

Essa é a grande questão historiográfica que gostaríamos de trazer para refletirmos a afirmação de Lília Schwarcz no início desse artigo. A pandemia pode ser vista como uma grande catástrofe ou seria melhor pensarmos como “um evento traumático” que não atingiu a todos da mesma forma? Em termos internacionais, ela reconfigurará as disputas geopolíticas, econômicas e influenciará questões comportamentais, filosóficas e identitárias? Haverá fortalecimento ou enfraquecimento das instituições internacionais como a OMS, ONU, OMC e congêneres? Quais as novas fontes de pesquisa que surgirão no campo historiográfico? Brotarão outros conceitos e procedimentos metodológicos? A formação dos professores continuará como antes? O ensino nos diversos níveis sofrerá transformações profundas? Haverá ou não o fortalecimento dos nacionalismos e ultranacionalismos de caráter xenófobo? Como serão as transformações no campo da saúde, dos deslocamentos, dos transportes de massa?

Esses são problemas que surgem a cada momento e que a história não deve furtar-se a enfrentá-las.

7. Considerações Finais

Não é fácil se posicionar em um debate que se encontra em aberto. No entanto, algumas conclusões são possíveis, mesmo sabendo que elas são temporárias. Após esse breve balanço dos estudos epistemológicos do tempo presente, podemos perceber alguns pontos em comum entre os diversos autores aqui abordados. Destacamos, assim, a importância dos fenômenos de geração e da demanda social para a erupção dos estudos do presente, diretamente relacionados ao controle da subjetividade, que passa a ser o verdadeiro

horizonte do historiador do presente. A influência do diálogo com outras disciplinas, a pluridisciplinaridade. O surgimento de novas fontes como passíveis de serem interpretadas na construção da análise histórica. A necessidade permanente do compromisso do historiador com a higiene intelectual tendo em vista sua presença (física, moral, intelectual) diante de suas fontes e de seu tema. Por último, a constatação da necessidade da busca pela legitimidade do caráter científico dos estudos históricos do tempo presente.

Retomamos aqui a mesma autora que referenciamos no início desse texto, Marieta de Moraes Ferreira, presença constante em eventos acadêmicos e publicações no Brasil quando se pretende abordar os caminhos epistemológicos e metodológicos desse campo em nossa historiografia. Em texto publicado em 2014, que podemos trazer para esse contexto de “mundo em pandemia” e pensar algo para o trabalho historiográfico no “pós-pandemia”, a historiadora sublinhou:

O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. Nesse sentido, as memórias sobre acontecimentos e processos são essenciais para a construção do conhecimento histórico (FERREIRA, 2014, p. 08).

À guisa de conclusão, Christian Delacroix pontua:

A HTP [História do Tempo Presente], debatendo-se com um presente trabalhado por temporalidades múltiplas, é confrontada com a difícil gestão dessa multiplicidade, mas sem dúvida um pouco mais do que outra história; a instabilidade, o inacabamento do objeto e a coexistência/confrontação entre historiadores e atores reforçam para ela as exigências comuns a toda a história, entre as quais a de dever levar em conta o incessante vaivém cognitivo entre passado e presente (sobre o qual haviam já insistido enfaticamente Marc Bloch e Lucien Febvre). A HTP estaria então em um lugar privilegiado para colocar essas reflexões à prova de suas pesquisas empíricas, uma posição certamente singular, mas de modo nenhum fora do ordinário do fazer da história (DELACROIX, 2018, p. 73).

Por fim, volto ao texto de André Burguière, talvez por este ter tido a felicidade de expressar de forma clara e objetiva essa preocupação em busca de uma epistemologia da história com pessoas vivas: “O presente, portanto, reclama o aperfeiçoamento de métodos de análise específica e de procedimentos de coleta de dados originais. Exige, sobretudo, uma atitude epistemológica aberta” (BURGUIÈRE, 1993, p. 5-6).

SEGUNDO MOVIMENTO

O ENSINO.COM NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: PERCEPÇÃO DE COORDENADORES-PEDAGÓGICOS E PROFESSORES DE HISTÓRIA

Antonio Alves Bezerra

*Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência...*

(Paciência: Lenine, Dudu Falcão)

2.1- Considerações iniciais

No limiar desta segunda década de século, o mundo tem assistido e vivenciado em tempo real a tragédia e os desafios deixados para a sociedade pela pandemia do Covid-19. As medidas sanitárias de distanciamento e isolamento social indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é tão somente umas das interfaces de tantos outros dilemas enfrentados cotidianamente pela população de um País fortemente marcado pela desigualdade social, como é o caso do Brasil, por exemplo.

Não obstante, o escrito que segue traz à luz alguns fragmentos das experiências vividas por professores-coordenadores pedagógicos e professores de história de algumas redes de ensino público e privada da Educação Básica em nosso país. Por seu turno, a perspectiva central do texto é colaborar com a tessitura de alguns fragmentos de “histórias de vidas” de tantas pessoas que tiveram a oportunidade de sobreviver para contar o que viveram e de que forma atuaram profissionalmente mesmo que de longe para assegurar a sua proteção e a dos seus estudantes das escolas nas quais trabalham.

Em face disso, nota-se que o escrito não busca exarar e/ou problematizar os inúmeros registros de pessoas “contaminadas, mortas e/ou curadas” em nosso País, como bem pontuou o organizador desta obra, o professor Anderson Almeida, mas, desvelar como os profissionais da educação: diretores, coordenadores-pedagógicos, professores, pessoal de apoio, técnicos (sujeitos colaboradores deste ensaio) atuaram para tornar a vida do público escolar (crianças, jovens e adultos) mais humanizadas nesse momento pandêmico no qual vivemos, utilizando-se dos encontros diários e da tecnologia por meio remoto, trazendo para cada um dos estudantes e seus familiares um pouco de esperança, distanciando essa população do “fantasma” real da contaminação do Covid-19 em larga escala caso estivesse assistindo e/ou ministrando aulas em ambiente físico escolar como de costume.

No cerne deste texto, busca-se construir fragmentos de memória dos profissionais da educação a partir de um questionário dirigidos a eles, fazendo notar suas percepções a respeito da estrutura física das escolas e seu preparo técnico e pedagógico para atuar em ambiente remoto dado à pandemia do Covid-19.² No cenário atípico no qual vivemos, é perturbador ao docente e aos estudantes as incertezas que os cercam face à triste realidade legada pela pandemia. Porém, é interessante notar que há algumas possibilidades de ensino e aprendizagem no âmbito do uso das Tecnologias Digitais (TD), entretanto, sabemos que ao aderirmos à implementação destas tecnologias como forma de promoção e democratização do ensino na Educação Básica, observa-se um perigoso fosso entre os que terão acesso a esta forma de ensino (via trabalho remoto) e aqueles que ficarão excluídos deste processo formativo, lutando tão somente pela sobrevivência e em alguns instantes tendo a impressão de que estão aprendendo alguma coisa, isso se aplica tanto aos estudantes como aos professores.

Em contextos outros, especialmente apropriando-se dos discursos oriundos dos anos noventa, quando a tecnologia foi percebida e apresentada à sociedade como redentora das transformações sociais, da inclusão social daqueles que antes não tinham acesso ao conhecimento científico historicamente construído pela sociedade, além de reconhecerem nesta a possibilidade da promoção da cidadania. Paradoxalmente a este discurso, a pandemia da Covid-19 desnuda esta questão e abre novas frentes de debates a despeito da tão propalada exclusão social dos sujeitos no mundo digital no que tange o acesso aos serviços de comunicação rápida. Em um otimista estudo sobre (TD) divulgado em 2013, a professora Schlemmer, assinala

[...] que as tecnologias digitais em si não constituem uma revolução metodológica, mas apresentam possibilidades e potencialidades que podem contribuir para novas configurações e reconfigurações dos processos de ensino

² Por princípios éticos e metodológicos, as informações coletadas junto aos professores e coordenadores utilizadas neste escrito não identificarão os colaboradores com seus nomes reais, assim como os nomes das instituições nas quais trabalham. Em alguns instantes da narrativa os nomes oficiais dos sujeitos da pesquisa serão substituídos por nomes de Árvores no caso de coordenadores e *Flores* para professores.

e aprendizagem. No entanto, isso só se efetiva se os docentes se apropriarem dessas tecnologias a fim de compreendê-las de acordo com a sua natureza específica, no campo das possibilidades pedagógicas (SCHLEMMER, 2013, p. 109-110).

Em face da questão acima explicitada, nota-se que uma gama de legislação foi sancionada a fim de assegurar a implementação do Ensino à Distância (EaD) em larga escala, desconsiderando na maioria das vezes a falta de acesso aos meios tecnológicos que esta forma de ensino se propunha: observe-se o Decreto 9.057/2017 que em seu bojo tende a regulamentar o Artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e seus respectivos incisos, que tratam do (EaD).³

Sem a pretensão de aprofundar o debate e apresentar outros elementos para essa forma de ensino, o texto que segue apresenta em um primeiro momento a percepção do(a) professor(a) coordenador(a)-pedagógico(a) quanto a sua atuação junto aos professores das escolas diante desta situação pandêmica na qual vivemos.⁴ Em outro aspecto, do ponto de vista institucional, indaga-se aos coordenadores pedagógicos, assim como aos professores de história se as escolas nas quais trabalham oferece/ofereceu condições técnica, pedagógica e emocional para o trabalho dos profissionais da Educação Básica em ambiente remoto/virtual. Indagou-se, também, se os professores destas escolas dispunham de condições técnicas, materiais, pedagógicas e emocionais para lidarem com os desafios de ministrar aulas em ambiente virtual/remoto?

Por assim dizer, ampliou-se a questão ao se indagar: as escolas desenvolveram algum instrumento de consulta/orientação aos pais e/ou responsáveis para saber das reais condições técnicas e emocionais dos estudantes para terem aulas em ambiente remoto/virtual?⁵ Perguntou-se, ainda, tanto aos coordenadores como aos professores: os estudantes e professores destas escolas possuem em suas residências e/ou nas próprias escolas: redes de conexão rápida (banda larga), pacotes de serviço de internet móvel, computadores de mesa,

3 Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), pública em 27 de maio de 2020, **Notas Preliminares Sobre Educação a Distância (EaD) e Trabalho Remoto do(a)s Docentes em Tempos de Pandemia**. A nota da entidade explicita que “a Educação a Distância, compreendida de forma geral, não tem a qualidade que se pretende imprimir ao sistema educacional brasileiro presencial, na medida em que precariza a atividade docente, não garante a universalidade de acesso para a sociedade e destitui a educação de seu sentido mais pleno, qual seja, o da troca e construção coletiva do processo de ensino-aprendizagem”. <https://www.andes.org.br/sites/buscar>. Acesso em: junho de 2020.

4 A proposta inicial do texto contava com a adesão de cinco coordenadores-pedagógicos para responder o questionário, incluindo escolas públicas e privadas do estado de Alagoas e do estado e município de São Paulo, porém, por motivos não justificados, recebi tão somente duas devolutivas de coordenadores: um coordenador pedagógico vinculado a Secretaria de Educação do Município de São Paulo e de uma coordenadora-pedagógica vinculada a Secretaria de Educação do estado de Alagoas. Os convidados de uma escola privada de Maceió, assim como o convidado de uma escola municipal da mesma capital e um convidado da rede estadual de ensino de São Paulo, até o presente momento não haviam dado devolutiva. Quanto à adesão dos professores de história esta foi maior, inclusive aquele com lotação na SEDUC/AL e SEMED/Maceió, totalizando quatro devolutivas que serão exaradas na narrativa que segue.

5 Esta questão foi estendida também aos professores de história.

laptop, tablet, celulares, câmeras digitais de boa resolução, microfones para a realização das aulas em ambiente remoto/virtual?

Do ponto de vista pedagógico, como estavam/estão sendo ministradas as aulas em ambiente virtual/remoto nas escolas nas quais coordenadores-pedagógicos e professores trabalham? Os professores trabalham de suas casas ou usam a estrutura física das escolas? Há queixas dos professores, estudantes, pais e/ou responsáveis a respeito dessa nova realidade pela qual passa a Educação Básica em todo o País?

Quanto ao planejamento anual/semestral dos professores, houve alteração ou adaptação do currículo para ser trabalhado em ambiente remoto/virtual? Do ponto de vista avaliativo, entendemos que toda aprendizagem escolar precisa ser verificada/avaliada, seja em ambiente físico da sala de aula, seja em ambiente virtual/remoto. Como os professores da escola na qual você trabalha irão e/ou estão avaliando a aprendizagem dos estudantes, na disciplina de história, por exemplo? Por fim, apesar de estarmos vivendo um momento atípico da Educação brasileira em função da pandemia causada pelo Covid-19, como você avalia o processo de ensino e aprendizagem da comunidade escolar na qual você trabalha: diretor, coordenador pedagógico, professores, estudantes, área administrativa e apoio. É possível prever que a forma de ensinar e aprender de professores e estudantes será da mesma forma após a pandemia do Covid-19?

2.2 - Dilemas e possibilidades: árvores e flores “falam” sobre o ensino.com em tempos de pandemia

*Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.*

Poemas Inconjuntos, Alberto Caetano
(heterônimo de Fernando Pessoa)

A seguir, apresentarei as percepções de professores-coordenadores pedagógicos e professores de história que estão realizando suas atividades docentes na Educação Básica em ambiente remoto. Notadamente, o objetivo do escrito não é analisar seus pontos de vistas, seus discursos, suas angústias e inseguranças inerentes ao momento que vivemos, mas, trazer à luz as suas percepções do quanto é desafiador e caro aos profissionais da educação colocar em prática os seus saberes e fazeres pedagógicos na Educação Básica em ambiente virtual e/ou remoto em tempos de pandemia, mesmo que estejamos lidando com um suposto público exageradamente conhecidos como “filhos da tecnologia”. Segundo Freitas (2020):

Uma plataforma não tem como prever os caminhos de aprendizagem que um determinado jovem necessitará seguir para dominar um conteúdo. Oferece alguns caminhos, mas não necessariamente aquele que um jovem pode necessitar no ato de aprender. Só o professor pode personalizar a aprendizagem do aluno, diagnosticando presencialmente suas dificuldades e oferecendo ajuda apropriada. Não basta ter tempo diferenciado se não há ajuda apropriada no momento em que o estudante necessita. Esta ilusão da personalização virtual é uma falácia que resulta nos altos índices de evasão na atual forma de EAD e no aumento da desigualdade educacional que gera.

Assim, dizendo, as falas dos professores corroboram ao explicitado por Freitas e sinalizam a real condição das escolas, bem como as reais condições de sobrevivência do público escolar e as mazelas das desigualdades desveladas pela pandemia do Covid-19.

Percepção 1 – Coordenador-pedagógico: *Ypê Amarelo*⁶

As reflexões a seguir foram construídas a partir da percepção do professor *Ypê Amarelo*, coordenador-pedagógico de uma escola pública de Ensino Fundamental II pertencente à Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo (SME). Não obstante, a narrativa do coordenador-pedagógico remonta um pouco dos desafios que ele e tantos outros profissionais da educação têm vivenciado em nosso País nestes tempos tão difíceis fortemente marcados pela pandemia do Covid-19 e que trechos de suas percepções serão exarados a seguir a fim de não apenas registrar, mas com intuito de tecer fragmentos de memórias da atuação dos profissionais da educação tão essenciais em nosso País no momento pandêmico no qual vivemos.

A despeito de sua percepção acerca de sua autoavaliação enquanto coordenador-pedagógico diante do desafio de orientar pais, professores e estudantes quanto ao trabalho pedagógico em ambiente remoto, o coordenador *Ypê Amarelo* foi categórico ao afirmar que a sua atuação pode ser considerada “satisfatória”. Em face disso, o professor avaliou a sua atuação profissional de forma positiva, porém, ponderou acerca dos percalços enfrentados pelo Sistema de Ensino no qual trabalha quando indagado se a escola oferece condições técnica, pedagógica e emocional para os coordenadores-pedagógicos orientarem com segurança professores, pais e estudantes quanto às aulas ministradas em ambiente remoto/virtual, segundo ele:

Não oferece condições técnicas, os laptops que utilizamos nos plantões carecem de manutenção e em casa temos que utilizar aparelho e rede de

6 Como indicado anteriormente, usarei nomes fictícios para identificar os coordenadores-pedagógicos e professores que colaboraram na construção deste texto. No tocante a este colaborador, farei uso de *Ypê Amarelo* para identificar suas ponderações acerca das experiências com o trabalho remoto na SME/SP neste momento de pandemia. O professor *Ypê Amarelo* possui graduação em História e mestrado em Educação em universidades do estado de São Paulo. Tem larga experiência como docente em instituições públicas e privadas como professor da Educação Básica e coordenador-pedagógico atualmente.

conexão rápida pessoal. No aspecto pedagógico, foi criado um ambiente de aprendizagem em que o CP só tem acesso quando convidado pelo/a docente. No aspecto emocional, também não há acompanhamento pela DRE ou SME.

Questionado se os professores da escola dispunham de condições técnicas, materiais, pedagógicas e emocionais para lidarem com os desafios de ministrar aulas em ambiente virtual/remoto, *Ypê Amarelo* salientou que: “A resposta anterior se aplica a esta, com a diferença de haver cursos virtuais para o manejo da plataforma e uso do material didático enviado aos/as alunos/as”.

Quanto à atuação da escola na qual o professor *Ypê Amarelo* trabalha, se esta desenvolveu mecanismo de consulta/orientação aos pais e/ou responsáveis para saber das reais condições técnicas e emocionais dos estudantes para terem aulas em ambiente remoto/virtual, foi pontuado pelo coordenador que

Sim, por meio de questionários compartilhados no *Facebook* da escola ou por formulários impressos aos que não dispunham de internet e para aquelas crianças que não acessaram a plataforma, ligamos para os seus responsáveis para saber por que não o fizeram?

Ao ser questionado se os estudantes e professores da escola na qual o coordenador-pedagógico *Ypê Amarelo* trabalha possuem em suas residências e/ou na escola: rede de conexão rápida (banda larga), pacotes de serviço de internet móvel, computador de mesa, *laptop*, *tablet*, celulares, câmeras digitais de boa resolução, microfones para a realização das aulas em ambiente remoto/virtual, o mesmo explicou que por meio dos questionários recebidos foi possível quantificar que cerca de “80% dispunha de recursos técnicos, 10% emprestavam equipamentos e 10% utilizam as instalações da escola”, reportando-se ao público da escola na qual trabalha!

Quanto à implementação das aulas em ambiente virtual/remoto, o coordenador *Ypê Amarelo* salientou que cerca de “10% dos professores utilizam as instalações da escola para preparar e ministrar suas aulas”. Sobre as possíveis queixas dos pais a respeito dessa forma de ensinar, o coordenador ponderou que “os pais se queixam, sim, mas entendem que a escola pouco pode fazer com relação a esta situação. Neste momento ninguém se sente seguro com nada”!

Do ponto de vista pedagógico, indagou-se ao coordenador, quanto ao planejamento anual/semestral dos professores, se houve alteração ou adaptação do currículo para ser trabalhado em ambiente remoto/virtual? Para o coordenador *Ypê Amarelo*,

Houve alteração! O sistema de gestão pedagógico foi substituído pela plataforma *Classroom*. O diário outrora virtual passou a ser físico e semanal entregue por e-mail para ser impresso. As atividades foram baseadas no novo material Trilhas da Aprendizagem que adaptou o currículo em tempos de pandemia.

Quanto ao futuro próximo, os sistemas de ensino estão sinalizando que voltarão às aulas presenciais a partir do mês de setembro, o que você acha dessa tomada de decisão dos Órgãos centrais?

Que há a necessidade de um protocolo de segurança bem como a adaptação e readequação do prédio, pois, considero também a necessidade de retorno gradual privilegiando o retorno das crianças que apresentam vulnerabilidade, insegurança alimentar e os equipamentos mínimos para a permanência do ensino remoto.

Percepção 2 – Coordenadora-pedagógica: Ypê Lilás⁷

Trabalhar e viver em um estado fortemente marcado por tantas desigualdades configura um enorme desafio, vivenciar experiências laborais em um período pandêmico em função do Covid-19 para essa geração torna-se ainda mais desolador à luz da história. Dito isto, o relato que segue faz parte das experiências desta professora de história que tem atuado como coordenadora-pedagógica na rede pública de ensino do estado de Alagoas identificada como coordenadora *Ypê Lilás*.

Indagada inicialmente acerca dos procedimentos pedagógicos que desembocaram nas aulas ministradas para estudantes da Educação Básica em ambiente remoto/virtual, *Ypê Lilás* pondera que:

Como coordenadora-pedagógica na rede estadual de ensino de Alagoas tenho atuado com a proposta elaborada e orientada pela rede para o regime especial de atividades não presencial (REAENP) e considero minha atuação de forma positiva, pois a necessidade de reuniões, planejamento, orientações, definições e acompanhamento pedagógicos são muito mais presentes e emergentes nesse formato do que no presencial devido as especificidades do trabalho, o que depende muito da atuação do coordenador e da gestão da escola.

Por outro prisma, indagada sobre se a escola na qual trabalha oferece condições técnica, pedagógica e emocional para que ela oriente com segurança professores, pais e estudantes quanto à aula ministrada em ambiente remoto/virtual *Ypê Lilás*, disse o seguinte:

Como em todas as escolas da rede estadual de Alagoas as condições oferecidas são mínimas, mas na escola na qual atuo a direção se faz presente articulando com a equipe o que for necessário para que o trabalho flua. O pedagógico é alinhado com a gestão, discutido coletivamente em reuniões semanais *online*. O contato com o grupo de docentes é constante utilizando as redes sociais

⁷ A colaboradora deste questionário receberá o nome de *Ypê Lilás* é graduada e especializada em história pela Universidade Federal de Alagoas, possui larga experiência como docente na Educação Básica estando atuando há pelo menos vinte e quatro anos de efetivo exercício em sala de aula e aproximadamente oito anos como coordenadora-pedagógica na mesma rede.

e isso tem gerado uma condição emocional favorável ao trabalho através da construção de uma equipe alinhada com condições de orientar pais, alunos e professores a tempo nas demandas surgidas. Como há liberdade e companheirismo com a equipe de trabalho as emoções são controladas, mesmo com cada um vivendo da sua forma o contexto tenso imposto pela pandemia. A equipe ouve e é ouvida, reconhece o limite de um ou outro nos momentos de necessidades criando sempre um clima de encaminhamento e compartilhamento das dificuldades e sucessos criando na medida do possível uma rede de apoio entre nós diante de tantas tensões.

A questão subsequente busca refletir acerca das condições técnicas e emocionais dos professores para prepararem e ministrarem aulas em ambiente remoto, verificando as condições técnicas, materiais, pedagógicas e emocionais dos professores. Observadora do ambiente escolar e conhecedora das interfaces da docência e da Educação Básica *Ypê Lilás*, salienta que:

Os docentes da escola que em atuo tem revelado muitas dificuldades técnicas com o uso das mídias, dificuldades em baixar e utilizar aplicativos, abrir espaços de reuniões, postagem de documentos, utilizar ferramentas de ensino a distância, uso do *Google meet* e do *Goolgle classrom* etc. A interação a distância e o acompanhamento dos alunos por suas especificidades são pontos também de atenção do nosso acompanhamento com a equipe. Todos têm acesso à rede móvel e faz o uso do celular e/ou computador, ainda que compartilhados com seus familiares, para acesso aos ambientes virtuais. Emocionalmente temos um professor afastado por problemas emocionais, tem pressão alta e acompanha a mãe idosa que requer cuidados e atenção medica e um que já teve o Covid-19 com sintomas mais leves. Todos estão cansados, pois a modalidade de trabalho tem exigido o dobro e a demanda de trabalho tem sido grande. O formato do trabalho tem colocado também desafios aos docentes como pensar e planejar por áreas, utilizar temas geradores e atividades por laboratórios de aprendizagens.

Quanto à circulação de informações e orientação entre pais, estudantes e/ou responsáveis sobre aulas em ambiente remoto, a professora *Ypê Lilás*, explica que “Sim” e segue afirmando:

O instrumento utilizado foi um questionário padrão instituído pela SEDUC e respondidos pelos alunos sobre o acesso deles as redes sociais no início do período de afastamento social através de escutas aos alunos. No processo de orientação desenvolvido atentamo-nos para as dificuldades dos discentes e através de vídeos, tutoriais e orientação passo a passo e a distância, os alunos com acesso a *internet* sobre o caminho a seguir bem como identificamos aqueles que não tinham acesso para pensar estratégias de chegar a esse grupo.

Sobre o acesso e uso das tecnologias de informação por professores, pais e estudantes, *Ypê Lilás*, observou que: “Em parte todos têm internet banda larga em casa, internet móvel e celulares e que nem todos têm computadores seja de mesa ou *lep top* [...]. A reclamação tem sido grande com relação as redes que as escolas têm dado devido a demanda de serviços por este meio”.

No que tange a qualidade e desenvolvimento das aulas em ambiente remoto, especialmente ao considerar os espaços utilizados pelos professores para o preparo e realização das aulas e se estes trabalham de suas casas ou usam a estrutura física da escola? Se eventualmente existem queixas dos professores, estudantes, pais e/ou responsáveis a respeito dessa nova realidade de ensino pela qual passa a Educação Básica e se ela, professora-coordenadora se sente segura para auxiliá-los quanto as suas inquietações? A coordenadora *Ypê Lilás*, explicou que as aulas são

Totalmente à distância, todos de sua casa interagem com suas turmas através do uso de grupos do *whats app* e turmas no *Google* sala de aula em uma estrutura totalmente diferenciada da presencial. A interação se dá em dias e horários previamente definidos através de plantões com cada turma por áudio e mensagens apoiados em um roteiro de estudos quinzenais. Os alunos têm estranhado muito, relatam muitas dificuldades que vão desde o entendimento dos roteiros propostos a dificuldade de interação com alguns professores. Reclamam do acúmulo de atividades quinzenais a serem realizadas nos sete laboratórios propostos sem aula (explicação presencial dos conteúdos). Alguns pais também têm relatado que não acredita no formato de trabalho. Pais e alunos têm desacreditado e na primeira etapa do REAEMP perguntaram muito sobre nota, prova e etc. Os professores defenderam muito a validade das aulas como dias letivos contando como CH, frequência e nota, o que fez a Rede Estadual de ensino de Alagoas repensar e construir um segundo momento do REAEMP válido desde o dia 06 de julho. Mesmo com tantas dificuldades a escola alcançou 80% de participação dos alunos na primeira etapa atingindo 6 das 8 turmas da escola.

No quesito planejamento anual/semestral dos professores, alteração e/ou adaptação para ser trabalhado em ambiente remoto, assim como movimentação no currículo oficial no sentido de assegurar uma aprendizagem significativa aos estudantes em tempos tão difíceis como este em que vivemos, *Ypê Lilás* trouxe alguns elementos esclarecedores:

Os professores estão fazendo seus planejamentos quinzenais. A cada quinzena um novo laboratório de aprendizagem é planejado. Novos conteúdos foram suspensos na primeira etapa e todo planejamento e atividades eram feitas em cima de conteúdos que precisavam ser revisados e de aprendizagens que tinham que ser consolidadas visando a superação de dificuldades, o desenvolvimento de competências e habilidades, conforme o Referencial Curricular de Alagoas, a autonomia e o protagonismo dos estudantes. A base foram os testes diagnósticos realizados em cada disciplina no início do ano e as

matrizes de LP e Matemática das avaliações externas. A disciplina de História compõe o laboratório de atividades sociais e comunitárias com o objetivo de atividades que promovam a integração com o território, e a conscientização acerca do papel do estudante como agentes transformadores na construção de uma sociedade mais democrática, justa, solidária e sustentável junto com Geografia, Filosofia e Sociologia. O trabalho propõe que através de um tema gerador se planeje atividades interdisciplinares. A proposta diluiu as disciplinas o que trouxe uma dificuldade imensa para o professor pensar e planejar a especificidade de sua disciplina dentro da proposta. E essa tem sido uma dificuldade imensa.

Reportando-nos à mediação das aprendizagens históricas, pondera-se que toda aprendizagem escolar precisa ser verificada e/ou avaliada de alguma forma, seja em ambiente físico da sala de aula, seja em ambiente virtual/remoto. Como os professores da escola na qual *Ypê Lilás* trabalha irão e/ou estão avaliando a aprendizagem dos estudantes na disciplina de história, por exemplo? Houve mudança na forma do professor avaliar os estudantes da Educação Básica, que sentido? Não obstante, a coordenadora respondeu que “sim” e acrescentou:

Houve mudança, muita mudança! Como não houve novos conteúdos lecionados, pois a orientação foi revisar os conteúdos que já haviam sido trabalhados e aqueles de aquisição necessárias para base dos anos em curso iniciados pelos alunos em 2020 de forma qualitativa. Sendo assim, a verificação da aprendizagem nos meses de abril, maio e junho foi feita observando apenas a participação dos alunos nas atividades interdisciplinares realizadas em cada laboratório de aprendizagem. O registro foi feito na ficha de acompanhamento de desempenho dos alunos que observava (S) de suficiente, (I) de insuficiente e (E) de exemplar os seguintes aspectos: frequência, Interação, apresentação da atividade realizada. Observando o registro quinzenal das fichas os alunos com nenhuma ou pouca participação foram identificados e acionados a participar. A partir do dia 06 de julho a escola foi autorizada a contabilizar dias letivos, frequência dos alunos e verificação de notas em 06 das 08 turmas que funcionam com no mínimo 80% dos alunos frequentes nas atividades desenvolvidas para estas turmas.

Ao explicar acerca da movimentação, aprendizagens e percepção de todos aqueles envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da Educação Básica neste momento atípico que vivemos em função da pandemia do Covid-19, a coordenadora *Ypê Lilás*, faz notar que:

O ensino é limitado, esse é um consenso da equipe. A modalidade à distância para o atendimento diante da fase de distanciamento social tem servido, mas as possibilidades de se efetivar um processo de ensino e aprendizagem significativa é distante! Na impossibilidade de acontecer à ação direta do docente com os alunos a relação entre ensino e aprendizagem perde, o aprofundamento dos estudos operada no formato proposto pela Rede com

tantas restrições e problemáticas na prática se revela quase que impossível. Avalio a aprendizagem de todo o processo de forma positiva, pois mesmo sendo um período complicado e tenso tem trazido muito aprendizado e gerado oportunidades de aprendizagens. Direção e coordenação têm se desdobrado no acompanhamento, orientações e registros pedagógicos, professores revelam um momento de muito aprendizado, tem planejado, participado de reuniões constantes de definições coletivas, aprendido muito, mesmo que em situações de muitas dificuldades, sobre o acesso e uso de mídias. Os estudantes têm sido levados a criar autonomia nos estudos gerando tempo e espaços na rotina diária para o estudo e a atenção a dinâmica de aulas e interação com o professor e a turma em sua totalidade.

Por fim, indagada sobre o retorno das aulas presenciais a partir do mês de setembro, proposta em curso pelos gestores centrais da Educação Básica *Ypê Lilás*, salienta que essa atitude é um tanto quanto “precipitada”, acrescentando sobre as condições físicas dos equipamentos escolares:

Prédios pequenos, sem espaço, mesmo com alunos com faixa etária de jovens e adultos a escola não conta com funcionários suficientes de limpeza e de manutenção de muitos protocolos necessários ao distanciamento social. Acho que no atual contexto tudo que der para ser feito a distância é válido e tudo que se pensar em realizar presencialmente, mesmo que sendo em condições especiais não, até que se tenha uma segurança sanitária aprovada para a volta com segurança. O que mais importa nesse momento é a vida e a manutenção da saúde de todos nós!

2.2.1 - O trabalho docente remoto: percepção da professora Girassol⁸

A pandemia em que vivemos em função do Covid-19 marcará gerações e proporcionará mudanças de hábitos de grande monta no seio da sociedade em geral. No quesito escola, aulas, tecnologias da informação, percepção de ensino e aprendizagens, procedimentos metodológicos e avaliativos serão aspectos que deverão ocupar espaços nas agendas dos gestores de educação e, mais precisamente, nos cursos de formação de professores em todo o País. Não obstante, alguns professores foram submetidos a responderem uma sequência de questões semiestruturadas no intuito de compreender como estes sujeitos estão lidando com o labor docente em suas redes de ensino quanto a estrutura física das escolas e seu preparo pedagógico para preparar e ministrar aulas em ambiente remoto.

Indagada sobre as aulas de história ministradas na Educação Básica em ambiente remoto, enquanto professora de história, *Girassol* faz notar que a sua atuação junto aos estudantes das turmas para as quais ministra aulas diante desta situação pandêmica é um tanto quanto

⁸ Essa colaboradora será identificada como *Girassol*. A professora possui graduação em história pela Universidade Federal de Alagoas, é docente efetiva da rede regular de ensino do estado de Alagoas e conta com aproximadamente seis anos de efetivo exercício em sala de aula na Educação Básica.

Limitada, uma vez que, a maioria dos estudantes não estava acessando os meios disponibilizados pela SEDUC (*Google Classroom*) para os andamentos das atividades na quarentena. Infelizmente, o acesso aos alunos não chegava a 20 por cento. E mesmo os que acessavam não estavam respondendo as atividades com regularidade... No entanto, com a indicação da SEDUC (a partir de julho) de validar as aulas remotas, para fazer o devido abatimento no calendário anual, esse número tem crescido consideravelmente.

Sobre as condições técnicas, pedagógica e emocional para ministrar aulas de história em ambiente remoto *Girassol*, explicou que:

A escola [...], enquanto equipe gestora, tem oferecido momentos de formação semanal e reuniões com a equipe docente, também semanal, para organizar as atividades da semana e sanar eventuais dúvidas e problemas que possam surgir. Além disso, disponibiliza *links* de eventos de formação que estão ocorrendo tanto em nosso estado como em nosso País. É notório o empenho de toda a equipe para ambientar o professor no uso das novas tecnologias como o *Classroom* e o *Google Meet*. Através deste, por exemplo, é possível executar momentos de aulas *online* com a interação dos estudantes.

A professora *Girassol* acrescenta, que a escola na qual trabalha “tem buscado sanado dúvidas e dificuldades dos professores na medida do possível, buscando disponibilizar [...] momentos de formação e, também, momentos de reflexão e motivação com a participação de psicólogos. Agora, dada a necessidade de isolamento, as condições materiais tem sido supridas pelos próprios docentes”.

Sobre o desenvolvimento de instrumento de consulta/orientação aos pais e/ou responsáveis pelos estudantes para saber das reais condições técnicas e emocionais dos estudantes para terem aulas em ambiente remoto, a professora *Girassol* pondera que “sim, que a escola enquanto equipe gestora, mantém grupos de *whatsapp* juntos aos pais e estudantes com o intuito de promover o incentivo à participação dos estudantes nas plataformas digitais, sanar dúvidas e sentir as dificuldades dos discentes, criando-se para cada turma de estudantes da escola [...] um grupo de *whatsapp* diferente”. Sobre as questões, enquanto professora, você possui em sua residência e/ou na escola na qual trabalha rede de conexão rápida (banda larga), pacotes de serviço de internet móvel, Computador de mesa, *laptop*, *tablet*, celulares, câmeras digitais de boa resolução, microfones para a realização das aulas em ambiente remoto?

A Escola [...] não dispõe de *Internet* com acesso rápido, nem tão pouco disponibiliza computadores suficientes para os docentes, infelizmente! Além disso, por conta da necessidade de isolamento, os meios tecnológicos e eletrônicos utilizados, por mim têm sido aqueles que tenho em minha casa. Dentro das possibilidades, a *internet* por mim utilizada tem suprido as

necessidades impostas pela realidade do teletrabalho, mas, confesso que só disponho de *notebook* e celular para realizar as atividades.

Do ponto de vista técnico e pedagógico, como estão sendo ministradas as aulas em ambiente remoto na escola na qual você trabalha? Os professores trabalham de suas casas ou usam a estrutura física da escola? Você percebe queixas dos seus colegas de trabalho, dos estudantes para os quais você ministra aulas, dos pais e/ou responsáveis pelos estudantes a respeito dessa nova realidade vivenciada na Educação Básica brasileira?

Os professores da escola [...] estão utilizando seus próprios recursos e realizando suas atividades em ambiente domiciliar... Infelizmente, parte deles se queixam do baixo retorno do corpo discente, nas atividades desenvolvidas e do aumento das demandas oriundas da pandemia. Como ministram aulas em mais de uma escola, muitas vezes ocorre do professor está escalado para mais de uma atividade, ao mesmo tempo, em escolas diferentes. Além disso, trabalhar no ambiente doméstico impõe certas dificuldades como, por exemplo, ter que cozinhar, cuidar dos filhos e ministrar aulas remotas, participar de reuniões de formação etc. Os discentes, por sua vez, também reclamam do excesso de atividades na quarentena e afirmam sentir falta do contato físico com os professores e demais colegas. Além disso, também, afirmam não ter acesso à internet de qualidade, tablete ou mesmo aparelho celular. Muitos, tem que dividir o celular com os pais e irmãos. Infelizmente, não me sinto tão segura para auxiliar os estudantes em suas angustias porque o contato com eles está diminuído ao extremo. E quando é possível isso ocorre de forma coletiva, ficando difícil o contato individual. Mas, na medida do possível buscamos incentiva-los, motivá-los e orientá-los.

Reportando-se a questão do seu planejamento de aulas anual/semestral, houve alteração ou adaptação para ser trabalhado em ambiente remoto? Que tipo de adaptação você fez no currículo da disciplina que ministra no sentido de assegurar uma aprendizagem significativa aos estudantes?

Inicialmente, as recomendações da SEDUC era o de não ministrar conteúdos novos, haja vista, que parte considerável dos estudantes não estava acessando as plataformas digitais disponibilizadas para as aulas remotas. Dessa maneira, os laboratórios montados intensificaram as discussões em torno da pandemia. Mas, como já dito, a partir do mês de julho as orientações da Secretaria de Educação é de que já poderiam ser trabalhados conteúdos novos ou revisão de conteúdos trabalhados (trabalhados antes da quarentena). Nesta direção, a escola [...], optou por trabalhar, em julho, com revisão de conteúdos.

Do ponto de vista da avaliação da aprendizagem em ambiente escolar remoto, sabe-se que toda aprendizagem precisa ser verificada e/ou avaliada, em ambiente físico da sala de aula e/ou em ambiente virtual/remoto. Enquanto professora, como você está avaliando a

aprendizagem dos estudantes na disciplina que ministra? Houve mudança na sua forma de avaliar os estudantes, se sim, em que aspecto?

A avaliação está ocorrendo à medida que interagimos com os estudantes, através das aulas remotas pelo *Google Meet*, ou através da análise das respostas das atividades postadas pelo professor no *Google Classroom*. Infelizmente, dada a essa nova realidade, tivemos que flexibilizar ainda mais o olhar no que se refere à avaliação. Até mesmo porque não sabemos as reais condições enfrentadas pelos estudantes para realizar seus estudos. Além disso, a orientação da escola é que neste momento a avaliação seja qualitativa e não quantitativa.

Por fim, apesar de estarmos vivendo um momento atípico da Educação brasileira em função da pandemia do Covid-19, como você avalia o seu desempenho profissional diante de tantos recursos tecnológicos disponíveis nesse momento para serem usados em sala de aula? “Regular, apesar das dificuldades iniciais que foram muitas, estamos aprendendo com a prática e com a interação com outros colegas a utilizar dos meios tecnológicos necessários para a realização das atividades necessárias e essenciais no fazer pedagógico”.

Quanto à perspectiva dos sistemas de ensino de que as aulas voltarão de forma presencial a partir do mês de setembro, o que você acha dessa tomada de decisão dos Órgãos centrais? “Penso que o retorno das aulas presenciais tem que ser realizado com responsabilidade, para não expor docentes, discentes, administrativos, famílias etc. No entanto, se a SEDUC disponibilizar os meios necessários para que esse retorno seja feito com segurança, não vejo porque não fazê-lo”.

2.2.2 - O trabalho docente remoto: percepção da professora Tulipa⁹

Indagada acerca das aulas ministradas na Educação Básica em ambiente remoto/virtual, *Tulipa* é motivada a se autoavaliar diante das ações que tem desenvolvido em sala de aula nestes tempos tão difíceis ocasionados pela pandemia do Covid-19. Assim, a professora *Tulipa*, pondera que:

Tenho tido muita dificuldade para fazer abordagem em temas geradores que não faz parte da grade curricular de História, procuramos aproximar o máximo os temas da memória histórica, uma vez que a SEDUC estabelece uma Portaria que caiba a uma revisão; oportunidades de inserir outros universos nos roteiros? Sim, porém, muitos alunos ficam de fora da plataforma, outros não possui mesmo a habilidade com esse recurso, e também a questão que torna o distanciamento dos alunos a essa realidade escolar. Outro ponto é o abismo entre a escola pública e a escola privada. Realidades distintas. As

⁹ A professora *Tulipa* é graduada em história pelo Centro Universitário CESMAC de Alagoas, docente das redes pública e privada de ensino no estado de Alagoas e conta com mais de vinte anos de efetivo exercício docente em sala de aula na Educação Básica.

escolas públicas também oferecem o material do roteiro impresso, porém nem todos os alunos buscam.

Por seu turno, em que aspecto a escola na qual você trabalha oferece/ofereceu condições técnica, pedagógica e emocional para que você pudesse ministrar aulas de história em ambiente remoto/virtual?

Trabalho em duas escolas na 12^a GERE. Me sinto muito confortável por parte da direção e coordenação, as escolas são extremamente competentes, ora precisando ter mais pontualidade e compromisso com o corpo docente e discente, mais muito raro esse distanciamento sempre busca amparar as dificuldades dos professores e alunos. Em uma determinada escola [...] alocada no município de Coqueiro Seco a equipe gestora juntos aos professores, desenvolveram outras medidas para aproximar os alunos da escola, campanha com carro de som junto a Prefeitura do município, utilização das mídias (*instagram, faceboock* e blogueiros locais, como veículo de comunicação para distribuição do material da quinzena, foi muito interessante e valido).

Dentro desta sequência de questões, perguntei se a escola na qual *Tulipa* trabalha dispôs de condições técnicas, materiais, pedagógicas e atendimento psicológico dos professores para lidar com os desafios de ministrar aulas em ambiente virtual/remoto? A professora sinalizou que “sim, exceto atendimento psicológico”, alegando, sobretudo, está com sob carga emocional muito forte, tendo sido testada positivo ao Covid-19 com sintomas reduzidos:

Sim, exceto psicológico. Eu, particularmente estou sob carga emocional muito grande, testei positivo para o Covid-19 em maio e até agora sofro com sequelas. Ainda é um desafio muito grande atingir os 80% de cada turma e mantê-las ativas neste ambiente, pois, nossos alunos têm perdido familiares próximos como pai, mãe, irmãos e outros estão sendo vítimas da crise financeira que assola o País, crises psicológicas... uma carga emocional muito grande, alguns até sem perspectiva de futuro. Quando retornarmos devemos ser mais que um professor, é preciso acolher, confortar nossos alunos e sermos acolhidos.

Sobre a forma de comunicação entre sistemas de ensino, escolas e pais, a escola na qual *Tulipa* trabalha desenvolveu instrumento de consulta/orientação aos pais e/ou responsáveis para saber das reais condições técnicas e emocionais dos estudantes para terem aulas em ambiente remoto. Segundo ela, “ocorreu uma consulta através de telefone, depois reuniões com pais e responsáveis pelo *meet* para maiores esclarecimentos acerca da funcionalidade do Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais (REAENP)”.

Quanto ao planejamento de aulas anual/semestral da professora *Tulipa*, ela explícita que houve alteração “sim”, adaptação do currículo para ser trabalhado em ambiente remoto, a professora salienta que trabalha

Com turmas de Ensino Médio, para os primeiros e segundos anos houve uma transformação radical, trabalhar as competências e habilidades da BNCC para Ensino Médio, desconstruindo a Matriz Curricular, implementando novos elementos de transição do currículo neste novo Referencial com as habilidades previstas na BNCC em temas geradores até então nunca utilizado, a ideia de ensino híbrido já estava presente em minhas aulas, agora ele se fortaleceu. Quanto à aprendizagem dos estudantes, percebo que às reclamações surgem por parte daqueles que não tem o hábito de estudar, sentem-se sobrecarregados.

Reportando-se a aprendizagem escolar dos estudantes é sabido que esta precisa e deve ser verificada/avaliada, seja em ambiente físico da sala de aula, seja em ambiente virtual/remoto. A professora *Tulipa* assegura que está avaliando a aprendizagem dos estudantes na disciplina de história, “principalmente tem assumindo compromisso e responsabilidade com as atividades, assegurando as suas respectivas devolutivas, cerca de 50% deles [estudantes] têm se esforçado para conclusão das atividades em tempo hábil, sabendo-se que os roteiros de estudos tem duração de 15 dias”.

Por fim, apesar de estarmos vivendo um momento atípico da Educação brasileira em função da pandemia do Covid-19, ciente dos percalços em que a sociedade se encontra da qual faz parte a professora *Tulipa*, ela busca avaliar o seu desempenho profissional face aos tantos recursos tecnológicos disponíveis para educação neste momento. Segundo ela, “estou aprendendo muito, lendo mais, ouvindo mais, assistindo vídeos e *lives* produzidos por historiadores... utilizando mais recursos de áudio visual, enfim, está sendo um aprendizado, cansativo, mais gratificante”.

Sobre o possível retorno das aulas presenciais antes da vacina contra o Covid-19 que tem sido anunciada [em teste no País e mundo afora], os sistemas de ensino brasileiro têm sinalizado que deverão voltar a partir do mês de setembro. A professora *Tulipa* observa que essa atitude dos órgãos centrais de educação quanto a esta decisão é “PREOCUPANTE”! Em suas palavras: “não me sinto confortável para as aulas presenciais neste momento. Antes da vacina, não”! A professora *Tulipa* acrescenta, ainda, “estou em um estado de dicotomia, entre o céu e o inferno. Sei que é preciso estar com meus queridos alunos, mais confesso que estou com medo, pois, as últimas informações sobre o Covid-19 é que o vírus uma vez contraído nos deixa mais imune, porém, fragilizado as suas mutações. Não estou bem de saúde e não me sinto bem para o retorno”!

2.2.3 - O trabalho docente remoto: percepção do professor Lírrio do Campo¹⁰

Sobre as aulas ministradas na Educação Básica em ambiente remoto, enquanto professor de história da Educação Básica, como você avalia a sua atuação junto aos estudantes

¹⁰ O professor *Lírrio do Campo* é graduado e mestre em história pela Universidade Federal de Alagoas, é docente efetivo da rede regular de ensino do estado de Alagoas e conta com aproximadamente oito anos de efetivo exercício em sala de aula na Educação Básica pública.

das turmas para as quais ministra aulas diante desta situação atípica na qual vivemos em função da pandemia do Covid-19? O professor *Lírio do Campo* pondera que “certamente, não se tem um processo de aprendizagem satisfatória, uma vez que mais de 20% dos alunos não tem acesso as aulas e, os que têm acesso, sentem dificuldades para realizar as atividades pela falta de experiência com esse modelo de ensino”.

No que tange as formas de comunicação entre a escola e a comunidade na qual o professor trabalha, questionou-se se esta oferece/ofereceu condições técnica, pedagógica e emocional para ministrar aulas de história em ambiente remoto? Para o professor Lírio do Campo,

Tudo foi introduzido de forma emergencial, evidentemente professores, coordenadores e direção foram se apropriando das técnicas no próprio processo de ensino e de aprendizagem em ambiente remoto/virtual, sem uma formação ou preparação prévia. A Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (SEDUC) promoveu algumas *lives* via *Instagram* e *Youtube*, ao longo do processo. Apesar de algumas consultas aos professores e demais membros da comunidade escolar através de questionários no *Google Forms*, a implementação do Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais (REAENP), assim denominada pela (SEDUC) se deu de forma autoritária, sem levar em consideração as ressalvas dos professores ou se preocupar com as condições emocionais dos mesmos. A demanda de trabalho aumentou significativamente nesse período de isolamento social devido à pandemia.

Sobre as formas de comunicação entre a Unidade Escolar e a sua comunidade, esta desenvolveu algum instrumento de consulta/orientação aos pais e/ou responsáveis para saber das reais condições técnicas e emocionais dos estudantes para terem aulas em ambiente remoto/virtual?

A Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (SEDUC) promoveu algumas consultas aos professores, pais, alunos e demais membros da comunidade escolar, através de questionários no *Google Forms*. Entretanto, a implementação do Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais (REAENP) se deu de forma autoritária, sem levar em consideração as ressalvas dos professores ou se preocupar com as condições emocionais da comunidade escolar.

Do ponto de vista de infraestrutura de trabalho ao qual está submetido o professor, foi indagado: você possui em sua residência e/ou na escola na qual trabalha rede de conexão rápida (banda larga), pacotes de serviço de internet móvel, Computador de mesa, Lep Top, Tablet, Celulares, Câmeras digitais de boa resolução, microfones para a realização das aulas em ambiente remoto/virtual? O professor *Lírio do Campo* prontamente relatou que: “Enquanto professor tenho em minha residência: rede de conexão rápida (banda larga), pacotes de serviço de *internet* móvel, *notebook*, celular. Não tenho: câmeras

digitais de boa resolução ou microfones para a realização das aulas em ambiente remoto/virtual”, dificuldade de que professor eventualmente teria em planejar e realizar aulas com melhores qualidades.

Quanto à preparação e implementação das aulas em ambiente virtual/remoto pelo professor, esse trabalho é realizado de sua casa ou você usa a estrutura física da escola? Você percebe queixas dos seus colegas de trabalho, dos estudantes para os quais você ministra aulas, dos pais e/ou responsáveis pelos estudantes a respeito dessa nova realidade vivenciada na Educação Básica?

Os professores estão ministrando as aulas em ambiente virtual/remoto em suas casas. Não estão usando a estrutura física da escola. Nas reuniões virtuais, através do *google meet*, os colegas de trabalho, bem como os estudantes queixam-se bastante a respeito dessa nova realidade vivenciada na Educação Básica. As reclamações constantes, praticamente cotidianas, referem-se à insegurança para auxiliar os alunos e o despreparo técnico para a nova modalidade de ensino, denominado pela SEDUC de Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais (REAENP), bem como a demanda exorbitante de trabalho, tais como: preenchimento de relatório semanal, elaboração de Roteiros de Estudo quinzenais, postagem de atividades na Plataforma *google classroom* através de questionários no formato *google forms*, reuniões virtuais e plantões semanais para sanar as dúvidas dos estudantes, entre outras atividades.

Questionado acerca do planejamento das aulas anual/semestral, se houve alteração ou adaptação para ser trabalhado em ambiente remoto/virtual, se sim, que tipo de adaptação foi feito no currículo da disciplina de história no sentido de assegurar uma aprendizagem significativa para os estudantes da Educação Básica em tempos tão difíceis como este em que vivemos? Não obstante, o professor sinalizou que

Houve alteração nos planejamentos bimestrais e anual para ser trabalhado em ambiente remoto/virtual. A Secretaria de Educação implantou a modalidade de Laboratórios interdisciplinares, a saber: (1) Laboratório de aprendizagem de Língua Portuguesa; (2) Laboratório de aprendizagem de Matemática; (3) Laboratório de aprendizagem de Comunicação; (4) Laboratório de aprendizagem de Desenvolvimento de Ideias Inovadoras; (5) Laboratório de aprendizagem de Iniciativas Sociais ou Comunitárias; (6) Laboratório de Atividades Lúdicas; e (7) Clube do Livro. Não houve uma boa recepção por parte dos estudantes, os quais reclamavam desta organização de ensino e de aprendizagem e dos objetos de conhecimento abordados, com uma “diluição” das disciplinas de Ciências Humanas e da Natureza. A partir de julho de 2020, apesar da manutenção dos Laboratórios, a SEDUC voltou a focar nas disciplinas, embora com a manutenção da interdisciplinaridade, o que pareceu surtir um pouco mais de efeito [...].

Reportando-nos ao processo de ensino e aprendizagem, notadamente é sabido que toda aprendizagem escolar precisa ser verificada/avaliada, seja em ambiente físico da sala de aula, seja em ambiente virtual/remoto. Enquanto professor de história, como você está avaliando a aprendizagem dos estudantes na disciplina que ministra? Diante do cenário atípico ocasionado pela pandemia do Covid-19, você notou mudanças na sua forma de avaliar os estudantes, se sim, em que aspecto? Destarte, o professor *Lírio do Campo* explicitou:

Conforme foi informado anteriormente, com a nova modalidade de ensino estamos ministrando aulas em formato de laboratório interdisciplinar de ensino e não em disciplinas específicas isoladas como fazíamos. Devido à nova conjuntura, priorizou-se a avaliação qualitativa. De acordo com a Portaria de nº 1.325/2016, da Secretaria da Educação (SEDUC) do Estado de Alagoas, que estabelece a sistemática de avaliação da aprendizagem da Rede Estadual de Ensino, “a avaliação da aprendizagem auxilia a prática docente e deve ocorrer de forma contínua como apropriação, construção e reconstrução da ação educativa”. Nessa perspectiva, “a avaliação deve ser Formativa, Mediadora, Participativa, Emancipatória, Inclusiva e Democrática, norteada pela Proposta Pedagógica da Escola, proporcionando informações necessárias para as devidas intervenções e reflexões sobre os dados identificados sem, no entanto, considerá-los conclusivos e sim processuais”. A verificação do processo de ensino e aprendizagem ocorrerá de forma contínua e processual, no desenvolvimento das atividades realizadas segundo as diretrizes do Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais (REAEN), durante o período de isolamento social devido à pandemia causada pela Covid-19. Para cada período as atividades serão avaliadas de forma qualitativa, considerando a sua realidade socioeconômica e histórico-cultural, a partir das atitudes, competências e habilidades que compõem as etapas e modalidades da Educação Básica. No que se refere ao Ensino Médio, dar-se-á por atitudes, competências e habilidades básicas organizadas em eixos pelo Laboratório do Clube de Leitura, tendo a Economia Criativa como tema norteador. Desta forma, busca-se “a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos” [...]¹¹

Por fim, apesar de estarmos vivendo um momento atípico da Educação brasileira em função da pandemia do Covid-19, como você avalia o seu desempenho profissional diante de tantos recursos tecnológicos disponíveis nesse momento para implementação de aulas?

Acredito que todos nós, docentes da rede básica de ensino, temos nos superado diariamente ao passo que vemos nos esforçando para dominar os diversos recursos tecnológicos, como, por exemplo, a plataforma *google classroom*, *google meet* e *google forms*, entre outros recursos para ministrar as aulas e reuniões virtuais, que nas aulas presenciais não eram necessários.

¹¹ ALAGOAS. **Portaria SEDUC nº 1.325 de 11 de abril de 2016**. Secretaria de Estado da Educação (SEDUC). Estabelece a sistemática de avaliação da aprendizagem da Rede Estadual de Ensino de Alagoas.

Evidentemente, não tem sido fácil, entretanto, a pressão constante da SEDUC/AL, sem disponibilizar recursos técnicos e a devida formação, tem sido a maior falta de “motivação”.

Quanto ao retorno das aulas presenciais, os sistemas de ensino estão sinalizando que voltarão às aulas presenciais a partir do mês de setembro. O que você acha dessa tomada de decisão dos órgãos centrais?

Devido o quadro epidêmico que vivemos e a quantidade de alunos por sala de aula, parece-me inviável retomar as aulas presenciais a partir do mês de setembro e/ou no mínimo, irresponsável. Com todos os problemas mencionados sobre o processo de ensino e aprendizagem em ambiente remoto/virtual, temos maior segurança na prevenção da doença do Covid-19, o que não será possível na escola. Em Alagoas, fala-se em ensino híbrido, devemos ficar atentos, pois me parece mais demanda de trabalho e precarização da profissão docente.

2.2.4 - O trabalho docente remoto: percepção da professora Gérbera¹²

Indagada acerca das aulas preparadas e ministradas na Educação Básica em ambiente remoto pela professora Gérbera, ela esclarece que enquanto professora de história, “considero minha atuação limitada e frustrante, pois, não tenho conseguido contatar todos os alunos. Tenho me deparado com dificuldades técnicas, materiais e também pessoais, como a timidez em falar nas redes sociais, a ansiedade em relação à eficácia dos equipamentos e a *internet*”.

Ao se reportar a escola na qual trabalha a professora *Gérbera*, assegura:

As condições de trabalho são precárias no presencial e pioraram no ambiente remoto, já que a Secretaria de Educação não nos forneceu equipamentos e nem *internet* de banda larga para o trabalho remoto. Estamos custeando todo serviço com o plano de dados e equipamentos pessoais. Os materiais impressos para os alunos são por conta da escola. A direção e a coordenação pedagógica tem nos apoiado e se esforçado para atender as exigências da SEDUC/AL. Quanto ao pedagógico, estamos aprendendo na prática, nas poucas formações ofertadas pela SEDUC/AL e compartilhando experiências entre os colegas.

A escola na qual você trabalha dispõe de condições técnicas, materiais, pedagógicas e atendimento psicológico para os professores para lidar com os desafios de ministrar aulas em ambiente virtual nestes tempos pandêmicos? Segundo a professora *Gérbera*, a escola na qual trabalha,

¹² A professora *Gérbera* é graduada e especializada em história pela Universidade Federal de Alagoas, é docente efetiva da rede regular de ensino do estado de Alagoas e conta com aproximadamente quinze anos de efetivo exercício em sala de aula na Educação Básica em escolas públicas e particulares.

Possui um laboratório de informática com poucos equipamentos funcionando. Não atende a quantidade de alunos da escola e nem tem um funcionário que trabalhe no mesmo. Existem computadores na coordenação, na direção e na secretaria. Não tem computadores na sala dos professores nem nas salas de aula. A *internet* é instável e não está disponível para todos os alunos!

Indagada se a escola na qual a professora *Gérbera* trabalha, desenvolveu e/ou desenvolve algum instrumento de consulta/orientação aos pais e/ou responsáveis para saber das reais condições técnicas e emocionais dos estudantes para terem aulas em ambiente remoto, ela esclarece:

Antes da suspensão das aulas foi enviado um formulário simples via *whatsapp* para saber qual a rede social utilizada pelos alunos. Nada tão detalhado e específico para saber das reais condições técnicas e emocionais dos dele para terem aulas em ambiente remoto/virtual. Estamos percebendo a falta de condições no contato com alunos e pais a partir do trabalho que fazemos como DOT (Docente Orientador de Turma), que é uma função dos professores na escola de tempo integral.

Sobre o acesso e disponibilidade a equipamentos, *internet* rápida, perguntei se a professora *Gérbera* possui em sua residência e/ou faz uso dos mesmos na escola na qual trabalha? Segundo a professora, “posso em casa equipamentos que possibilitam o trabalho remoto, exceto a *internet* que é lenta para uso de muitos aparelhos. A escola não tem condições para o desempenho de atividades remotas”.

Quanto à elaboração e implementação das aulas para serem ministradas de forma remota, você trabalha de sua casa ou usa a estrutura física da escola? Tem percebido queixas dos seus colegas de trabalho, dos estudantes para os quais você ministra aulas, dos pais e/ou responsáveis pelos estudantes a respeito dessa nova realidade vivenciada na Educação Básica? Diante destas indagações a professora *Gérbera*, pondera a respeito, sinalizando que:

Estamos trabalhando de casa. Nas reuniões, nos contatos pessoais os colegas estão estressados, ansiosos, angustiados, sobrecarregados com as cobranças da escola e da SEDUC/AL. Os pais/responsáveis sofrem por que não tem condições financeiras e materiais para as aulas remotas dos alunos e estão também inseguros quanto ao aprendizado e o aproveitamento escolar.

Quanto ao seu planejamento de aulas anual/semestral, houve alteração ou adaptação para ser trabalhado em ambiente virtual? Que tipo de adaptação você fez no currículo da disciplina na qual ministrar aulas no sentido de assegurar uma aprendizagem significativa aos estudantes? A professora *Gérbera* salienta que “sim”, houve movimentação no planejamento anual/semestral da disciplina. Segundo ela, “tivemos que reduzir o currículo e os conteúdos. Estamos fazendo atividades com questões objetivas no *Google formulário online* e em material impresso”.

Por fim, apesar de estarmos vivendo um momento atípico da Educação brasileira em função da pandemia do Covid-19, em uma autoavaliação, a professora *Gérbera* expõe que vem tendo “momentos de angústias por não conseguir alcançar todos os alunos. A desigualdade de condições é severa. Quanto ao meu desempenho profissional, considero satisfatório em razão dos conhecimentos e habilidades já adquiridas em formações para o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação e por ser estudante de cursos em EAD”.

Quanto ao retorno das aulas presenciais, já noticiadas pelos sistemas de ensino a partir do mês de setembro, a professora *Gérbera* acredita ser “muito preocupante, principalmente para a rede pública de ensino de Alagoas devido à precariedade na infraestrutura das escolas, recursos financeiros e humanos insuficientes, dificuldades para manter e controlar as medidas sanitárias necessárias”.

3 - Considerações finais

O texto em tela buscou, inicialmente, compreender algumas interfaces do trabalho remoto e/ou teletrabalho em tempos tão difíceis e incertos no qual vivemos desde as primeiras confirmações de contaminação e mortes de pessoas pelo Covid-19. Considerando as dores pelas perdas de tantas vidas em um curto espaço de tempo no Brasil e no mundo, o escrito tentou trazer um pouco de esperança nas posições assumidas pelos nossos colaboradores (professoras, professores de história, coordenadores-pedagógicos com formação também em história).

A proposta inicial do texto contava com a adesão de aproximadamente seis professores-coordenadores pedagógicos (dois lotados em escolas privadas, um pertencente a escolas alocadas em Maceió e outro alocado na cidade de São Paulo; dois coordenadores com lotação em escolas municipais, sendo um deles pertencentes à SEMED/Maceió e o outro com lotação na SME/SP e dois das redes estaduais de ensino, um lotado na SEDUC/AL e o outro na SEE/SP). Infelizmente, por motivos outros, o texto foi composto com a adesão de dois professores-coordenadores pedagógicos, respectivamente um de São Paulo e o outro do estado de Alagoas.

No que tange a participação dos professores, esperava-se uma adesão maior, seguindo a seguinte ordem (dois professores lotados na rede de escolas privadas de Maceió e dois na cidade de São Paulo; dois professores lotados na rede municipal de ensino de Maceió e dois lotados na rede municipal de ensino de São Paulo e, por fim, dois professores lotados nas redes estaduais de ensino de Alagoas e de São Paulo) com o objetivo de construir uma perspectiva de como os profissionais da Educação estavam atuando em dois espaços relativamente complexos. Não obstante, contamos com a colaboração de quatro professores da rede regular de ensino do estado de Alagoas, que em outros momentos também haviam atuado profissionalmente nas redes privadas de ensino e também na rede municipal.

Dito isto, as falas dos professores e coordenadores foram bastante elucidativas para percebermos o quanto estamos distantes da democratização da informação apesar de

acharmos que a essa geração é fortemente marcada pelo acesso e uso dos equipamentos tecnológicos. Só que não!

Por fim, em contexto de pandemia ou não, valho-me das reflexões de Freitas (2020) para dizer que:

Uma nova proposta educacional deve pensar a formação dos estudantes em conexão com a vida e não em uma “bolha tecnológica virtual”. As finalidades da educação devem ser repensadas a partir da necessidade de se introduzir a juventude na vida, no mundo real de forma direta, refletindo sobre este e sobre seus problemas de maneira crítica. Faz parte disso, o desenvolvimento das relações interpessoais com seus colegas de turma; o desenvolvimento da capacidade para o trabalho coletivo em grupos e para auto-organização pessoal, construindo igualmente sua individualidade; apontando para o domínio e inserção nas culturas, entre outros aspectos.



PARTE II
ARTIGOS DE REFLEXÃO E
TESTEMUNHO

TERCEIRO MOVIMENTO

“NÃO POSSO RESPIRAR” (*I CAN NOT BREATH*) HÁ 500 ANOS

Prof. Dr. Alberto Vivar Flores
Universidade Federal de Alagoas

E Deus formou o homem do pó da terra e soprou nas suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.

1. O Homem, humanidade animal, é feito de terra úmida que vai secando e confundindo-se, ao andar, com o pó do caminho de sua breve biografia; de energia que se vai aquecendo e derretendo sob o sol; de matéria que se vai desintegrando átomo atrás de átomo enquanto o tempo passa; de espírito espaço-temporal que se extravia e que se encontra nesse labirinto vertiginoso de finitude infinita. E ainda que tenha sido processado geneticamente desde antes do *Big Bang*, na realidade, sua revolucionária aparição terrenal e sua longa duração temporal é demasiado minúscula: *Simius Homo, Homo habilis, Homo erectus, Homo Sapiens, Homo loquens, Homo faber, Homo eroticus, Homo juridicus, Homo sacer, Homo utopicus... semper Homo, Humus per omnia saecula saeculorum*. Microcosmo, micro-organismo, microsíntese do macrocosmo vivo. Desde o princípio, realidade vivente dentro dessa complexa dialética vida/morte, constitutiva do átomo primordial.

2. *El Homo* é, nada mais e nada menos – confessa com desnuda sinceridade o *Homo hermeneuticus* –, apenas um tecido emaranhado de energia/matéria, espaço/tempo, terra/água, sol/ar, mineral/vegetal/animal, enfim: um quebra-cabeça de múltiplas cores, sem armar. Um belo jogo de palavras à procura de seu significado e sentido. Um poema *logos*, intentando escrever o último verso. Uma descomunal força centrífuga e centrípeta em busca irreprimível por seu eixo. Um corpo de bela anatomia com um rosto duro e frágil, maduro e terno: oh, jovem avô! Uma mirada permanente de luz projetada sobre um fundo claro/escuro. Uns indagadores olhos brilhantes que perguntam por *algo* ou, talvez, por *Alguém*. Uma desconcertante alegria torturante de ser o *Da-sein*: o *ahí del Ser* ou *el Ser ahí*, unida inexoravelmente a uma nostalgia melancólica de sede de imortalidade. Uma escritura sagrada predicada em um templo secular. Uma busca ardente de significado no deserto sem sentido do Ser.

3. *El Homo* é o que come, registrou com extrema sinceridade físico-química Ludwig Andreas von Feuerbach. E *el Homo* tornou-se filho do limo, escreveu Octavio Paz; Filho do tempo, filósofo Martin Heidegger; Filho do milho, decretaram Aztecas, Mayas e Incas em sua sabedoria ancestral. Comer e trabalhar para comer, pois, com vistas a manter-se vivo foi – sentenciou Karl Marx – o primeiro ato histórico do Homem. Assim, o Homem transformou-se em uma trinitária unidade temporal de passado, presente e futuro neste Vale de Lágrimas onde conquista o pão com o suor do seu rosto, ainda que “Alguém” lhe tenha dito – *in illo tempore* – que “Nem só de pão vive o Homem”.

4. *El Homo* é um cotidiano *modus vivendi*, ou seja, uma dramática “Instituição imaginária da sociedade” (Cornelius Castoriadis) na qual a infraestrutura, a estrutura e a superestrutura articulam-se sistematicamente em um determinado modo de produção da vida, dando lugar a um arbitrário Estado de Direito ou, para melhor dizer, a uma violência institucionalizada que chegou contaminando o Continente Americano no fatídico 12 de outubro de 1492. Seus sinais “eurocêtricos” de identidade foram, todavia são e, acaso, serão: doença, violência, dominação, colonização, escravidão, genocídio, epistemicídio, etnocídio, ecocídio, deicídio, tabula rasa, guerra, fome, sede, injustiça, enfim, desumanidade. Seu *modus operandi*: *Homo homini lupus*. Sua divisa: *In God we trust*. Seu nome: Processo de produção do capital (Karl Marx). Dito em abreviada e estreita síntese: Capitalismo.

5. *El Homo* é um incorrigível e perverso animal *oeconomicus* com características biológicas estomacais, pois tudo que toca, vê, ouve, cheira e degusta transforma em merda. Nem sequer é capaz de manter-se à altura da conscientização a que o elevou seu atrevido, ousado e desvairado discurso filosófico *De Dignitate Hominis* (Giovanni Pico della Mirandola). Apagou no horizonte de sua compreensão cultural civilizatória a categoria bíblica *Imago Dei* e nem sequer foi capaz de sustentar o descobrimento extraordinário de sua nobre distinção ante qualquer outro ser da Natureza: “O Homem não passa de um caniço, o mais fraco da Natureza, mas é um caniço pensante” (Blaise Pascal). Em sua miopia, absurdo e inútil afã de radicar-se em sua imanência, terminou por erradicar de sua existência a transcendência; permanecendo cego, mudo e surdo à voz da antiga palavra: “Honram bem a Natureza aqueles que lhe ensinam que ela pode falar de tudo, até de Teologia” (Blaise Pascal).

6. *El Homo* atual é contemporâneo de si mesmo e absoluto senhor do tempo, sobretudo em sua radical insistência de ir mais além da modernidade. De aquela modernidade triunfante e vaidosa por haver inaugurado, pela primeira vez, um tempo secular, profano, antropocêntrico; superando na sinuosa e ziguezagueante trajetória da “história humana” as etapas cronológicas de um tempo circular cosmocêntrico e de um tempo perpendicular teocêntrico. Modernidade embriagada em sua vertiginosa carreira de evolução, progresso, liberdade, ciência, tecnologia, industrialização, razão, *Homo Deus*. No entanto, além da modernidade, paradoxalmente, apareceu, intempestivo, o abismo infinito do nada; o delírio em erupção da folha em branco; o deserto epistêmico sem fim das palavras e das coisas; o

infantil e ininterrupto interrogar socrático; a profundidade oca da existência; enfim, *Docta Ignorantia*. Então, como um relâmpago no meio da noite, apareceu desnudo “o esplêndido animal” – disse a voz de Nietzsche com sibilina arrogância –, uma vez que “Deus está morto”. Mas, “Se Deus morreu” – agregou com perplexidade Dostoiévski –, “tudo está permitido”. Afinal de contas, também, “O Homem é uma invenção” – murmurou sorrindo, entre sarcástico e amargo, Michel Foucault –, “e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim”. Assim, em um *insight* suicida, concluiu, desolado, angustiado e desesperado, Jean-Paul Sartre: “O homem é uma paixão inútil”.

7. *El Homo* se revela, por fim, como anti-humano no lúgubre esplendor do épico e prometeico período antropoceno. Ainda não acabou de nascer de todo do ventre Quaternário, nem sequer ultrapassou completamente as arcaicas paisagens planetárias do Pleistoceno e Holoceno, e já parece querer ardentemente – na medida que se afasta – encontrar o caminho de retorno à sua origem: “Com o suor de teu rosto” – disse uma voz ancestral – “comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás”. A instalada “Era da Incerteza” (John Kenneth Galbraith) à qual chegou sem querer, a aguda, ácida e azeda crise da Humanidade: aquela em que o Homem aparentemente não sabe nada, nem sequer sobre si mesmo, “mas sabe que não o sabe” (Max Scheler) – certamente, em seu inegável, inconfessável e honesto afã de encontrar uma certeza absoluta em que se apoiar –, terminou por desvestir a própria realidade enquanto tal, em sua totalidade, de sua verdade, de seu princípio e fundamento: a proclamada humanidade do animal humano, da natureza humana, do ser humano, da realidade humana. Assim, paradoxalmente, desde o *Big Bang* até hoje, *el Homo* foi descobrindo e esclarecendo sua inimaginável identidade; porém, também, e ao mesmo tempo, como que renunciando a ser ele mesmo, ou seja, centro e eixo do caosmo, da alteridade da realidade enquanto tal em sua totalidade. Em definitivo, heideggerianamente dito, “ser-o-aí e o-lá da verdade do Ser”. A este absurdo esforço por desnudar de sua inerente dignidade ao *Homo Natural*, a esta situação civilizacional enfermeira do *Homo Sapiens* e a essa progressiva destruição de seu *Habitat Natural* – a Mãe Terra – os aduladores da ciência e da tecnologia, dos inventores do *Homo cyberneticus* ou do *Homo ersatz*, enfim, os olvidados de si mesmos, chamaram-lhe, geologicamente, de Antropoceno.

8. *El Homo* – disse o apóstolo da independência de Cuba, José Martí – é *el Hombre Natural*. Aquele que foi encontrado, invadido, conquistado e colonizado, tanto em 12 de outubro de 1492 como em 22 de abril de 1500, pela nascente modernidade capitalista europeia. Aquele que de lá para cá nunca conseguiu sair desse *Pachacuti*, desse mundo ao revés inaugurado e institucionalizado pelo pecado original do colonialismo. Aquele que em sua metamorfose mestiça, utópica e rebelde falhou em mudar o neocolonialismo, o subdesenvolvimento, a dependência, a exclusão, a marginalização e a opressão a que foi submetido a ferro e a fogo desde que se inventou a América. Desde esse tempo, pois, o Continente Americano como um todo, mas, sobretudo, América Latina, sob a espada e a

cruz, experimenta um modo de produção da vida que não lhe permite respirar, ou seja, viver. Desde há mais de 500 anos, pois, o grito de protesto de George Floyd (*I can not breath*) ecoa através e ao longo de Nossa América em um combate permanente entre a cultura, a civilização e a barbárie. Surpreendidos nesta hora da História – como em outro tempo os Povos Originários da América – pela mundial mortandade provocada pelo coronavírus *Les hommes contra l'humaine* (Gabriel Marcel) e “O Capital contra a História” (Osvaldo Coggiola), ante um Universo mudo e indiferente a suas rezas, orações ou feitos prodigiosos, pensam, reflexionam, imaginam sonham... Talvez concluam dando razão a Karl Marx: “Com esta organização social termina, assim, a Pré-História da sociedade humana.”

9. El *Homo* é uma “Casa Comum” dentro de uma “Aldeia Global” (Herbert Marshall McLuhan) chamada *Cosmo* comandando uma História “Universal”. Não é apenas uma arquitetura de espaço-tempo feita quimicamente de carbono e água. Não é *Algo* ao relento, senão *Alguém*. Não é, de nenhuma maneira, apenas uma *Pergunta* que se perde em seu próprio Perguntar. Não é nem pode ser o absoluto Criador de Sentido que se experimenta Sem Sentido, Sem Fundamento, Sem Significado, Sem Solução. Não é uma moeda falsa e, *ipso facto*, sem valor. O Homem é a Fonte de valor enquanto tal em sua totalidade. Os cientistas, e também os filósofos, chamaram a essa identidade e dignidade de Princípio Antrópico; pois, tudo gira em torno da Vida Humana. Ao fim e ao cabo, tudo é História Humana: a história da Natureza, do Universo, da Vida, enfim. Tudo se tornou circunstância do Homem, o *Sitz in Leben*, seu assento vital. A respeito, José Ortega y Gasset declarou: “Eu sou eu e a minha circunstância, e, se não a salvo, não me salvo eu”. Chegado, pois, à trágica, dramática ou cômica circunstância contemporânea da História, o Homem não pode ansiar – lamentando – um suposto “Paraíso Perdido” (John Milton) ou interpretar o presente como um “Inferno” (Dante Alighieri) apocalíptico a que nos conduz o legado natural da hibridéz humana. Neste instante da História – já que não há tempo a perder – trata-se, pelo menos, de atender às mais lúcidas consciências críticas da Europa quando aconselham: “Não nos sigam! ou Parem de seguir-nos!” Em definitivo, se não podemos continuar assim, deveríamos prestar atenção às palavras de Frantz Fanon, ditas um pouco antes de morrer: “[...] se queremos levar a Humanidade a um nível diferente daquele onde a Europa a expôs, então temos de inventar, temos de descobrir.”

10. *Ecce Homo* – disse Pilatos ao populacho, mostrando Jesus de Nazareth, ensanguentado, coroado de espinhos, humilhado e ofendido. A causa verdadeira de sua morte não foi a blasfêmia inquisitorial de considerar-se Filho de Deus, mas o mal exemplo de uma vida exemplar: “Os fariseus odiavam Jesus por causa de sua liberalidade face à lei, face a Deus e às sagradas tradições, pervertendo o povo. Motivos, pois, de ordem política, nacional e religiosa decretaram a liquidação do Profeta” (Leonardo Boff). A contaminação agressiva da Natureza e sua dialética reação mortal – catalogada pelos entendidos como coronavírus – conformam atualmente nosso dia a dia ecológico: semeado de cadáveres, de cruces e de lágrimas. Por todas as partes ecoam as notas musicais de uma melancólica e

lúgubre canção: “Não posso respirar, não posso mais nadar/A Terra está morrendo, não dá mais para plantar/E se plantar não nasce, se nascer não dá/Até pinga da boa é difícil de encontrar” (Luiz Gonzaga). Nesta hora noturna e enlutada da História – em que a coruja não apenas levanta voo, senão que revolteia triunfal com sua corte de aves de mal agouro – aguardo com paciente impaciência o canto do galo da madrugada e o sol do amanhecer de um novo dia. Me imagino dormindo ao relento, sob o céu estrelado dessa América rural, campesina, de montanhas e rios, livre de inseticidas, sem a camisa de força de transgênicos, sem contaminação, sem poluição, ainda não ferida de morte pelo vírus da civilização moderna do progresso. Ante a tradicional frase consoladora dos mais velhos – “Todo tempo passado foi melhor” – e ante as ilusórias e esquizofrênicas futurologias – quase todas mediadas por um apocalipse sem igual – minha imaginação latino-americana se recusa, em esta inevitável encruzilhada da História, a fazer a disjuntiva pergunta: “Paraíso Terrestre. Saudade ou Esperança?” (Carlos Mesters). Também se recusa a aceitar uma possível volta à “normalidade” de um mundo injusto – que em Nossa América já dura mais de 500 anos – como se recusa a substituir o Capitalismo Neoliberal simplesmente por um utópico “Ecosocialismo do Século XXI”. Penso também, na verdade, no surgimento de um novo humanismo “demasiado humano”. Mas não me refiro àquele cruel humanismo pós-moderno – supostamente sem retorno – que levou a Humanidade à absurda aspiração de querer reconciliar-se e/ou identificar-se com sua “Natureza animal” (Giorgio Agamben). Refiro-me ao humanismo sintético – natural produto dialético de tantos anti-humanismos através e ao longo da História – concretizado, por exemplo, em Jesus de Nazareth, mas também pelo subversivo humanismo fraterno de Francisco de Assis: “Irmão sol/Irmã Lua/Irmão lobo/[...] Irmã morte”; e por tantos homens rebeldes que morreram tentando “pôr de pé um Homem Novo” (Frantz Fanon) através dos séculos... “sem perder a ternura jamais”.

4

QUARTO MOVIMENTO PANDEMIA: UM SILÊNCIO REVELADO

*Prof^a Me. Clara Suassuna Fernandes
Universidade Federal de Alagoas*

Começou a pandemia no mundo, pensei: está na China, do outro lado do mundo, portanto, não vai chegar aqui nem tão cedo. Esqueci de uma coisa chamada avião/ navio com os homens em pleno movimento. A modernidade veloz lascou todo mundo e eu estou dentro desse pacote.... Não fiquei de fora de sentir medo, ele, o vírus da Covid-19, tornou-se mais real para mim quando os casos começaram a crescer no continente europeu. Até que chegou lá no sul do país e eu como nordestina pensei: o meu país nordestino é pobre, sem água, sem saneamento e sem comida para todos. Logicamente, a pandemia chegou e chegou com força.

A pandemia com toda a tragédia que a acompanha revelou um Brasil real frágil, sem moradia, sem saúde, sem educação, mas nos revelou uma parcela da população que acredita e que não tem medo de (re)construir, um país solidário. Há o outro lado também, que formado por pessoas aproveitadoras, que burlam os meios oficiais/ ou não para tirar proveitos. Mas isso, é um dos elementos da natureza humana. O homem está acuado e por isso vem revelando o seu lado mais violento e sórdido. Tudo isso pode estar associado ao medo real da morte. Nós todos temos medo dela e inventamos mecanismos para burlar a “Caetana” - figura da morte no sertão nordestino: alguns de nós somos imortais, recebemos inclusive certificados como prova da nossa imortalidade. Mas ninguém até hoje ganhou essa graça. É por isso que a pandemia nos traz tanto medo, pois a morte está junto de todos nós e não sabemos como conviver com ela, muito menos qual será seu próximo alvo. Os jovens desafiam o Covid-19. Os idosos e grupos de risco estão trancados em casa, tentando manter o equilíbrio do corpo e da mente. Sou o que os médicos e técnicos chamam de grupo de risco. Como eu não tenho o equilíbrio físico, só me resta o mental, mesmo assim estou fazendo um esforço enorme para não cair. Tenho receio de não aguentar. Para que isso não aconteça tenho dois meios: livros e discos.

É por meio dos livros e da música que estou conseguindo manter a minha mente sã. Não há uma receita de bolo, mas outros componentes que têm contribuído para manter o

meu equilíbrio físico e mental, são a ioga e a meditação. A música pela manhã me acalma e a leitura à tarde me faz refletir sobre tudo. Tenho pensado muito sobre o ter, o ser e o querer. Diante de tantas perdas reais, repenso o que significa ter. Não pretendo ter muito, mas o suficiente para viver com dignidade. E sou uma pessoa cara, pois necessito de ginástica e cuidados específicos por ser portadora de deficiência, preciso de um carro para andar. A sorte é que sou pequena e como pouco. Leis da compensação da vida. Será?

O ser... o meu ser veio ao mundo grato por ter nascido. Sou uma sobrevivente e tive a sorte de ser cuidada desde meu nascimento. Sou formada em História e por meio da ciência, conheço o mundo. Quantas viagens fiz? Inúmeras. Várias por meio de avião, carro, outras por meio dos livros. Andei quilômetros, mesmo sentada em uma poltrona, como agora. Na minha vida esse não é o primeiro momento que parei minhas atividades normais. Aos 14 anos fiz uma grande cirurgia nas pernas e passei cinco meses deitada. Não perdi o ano escolar, pois as minhas colegas levavam as tarefas e a minha mãe e minha irmã mais velha me orientavam. Mas, não podia sair da cama por conta das pernas engessadas. Em plena adolescência aceitei o que tive que passar e não perdi a vida, não tive que me reinventar. Tudo isso faz parte da vida. Não classifiquei como tempo perdido, assim como agora.

Estou novamente aprendendo, mesmo com medo, a ficar mais sozinha, a fazer e cuidar da casa de uma forma mais diária. Senti como o ambiente do trabalho me faz falta. Como a diversidade precisa ser vivida. As saudades são inúmeras. Até dos cheiros eu sinto falta, como o cheiro do mar. O cheiro dos livros que trazem tantos caminhos e abrem as nossas mentes. A troca de ideias nem sempre são fáceis de serem absorvidas nas reuniões e elas estão fazendo falta. Os amigos ganharam outros valores, assim como a minha família. São peças raras no tabuleiro de xadrez que estamos andando. Mesmo assim estou viva! O meu dia continua cheio, mas há outras práticas, outras prioridades.

Como a gente vai responder às novas necessidades? Não sei, temos que aguardar as possibilidades aparecerem. Ninguém precisa se reinventar, com tal conceituação as pessoas estão negando a uma experiência da vida. Eu não sou um invento e muito menos preciso me reinventar.

Não estou afirmando que o que estamos vivendo seja agradável, mas fico pensando que mesmo assim, sou privilegiada. Tenho casa para me abrigar, comida e emprego. Só não tenho a liberdade. Mas será que a liberdade existe de fato? Ela é uma construção dentro da História e também monitorada pelos espaços que circulamos. Ela faz parte do simulacro do mundo. O que é real? Acho que chegamos ao x da questão: a morte é real e por isso estamos tão frágeis. Com a pandemia, o real apareceu de forma clara para todos os indivíduos.

De querer, segundo ponto. Quero o mundo, mas o meu mundo com sol, água, vento, terra para sentir de onde venho. Entender as minhas origens, as minhas identidades. Eu sou única e múltipla ao mesmo tempo. Não sou indivíduo, sou composta por divíduos. Sou composta por milhares de pedaços, cada um tendo uma vontade e vendo o mundo por diversos ângulos. Meu sangue é sertanejo, minha criação é urbana, minha vida profissional começou em Recife e hoje estou em Alagoas. Porque não escrevi Maceió? Porque hoje conheço parte

do interior do estado pelas terras dos quilombolas. Posso dizer, sem medo, que conheço uma pequena parte do Brasil real. O Brasil ideal, na maioria das vezes, cobre o mundo real com cortinas grossas, que não nos deixam ultrapassar. O mundo quilombola está sendo atingido em cheio assim como os territórios indígenas com a pandemia. Gente que construiu e constrói diariamente o Brasil real está morrendo, e o pior de tudo sem assistência, porque são considerados grupos periféricos pela elite brasileira. Esse é o nosso Brasil que se revela de forma crua e sangrenta. Mas são os homens que estão à margem da estrutura social, que carregam tijolos, erguem as paredes, pintam, produzem o pão e ao final do dia andam quilômetros para chegar em casa.

Eu tenho a sorte de ultrapassar os limites e de conhecer o mundo real. O mundo real visto por nós pode nos provocar um sentimento de medo. Não quero dizer que não tenho medo. Tenho e muito, mas não posso ficar parada, não posso pedir para que outras pessoas vivam as situações por mim. Não tem jeito, mesmo sendo frouxa em algumas situações, o caminho está na nossa frente. Quem já não tremeu nas bases? Às vezes, a gente até recua, mas o recuo não significa derrota. Diante de uma pandemia, não tem retorno, temos que vivenciá-la mesmo contra nossa vontade e ela não nos trouxe um manual. Esse é o nosso maior medo, a humanidade não é infalível e ela não é maior que o mundo dito animal. O mundo racional não superou o mundo dito irracional. A pandemia é o exemplo disso.

Pensar que a cada dia é um dia de vitória, me ajuda a enfrentar o medo que paira sobre nossas cabeças. Não fui ainda contaminada pela Covid-19, enquanto alguns irmãos, primos adoeceram e foram curados. Alguns amigos, conhecidos, estudantes que faziam parte da comunidade da UFAL, infelizmente, faleceram. Os fortes serão os sobreviventes dessa pandemia, mas isso não está vinculada a idade ou ao corpo perfeito. O código genético é que conta para a salvação, ou a forma como o vírus se comporta dentro de cada um de nós.

O mundo já passou por inúmeras crises de pandemia na Idade Antiga, Idades Média e Moderna, além da Idade Contemporânea. Hoje, a comunicação e a globalização nos tornam únicos, uma grande aldeia mundial. Não acredito que haverá uma mudança universal, mas nos nossos pequenos mundos sim.

O uso da máscara realmente impede a contaminação e isso eu vivi. Não fui contaminada porque respeitei a distância e estávamos com a máscara quando tive contato com a minha irmã doente e ela não sabia. O uso da máscara teremos que fazer por um longo tempo.

Não podia deixar de fazer alguma referência histórica: o nosso Padre Cícero em pleno sertão salvou inúmeras pessoas com o ensinamento de lavar as mãos. Naquela época (início do século XX), a noção de higiene para a população pobre era mínima e a ação foi atribuída plano dos milagres, pois a falta de assistência de saúde à população sertaneja do Nordeste era absoluta, tudo era muito precário e atribuído a Deus. Vamos seguir este “milagre”, que salva vidas e é uma lição científica, que a maioria da população contemporânea ainda não aprendeu.

A pandemia pode nos levar a enxergar e atuar para melhorar o nosso mundo real. Assim espero! Isso podemos fazer.



PARTE III

RELATOS PARA O PRESENTE
E O FUTURO

QUINTO MOVIMENTO

RELATOS PARA O PRESENTE E FUTURO: COMO A PANDEMIA DA COVID-19 AFETOU A SUA VIDA E DE SUA FAMÍLIA?

5.0 - Considerações Iniciais

Testemunhos, depoimentos, relatos e “escritas de si” como cartas, diários, livros autobiográficos e de memórias nem sempre foram considerados “documentos” confiáveis para os historiadores. Inúmeros teóricos da chamada “disciplina do tempo” viram com desconfiança e certo desprezo o descolamento do sentido de documento para além do registro escrito oficial, estatuto esse que era característica do “regime de historicidade” (HARTOG, 2013) do século XIX e início do século XX. Em texto clássico sob o título de “Documento/Monumento”, o historiador francês Jacques Le Goff (1994, p. 535-549), membro da chamada terceira geração da *Escola dos Annales* (França) - formada por partidários de uma renovação sobre o estatuto da disciplina e do “ofício do historiador” (BLOCH, 2002) - problematizou como a ideia de Documento se transformou substancialmente na transição do mundo antigo para o mundo moderno/contemporâneo.

Após a Segunda Guerra Mundial, os testemunhos orais ganharam relevância, principalmente no registro das memórias de sobreviventes do Holocausto na Europa como também de ex-combatentes norte-americanos. A chamada *Oral History* conquistou adeptos a partir de um diálogo inter e transdisciplinar com as Ciências Sociais e desenvolveu metodologias e técnicas próprias que garantiram sua legitimidade científica.

Nessas primeiras décadas do século XXI, a categoria “fonte histórica” também vem sendo revista e ampliada frente à necessidade de atentarmos para os novos suportes e plataformas digitais que se massificaram no chamado “tempo presente”. Em conformidade com que pontuamos no texto de abertura dessa coletânea, esse recorte temporal tem balizas móveis e é objeto de discussão em diversos países – inclusive o Brasil -, sendo que a referência mais conhecida é aquela expressão que faz alusão à ideia de “história com pessoas vivas”.

Nesse sentido, analisar, investigar, problematizar e produzir documentos sobre o “tempo presente” e suas relações com os processos e acontecimentos de grande impacto

social é, sem dúvida, um dos princípios epistemológicos que garantem a legitimidade da pesquisa sobre a Covid-19, dentro do que chamamos, na perspectiva de Certeau, de “operação historiográfica” (CERTEAU, 1982).

Os relatos a seguir são expressões desse novo estatuto de Documento no século XXI, a partir de novas ferramentas, tais como formulários *on-line*, comentários em redes sociais virtuais, *e-mails* e demais plataformas de comunicação. O Capítulo traz vozes dos estudantes, professores e demais profissionais que se dispuseram, entre os meses de maio e julho de 2020, a responder questões que envolviam a fase inicial da pandemia.

Os colaboradores que autorizaram a divulgação de seus nomes sem restrições estão mencionados pelo nome verdadeiro. Outros preferiram que divulgássemos apenas as letras iniciais. Há também os que preferiram o uso do “codinome” e, alguns raros, não autorizaram.

Que os pesquisadores e pesquisadoras do presente e do futuro façam bom uso dos “documentos” que seguem, com a devida atenção à ética e a todos os procedimentos metodológicos de cruzamento de fontes, de mãos dadas com o rigor inegociável que exige a investigação historiográfica. Aqui estamos!

5.1 - Estudantes

Ivandro J. Bueno, 46 anos, branco, sem religião, heterossexual (Formulário nº 03)

Na residência do estudante Ivandro, em Maceió, moram entre três e cinco pessoas e a renda per capita familiar é maior que três salários mínimos. Não há nenhum (a) idoso (a) e o mais jovem tem 19 anos. Ele cita o “confinamento” como principal fator que afetou sua rotina com a chegada da pandemia. Até a data em que respondeu o formulário, não tinha conhecimento de ninguém infectado.

Vitor Frederico Rocha, 24 anos, branco, sem religião, bissexual (Formulário nº 04)

O estudante Vitor também divide residência com um grupo entre três e cinco membros, sendo que a pessoa de maior idade tem 59 anos. A renda per capita informada é menor que um salário mínimo. Seu relato apresenta questões que envolvem planos abortados e um campo de possibilidades em suspensão:

Todos os planos que tínhamos de abrir uma loja foram adiados; o dinheiro que minha mãe usaria pra investir no negócio tem sido usado pra pagar as contas; além disso, minha tia, que é quem ganha mais, teve o salário reduzido pelo governo estadual, então estamos tendo que economizar o máximo possível. Essa situação tem trazido bastante ansiedade, por conta da parte financeira e pelo isolamento.

Os meus planos de concluir a graduação esse ano e tentar um emprego também foram adiados. Os planos de iniciar a terapia hormonal e ir ao

psiquiatra pra tentar mudar a medicação também tiveram que ser adiados. A frustração é gigante no momento, a ansiedade e o medo do futuro também.

Não teve conhecimento de falecimentos, mas soube de pessoas infectadas e curadas.

C.P, 20 anos, negra, sem religião, bissexual (Formulário nº 06)

A estudante C.P informou renda per capita menor que um salário mínimo. Em seu domicílio, no bairro Farol, Maceió, reside menos de três pessoas. Relatou-nos que a crise causada pelo isolamento afetou “pouco financeiramente, mas muito psicologicamente devido a doenças preexistentes”. Não soube, até a data em que respondeu às perguntas do nosso projeto, de nenhum óbito de alguém próximo, mas teve sim pessoas de seu círculo social e familiar que testaram positivo e foram curadas após tratamento médico: “uma prima, ela não foi dispensada do trabalho e por trabalhar no shopping em contato com muitas pessoas acabou sendo contaminada, foi para o hospital medicada e mandada para casa onde ficou em isolamento total até [sua] recuperação.”

Gilson Manoel de Arruda, 36 anos, pardo, católico, heterossexual (Formulário nº 07)

Morador do bairro Trapiche, também em Maceió, informou-nos residir com menos de três pessoas e frequentar a Paróquia de São José. A renda per capita é de um salário mínimo. Não teve conhecimento de falecimentos, mas sim de contaminados. Sobre os impactos da pandemia em sua rotina, ressaltou os seguintes aspectos: “tivemos que fazer isolamento social, distanciarmos dos amigos e conhecidos.”

R.C.G da S. 39 anos, pardo, religião de matriz africana, heterossexual (Formulário nº 08)

Com renda per capita menor que um salário mínimo para um grupo familiar entre três e cinco pessoas, o estudante R.C.G da S. nos escreveu a partir do seu isolamento social, no bairro Tabuleiro dos Martins. Em sua residência há uma pessoa idosa, com 62 anos e a mais jovem, 26. Trouxe-nos a informação de não conhecer ninguém, até o momento de seu relato, que viera a falecer em decorrência específica da pandemia, mas expôs que uma tia de sua esposa, residente em Recife, teve a Covid-19, sem necessidade de internação. Seguem outros aspectos do seu importante depoimento:

Tivermos que mudar as rotinas diárias tomando muito cuidado com o contato com outras pessoas fora do âmbito familiar, fazendo uso de medidas como higienização não somente pessoal como de alimentos, casa, roupas e calçados, alimentos, como também fazendo mais o uso de aplicativos de mídias digitais para manter contato com as demais pessoas.

No meu caso me deixou muito mais apreensivo a respeito de pessoas próximas (familiares e amigos) como também acompanhar ainda mais as notícias sobre o que acontece no Brasil e no mundo, onde para mim a maior dificuldade é criar uma rotina em comparação a antes da pandemia, tentando evitar um quadro de desgaste tanto emocional, físico e mental, também realizando outras atividades para contornar essa situação.

Fernando, 30 anos, branco, religioso sincrético, homossexual (Formulário nº 09)

Estudante de Pós-Graduação, adepto de elementos religiosos do Catolicismo, Paganismo e Candomblé, compõe um grupo familiar formado entre três e cinco pessoas. A renda per capita desse núcleo é menor que um salário mínimo. Não há idoso(a) no domicílio. Fernando perdeu sua tia, Antônia Pereira, vítima da Covid-19. Aspectos emocionais também marcam seu relato: “Não consigo sair de casa, somente minha mãe e 1 [uma] irmã sai para resolver as coisas, meu pai para trabalhar e tenho ficado nervoso ao imaginar sair de casa”.

**Marcos Vinícius da Silva Lima, 17 anos, branco, católico, heterossexual
(Formulário nº 15)**

O estudante Marcos declarou residir em Serra do Cavalo, município de Água Branca, Sertão de Alagoas. Em sua casa moram entre três e cinco pessoas que dividem uma renda per capita inferior a um salário mínimo. A pessoa de maior idade em seu núcleo familiar tem 51 anos e a de menor idade tinha apenas dois meses de nascida no momento em que preencheu nosso formulário. Marcos Vinícius relatou não ter conhecimento de falecidos ou infectados pela Covid-19. Entretanto, sua rotina foi impactada:

Atualmente, os meus pais estão impossibilitados de trabalhar, logo, afeta na questão econômica familiar, além disso, a pandemia interferiu na minha vida escolar, estou prestes a ingressar na universidade, porém com a suspensão das aulas não foi possível e isso afetará na minha futura vida acadêmica.

**Hugo dos Santos do Nascimento Silva, 19 anos, negro, católico, heterossexual
(Formulário nº 16)**

O estudante de pedagogia e técnico em radiologia, Hugo Silva, declarou residir no Povoado Tabuleiro, município de Água Branca. Também habita em um imóvel onde residem entre três e cinco pessoas com rendimentos individuais menor que um salário base. Sua resposta sobre os efeitos da pandemia em seu núcleo familiar foi curta e direta. “Falta renda”. Não mencionou pessoas de seu conhecimento que vieram a falecer, mas afirmou que sua tia foi infectada e curada.

Paz e Amor¹³, 20 anos, branco, católico, heterossexual (Formulário nº 18)

O referido estudante é residente no povoado Sítio Preguiçoso, cidade não informada. Divide moradia com um grupo entre três e cinco pessoas e sua família tem renda per capita menor que um salário mínimo. O isolamento social impactou sim sua vida e, segundo suas palavras “prejudicou os aspectos financeiros, sociais e comportamentais”. Até o momento em que preencheu o formulário, não teve conhecimento sobre mortos ou infectados em sua rede familiar e social.

Tulipa¹⁴, 33 anos, parda, cristã, heterossexual (Formulário nº 23)

O relato da estudante de graduação Tulipa nos leva ao conjunto Virgem dos Pobres, no bairro do Vergel, em Maceió. Esses são os dados que podemos revelar do endereço por ela informado. E só. As suas respostas ao formulário proposto nos informam que ela divide moradia com um número menor que cinco e maior que três pessoas. A de maior idade, 55. A menor, oito. Renda per capita? Não chega a um salário mínimo. E sobre nossa pergunta principal desse capítulo, reproduzo abaixo o que descreveu a oculta redatora.

Permita-se ouvir.

[...] Acompanhava pela TV, internet, sobre a doença na Europa e me assustava com o crescente aumento a cada dia de infectados e mortos. Quando ouvi o decreto do governador do Estado de Alagoas sobre o isolamento social aqui no Estado, isso tomou uma proporção ainda maior em mim, tive a sensação de medo, pensei nos meus filhos. Eu estava no trabalho no dia em que o governador do Estado anunciou o primeiro decreto de isolamento social. Eu sou asmática e pensei em várias situações. Eu gripei no período em que estive no isolamento social e fiquei paranoica pensando o pior. No período que gripei tive que retornar ao trabalho. Ao chegar lá me viram tossindo e me liberaram para ir a uma unidade de saúde para pegar possível atestado. Eu hesitei muito dizendo que não queria ir pois havia ouvido sobre pessoas que não tinham a doença, mas ao entrarem em contato com unidades hospitalares, elas adoeceram. Mas se eu não fosse corria risco de levar falta no trabalho por “justa causa”, não entregando atestado. Então como eu iria me manter com meus filhos? Então passei por cima do medo e fui. Eu fiquei uma hora e meia fora da unidade aguardando a fila de atendimento e meia hora aguardando o atendimento depois de realizar o cadastro, que se vale ressaltar “cadastro manual”. Entrei no local e não tocava em nada, nem sentar eu sentei super paranoica. Enfim, fui atendida, voltei pra casa, lavei tudo que estava comigo na rua e fiquei pensando em tudo e fiquei com medo. Acho que é assim que a maioria das pessoas ficam: com medo. Saio todos os dias pra trabalhar, sempre com receio, medo.

13 Embora tenha solicitado a divulgação apenas por codinome, o estudante informou telefone para contato e e-mail.

14 Tulipa solicitou divulgação apenas do codinome, mas também informou telefone para contato, e-mail e endereço completo. Não há informação qual o curso de graduação que ela frequenta.

Sobre ter ou não conhecimento de pessoas que faleceram, respondeu que sim. “Conhecia ela como Dona NÁ (sic). Antes do falecimento dela, eu a tinha visto uma semana antes e fiquei chocada quando eu soube. Quando você sabe que isso aconteceu com uma pessoa que você conhece, a sensação é extremamente estranha”. Ela também teve conhecimento sobre pessoas curadas:

Sim. Mas ela não teve sintomas tão graves a ponto de internação. Ela me contou que quando começou a sentir a garganta doer, dores nas costas e o primeiro sintoma de febre, ela começou a tomar azitromicina que tinha em casa e antialérgico e depois com uns cinco dias foi à emergência. Na conversa com o médico, ele perguntou se ela estava tomando alguma medicação e ela respondeu que estava tomando azitromicina e antialérgico, então ele disse que não precisava mais tomar, pois o efeito que a azitromicina iria fazer no início da contaminação, ele já fez, e recomendou que ela ficasse em isolamento social por 14 dias e [de]pois retornasse para realização de um novo teste. Pois ela havia realizado um exame de sangue no dia que foi na emergência o qual deu como resultado possíveis alterações decorrentes da COVID-19. Realizou também o teste da garganta e do nariz, mas o resultado saiu em cinco dias, ela já estava em isolamento social em casa.

Agradecemos, Tulipa.

C.A, 22 anos, branca, sem religião, heterossexual (Formulário nº 36)

C.A é moradora do Loteamento Acauã, cidade universitária. Em seu núcleo domiciliar consta uma senhora de 87 anos de idade. Ou seja, alguém faz parte do grupo de risco. A renda per capita testificada é menor que um salário mínimo. A estudante informou, sem citar nomes, que conhece pessoas que foram infectadas. “Sim. Minha tia e pessoas conhecidas, casos não graves. Não vou citar.” Sobre outros efeitos da Pandemia, sublinhou: “quanto à saúde das pessoas idosas e a rotina do isolamento social é complicado para todas. Quanto menos gente em uma casa, melhor é o controle em relação ao isolamento”.

R.S.A, 30 anos, parda, católica, heterossexual (Formulário nº 37)

Residindo com menos de três pessoas na cidade de Atalaia, R.S.A tem renda mensal per capita inferior a um salário mínimo. A estudante é, também, trabalhadora do setor de serviços gerais, fato que nos chamou a atenção. Ela nos informa que um colega da faculdade “evoluiu” a óbito após contrair o novo coronavírus e que teve um primo contaminado e curado. Relatou-nos que a pandemia trouxe complicadores para sua vida social e profissional, afetando, também, sua saúde mental.

I.S.S.C, 26 anos, negra, não religiosa, bissexual (Formulário nº 39)

Afetou [nos] meus estudos, pois através do mesmo eu mantinha meus dias ocupados, e a falta de uma rotina com o decorrer da pandemia passei a sentir um aumento no nível de ansiedade e prejuízo na questão psicológica pela falta do tratamento que fazia no SUS [Sistema Único de Saúde], pois o posto de saúde do bairro está fechado.

No âmbito econômico está sendo complexo, pois eu e meu marido estávamos prestando serviço para uma empresa que fazia pesquisas eleitorais, mas com a emergência da pandemia as atividades foram suspensas, o que afetou a nossa renda familiar.

Essa é a resposta da estudante que reside no bairro Santos Dumont, em Maceió, cujo grupo familiar é composto por menos de três pessoas e tem renda per capita inferior a um salário mínimo. Percebe-se, em seu depoimento, as consequências de natureza emocional, psicológica e material causadas pela disseminação do vírus. A discente não relatou nomes de pessoas que faleceram, mas tem conhecimento de contaminados e curados.

Mateus I. Chagas, 20 anos, negro, não religioso, homossexual (Formulário nº 50)

Sobrevivendo com menos de um salário mínimo por pessoa, o núcleo familiar do estudante Mateus Ivan tem entre três e cinco pessoas. Nenhum (a) idoso (a). O discente nos relata não ter conhecimento sobre mortos próximos ao seu convívio, mas sim de pessoas infectadas. Porém, não deixou de ser afetado psicologicamente por essa realidade que se impôs, sem, entretanto, deixar de mencionar aspectos menos danosos, como a melhoria da relação com sua família:

Particularmente me sinto mais propenso a ficar deprimido, tenho picos de produtividade e dias que não consigo fazer nada. Apesar disso minha relação com a família melhorou, nos falamos mais e conversamos sobre coisas que não falávamos antes. Me pergunto se eles também se sentem da mesma forma que eu, acabamos não conversando sobre como a pandemia nos faz sentir.

A.L.T, 35 anos, parda, espírita kardecista, heterossexual (Formulário nº 51)

Estudante de Pós-Graduação, frequentadora do Centro Espírita William Crookes, da Comunidade Espírita Nosso Lar e da Federação Espírita de Alagoas, A.L.T também faz parte do perfil domiciliar que se mantém com menos de um salário mínimo por pessoa. Entre os que convivem sob o mesmo teto, há uma criança de 11 anos e nenhum (a) idoso (a). Ela traz questões que envolvem a complexidade de ter que concluir sua pesquisa em plena pandemia, como também o caso da demissão do seu companheiro:

Percebi que realmente não tinha rotina social, ou seja, de sair frequentemente. Como estou na pós, em processo de escrita da defesa da dissertação, meus deslocamentos eram mais para a Ufal, então não pude mais ir. Afetou minha pesquisa pois precisava retornar nas escolas participantes da pesquisa, isso ficou suspenso. E recentemente meu companheiro foi desligado do trabalho devido redução, efeito da pandemia.

Em seu testemunho, a informação de quatro pessoas próximas ou conhecidas que faleceram em consequência do novo coronavírus: “Duas tias de meu companheiro e sogra e cunhada de minha prima.” Ela também nos forneceu dados sobre curados:

[...] as pessoas que conseguiram atendimento médico em hospitais particulares foram atendidas por lá. As que precisaram de atendimento na UPA foram orientadas ficar em casa, só se dirigir ao até a UPA em condições mais graves, nesse sentido essas pessoas cumpriram o isolamento.

R.F.S.V, 31 anos, negra, católica, heterossexual (Formulário nº 52)

A estudante afirma que frequenta a igreja do seu bairro, mas não participa regularmente dos grupos de oração de sua paróquia. Divide moradia com mais de três e menos de cinco pessoas, sendo que há uma com 65 anos. Como fica claro nos textos da expressiva maioria dos estudantes, também convive com rendimentos menores que um salário mínimo por componente familiar. A situação pandêmica a afetou na diminuição da oferta de vagas de trabalho e fez “a renda cair em seu todo”, escreveu. Teve uma conhecida que “era do grupo de risco e morreu em menos de dez dias após ser infectada”. Também mencionou ter notícias de infectados que se recuperaram.

Renata C. Batista, 26 anos, branca, sem religião, bissexual (Formulário nº 59)

Parque Miramar, São Jorge, cidade de Maceió. Esse é o endereço testificado por Renata Batista ao preencher seus dados para o nosso projeto. Renda per capita? Menos que um salário mínimo. Habita uma residência dividida entre três e cinco pessoas. A estudante relatou pessoas que faleceram, “até o momento um amigo de curso. Dois tios paternos faleceram com uma semana de diferença” e também pessoas que foram curadas:

“Primos, tios e amigos. Umas 10 pessoas mais ou menos”. Seu perfil socioeconômico segue quase que um padrão do que vimos até aqui entre os/as estudantes, comprovando a existência de um grande grupo de alagoanos/as que em plena pandemia tiveram que continuar a trabalhar fora de casa: “a minha rotina mudou drasticamente. Vivo isolamento social desde de março. O restante da minha família vive uma rotina de trabalho normalmente.”

5.2 - Professores/as

Irinéia F. dos Santos, 44 anos, branca, sem religião, heterossexual (Formulário nº 01)

Residente e domiciliada na cidade de Maceió, a professora universitária compõe um grupo familiar onde habitam entre três e cinco pessoas. A renda per capita informada é maior que três salários mínimos. Sobre os aspectos mais diretos da pandemia que assola o país, ela não tergiversou:

Afetou muito. Estamos distantes dos nossos familiares em MG [Minas Gerais] e RS [Rio Grande do Sul], sem saber quando poderemos visitar nossos pais idosos e demais familiares. O trabalho presencial na universidade e as aulas foram suspensas, alterando o cotidiano acadêmico e nos forçando a manter comunicações virtuais constantes, em condições materiais e técnicas de acesso muito ruins. A preocupação constante com o país e a falta de ação do desgoverno fascista em atacar com as orientações da OMS [Organização Mundial da Saúde] e a ciência amplia o sentimento de angústia. Não poder nos manifestar nas ruas causa muito mal psíquico, porque o sentimento de inação para alteração do quadro é maior. Somente a solidariedade e as organizações de base de movimentos, igrejas, partidos e coletivos tem agido de forma positiva para minimizar o impacto da covid-19. Esse desgoverno é, de fato, e não somente de letra, genocida, criminoso. Não podemos deixar mais um crime contra a humanidade passar ileso em nosso país.

Hosana Ferreira, 34 anos, negra, católica, heterossexual (Formulário nº 05)

A professora Hosana declarou conhecer pessoas que tinham sido contaminadas e outras que faleceram. É frequentadora da Paróquia da Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus e Paróquia Virgem dos Pobres. Reside com menos três pessoas e a renda per capita familiar era equivalente a um salário mínimo na data do preenchimento do Formulário. A situação pandêmica, segundo ela:

Nos tirou do eixo, mudou totalmente a rotina, estamos nos cuidando ao extremo e cuidado de quem amamos, evitamos sair de casa, só em extrema necessidade e com máscaras e o álcool em gel. Hoje estamos trabalhando em casa, no sistema home office e a cobrança na minha profissão é um pouco puxada.

Paula Xavier, 36 anos, branca, católica, heterossexual (Formulário nº 11)

“Dificultou bastante, inclusive na execução dos meus trabalhos”. Na data que respondeu o questionário informou não conhecer ninguém que tinha sido contaminado ou falecido. Frequentadora da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a professora Paula

Xavier declarou renda familiar per capita maior que três salários mínimos e a pessoa de maior idade em sua residência tinha 77 anos na data de seu testemunho. Não observou casos de mortes nem de infectados em sua proximidade até a data de suas respostas.

M.E de S.O, 48 anos, branca, católica, heterossexual (Formulário nº 12)

A pedagoga M.E testemunhou ser frequentadora da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do município de Água Branca. Declarou que dividia residência com menos de três pessoas, não constando nenhum idoso. A Pandemia afetou sua rotina tanto no trabalho quanto nos estudos dos filhos. A Covid-19 tirou a vida de sua única tia, Antônia Pereira Gomes, 82 anos, que “fazia parte do grupo de risco por ter vários problemas de saúde. Era residente em Maceió. Informou-nos ter renda per capita de mais de três salários mínimos.

N. G. de S, 45 anos, branca, católica, heterossexual (Formulário nº 20)

A professora N.G respondeu que dividia residência com menos de três pessoas e possui renda per capita equivalente a um salário mínimo. Duas pessoas com menos de 21 anos de idade aparecem em seu formulário, uma com 19 e outra com 14 anos. Considerou sua situação em tempos de Pandemia de “assustadora” e que tinha conhecimento sim de alguém que havia falecido em decorrência do novo coronavírus. Sobre curados, não teve informações.

Gustavo Manoel da Silva Gomes, 34 anos, negro, candomblecista, homossexual (Formulário nº 24)

Morador do Sertão Alagoano, Delmiro Gouveia, professor do curso de História da UFAL, informou-nos dividir residência com seu companheiro de 26 anos e possuir renda per capita de mais de três salários mínimos. O docente Gustavo Gomes declarou que a Pandemia o afetou de formas diferentes. Estava a cuidar do corpo por motivo de saúde e estética, mas no contexto em que tinha respondido o formulário tinha perdido o ritmo e a vontade. O relato que segue foi um dos mais completos e emocionantes dos que chegaram até nós até o fechamento desse texto, em 30 de julho:

[...] Vi muitos alunos sertanejos ficarem aflitos, depressivos, alguns passando fome. Um ex-aluno de meu projeto e extensão se suicidou. Vários deixaram grupos de *whatsapp* por não conseguir mais ver notícias sobre o Covid-19. Um medo de morrer e de ser enterrado às pressas tomou conta dos jovens sertanejos. Como professor, após suicídio de um jovem, fiquei aflito, deprimido, meio perdido e me sentindo muito impotente. Eu me cobrei responsabilidade por orientá-los e mantê-los vivos e vivos. Sofri. Fizemos [também] campanha do quilo entre os integrantes do afoxé. Em meio a tudo isso, sequer pudemos ir ao velório e enterro do ex-aluno. Isso foi horrível.

Na sequência de seu relato, mais detalhes dos fortes impactos da pandemia em vários aspectos, inclusive a pressão de uma tese de doutorado prestes a ser defendida e distância de sua mãe, residente em outro estado:

Durante o afastamento social o medo, o estresse, a desesperança me tomaram várias vezes. As pessoas em Delmiro Gouveia não estavam respeitando as orientações legais: ficar em casa, evitar aglomeração, usar máscaras... Como tenho sinusite, me ponho no lugar de grupo de risco. Ainda assim, tive de produzir. Mesmo com dor, eu não tinha direito de parar. Tinha de defender a tese. Por mim, pela minha família (uma vez que sou o único universitário da minha família até hoje). Também pela população afro-sertaneja e pelos professores. Minha tese não dizia respeito só a mim. Ansioso passei a comer demais, ficar sedentário, aumentei 7 quilos e senti consequência na saúde. Nada grave, mas eu não era mais o mesmo. Meu corpo já não estava bonito. Passei a não mais olhar o espelho sem camisa. Tive animosidades com o companheiro, não brigamos, mas houve momentos em não queria bem vê-lo. Só estar sozinho, calado, pensativo. Tive alegrias também. Em casa economizei e me equilibrei financeiramente. Defendi a tese e concluí o Doutorado (em meio a casos de racismo denunciados na mídia). Passei a orientar e coproduzir artigos com os orientandos para distraí-los de forma produtiva. Está sendo cansativo. Temos reuniões e colegiado e orientações de TCC, além de todos os serviços domésticos. Como não podemos ir ao terreiro na pandemia, realizamos algumas práticas litúrgicas possíveis em casa mesmo. Um auxilia o outro. Isso foi muito importante para acalmar, equilibrar, canalizar energias, não surtar... passamos a fazer *lives* sobre questões negras para continuar ensinando e discutindo e empoderando. São muitas as atividades acadêmicas e temos de reaprender a fazer a partir da virtualidade das relações. Desgasta. As alegrias não são duradouras em meio à pandemia, governo autoritário e assassino, as pressões de novos aprendizados, produtividade e preocupação consigo e com os outros. Minha mãe é idosa e mora só em Recife, vida de epicentro. Não pude ir para lá para me dedicar melhor à tese. Lá é periferia barulhenta. Quis trazer a minha mãe, mas ela não quis vir. Todos os dias tenho de falar com [ela] pois está deprimindo. Estou tentando diminuir o ritmo de autocobranças para ver se não surto”.

Até a data do seu importantíssimo relato, testemunhou que tinha conhecimento sim de pessoas que tinham falecido em decorrência da Covid-19: “na verdade não lembro os nomes, pois eram pessoas que participavam de minha antiga religião em Recife: vale do amanhecer, um parente de um amigo meu e um senhor carismático e bem conhecido aqui em Delmiro Gouveia”. Também pontuou ter notícias de pessoas que haviam sido curadas após atendimento e tratamento médico: “uma vizinha de minha mãe no Recife, [e] alguns militantes negros de Maceió”.

José Vieira da Cruz, 47 anos, negro, católico, heterossexual (Formulário nº 25)

O professor e historiador José Vieira da Cruz foi vice-reitor da UFAL entre janeiro de 2016 de janeiro de 2020. Escrevendo da cidade de Aracaju, Sergipe, testemunhou que mora com menos de três pessoas e que a de maior idade tinha 51 anos. Sua rotina foi afetada em decorrência das recomendações das autoridades sanitárias e políticas. Ressaltou o “distanciamento social, trabalho em home-office, reavaliação de planos pessoais, acadêmicos e profissionais”. Até a data de seu relato teve conhecimento da morte da professora Yasmin [Iasmin Albuquerque de Cavalcante Duarte] da Famed [Faculdade de Medicina-UFAL]. Também declarou ter informações de pessoas que haviam contraído o vírus e que tinham sido curadas.

**Dehon da Silva Cavalcante, 54 anos, branco, católico, heterossexual
(Formulário nº 26)**

O professor tem domicílio na cidade de Palmeira dos Índios, onde frequenta a Paróquia de São Sebastião e a Capela de São João Batista. Dehon Cavalcante divide residência com mais de três pessoas. Declarou-nos renda per capita domiciliar maior que três salários mínimos. Sobre a pergunta principal que aparece no título desse capítulo, sublinhou: “aderimos ao distanciamento social [e] foi difícil não visitar as pessoas que amamos”. O docente também registrou falecimentos de familiares e pessoas do seu círculo social: “Meu cunhado Gildo, minha irmã Maria do Socorro e Monika, pessoas amigas que infelizmente morreram como o Sr. Geraldo, Dr. Gumercindo, entre outros.” Também trouxe informações sobre pessoas curadas “minhas irmãs e meu cunhado”.

**Flávia Maria de Carvalho, 44 anos, branca, católica, heterossexual
(Formulário nº 27)**

Em seu relato, a professora universitária Flávia Carvalho mencionou que a chegada da Pandemia à cidade de Maceió provocou mudanças em sua rotina. Por ter uma filha adolescente em idade escolar, ambas foram afetadas pelos seguintes fatores: “aula remota, isolamento social [e] trabalho on-line. Flávia Maria divide residência com mais de três pessoas e tem renda per capita de mais de um salário mínimo e menos de três. Teve conhecimento da morte do aluno do curso de História da UFAL, Givaldo Afonso, e de pessoas que tinham vencido o vírus depois de contaminadas.

**José Augusto Ferreira da Silva, 23 anos, pardo, sem religião, heterossexual
(Formulário nº 28)**

O professor particular nos enviou um relato onde consta que divide residência com mais de três pessoas. A mais velha tem 71 anos e a mais nova apenas três anos de idade. A

renda per capita familiar era de menos de um salário mínimo no contexto da pandemia. Sua família foi afetada com a “diminuição da renda mensal [e] alguns problemas psicológicos se agravaram, como a ansiedade”. Até a data de envio do formulário não conhecia ninguém que tinha falecido em decorrência da Covid-19, mas mencionou diversas pessoas contaminadas “irmã, tia, primos [e] amigos”.

Lídia Baumgarten, 52 anos, branca, luterana, heterossexual (Formulário nº 29)¹⁵

A professora universitária declarou residir sozinha na cidade de Maceió, mas em decorrência da pandemia estava passando alguns dias na residência de sua filha, no município de Assis, estado de São Paulo. Em Alagoas estava sem frequentar igrejas em face de não existir templo Luterano na capital alagoana. “No entanto, sempre que vou para minha cidade de origem [Cruzália-SP], vou até a Igreja que fui batizada e que passei boa parte da vida frequentando”, ressaltou.

Segue o sensível e revelador registro da professora Lídia:

A pandemia do Covid-19 me afetou profundamente, pois já estava passando momentos difíceis por morar distante da minha filha e família, e por ter perdido a minha mãe em dezembro de 2017. Tratei depressão e síndrome do pânico por vários anos e com o distanciamento da família, tive algumas recaídas. Com a pandemia fiquei extremamente fragilizada e o sentimento de que talvez não sobreviva a ela, tem aumentado a minha ansiedade e os meus medos, de tudo, inclusive da morte. O meu pai e a minha família, embora estejam bem e morem numa pequena cidade do interior do estado de São Paulo, também estão preocupados e com medo de se infectarem com o Covid-19. Em relação ao trabalho, não foram tão afetados economicamente, pois trabalham com agricultura, sendo que a colheita de soja foi realizada em março e o plantio do milho logo em seguida. Eles ficaram muito preocupados comigo, já que moro sozinha e distante deles. Portanto, vim passar a quarentena com minha filha (já estou em Assis desde o dia 05 de junho) e estava praticamente sem sair de casa desde o dia 16 de março (saí de casa apenas 4 vezes para ir ao médico, supermercado e farmácia). Estou trabalhando remotamente, mas tem sido dias exaustivos, pois o trabalho praticamente dobrou. Temos uma demanda de extensão, pesquisa, orientação de discentes, eventos, gestão e as intermináveis reuniões e lives. Enfim, espero que tudo isso passe em breve e que fiquemos bem, mas não deixo de sentir uma imensa tristeza com os mais de 50 mil mortos com a pandemia até o presente momento. Que tenhamos a capacidade e força para recomeçar e, acima de tudo resistir, sobreviver...

Sobre o conhecimento ou não de pessoas contaminadas que não sobreviveram, destacou que conhecia sim. “Um aluno nosso faleceu e também a avó de uma amiga. Não sei

¹⁵ Nota do Organizador. Na semana 13 a 17 de julho a professora teve o diagnóstico que sua filha tinha testado positivo e ela mesma passou a sentir os sintomas. Na semana seguinte, a própria professora Lídia Baumgarten também testou positivo. Sua filha teve que ser internada e saiu depois de quatro dias. Lídia reagiu bem à medicação protocolar e não precisou de internamento.

os nomes completos. Também ouvi notícias de pessoas que trabalham na UFAL e faleceram, mas que eu não conhecia pessoalmente”. Mencionou, também, ter notícias de pessoas que tinham alcançado a cura.

**Maria da Penha Barbos Lima, 47 anos, católica, parda, heterossexual
(Formulário nº 30)**

A professora Maria da Penha declarou-se frequentadora da Paróquia São José, em Maceió. Em seu relato destacou que residia com mais de três pessoas e menos de cinco. A de menor idade tinha 12 anos na data de sua declaração e a de maior idade, 47 anos. A renda per capita familiar era de um salário mínimo. E segue: “fiquei em isolamento social, o modelo de trabalho foi totalmente alterado, várias crianças passaram a vivenciar aulas virtuais e temem sair de casa até para locais sem movimento.” Afirmou ter conhecimento de várias pessoas que morreram em decorrência da pandemia, como também de outras que escaparam.

**Joseane S. Costa, 32 anos, branca, sem religião, heterossexual
(Formulário nº 32)**

A educadora Joseane divide residência com mais de três e menos de cinco pessoas no conjunto Residencial Doutor Álvaro Almeida. Nenhuma era idosa. A renda per capita familiar era de um salário mínimo na data em que preencheu o formulário de nossa pesquisa. Em virtude do isolamento social como forma de prevenção da Covid-19, considerou que “aumentou o trabalho e perdemos o lazer”. Entre os relatos de professores que apresentamos até aqui, Joseane é a primeira que faz menção ao lazer. Um dado muito significativo e importante na rotina dos/das profissionais da Educação que parece passar despercebido em decorrência da excessiva carga de trabalho que os/as docentes levam pra casa em seu cotidiano. Nas demais respostas disse não ter conhecimento de ninguém infectado e nem falecido até a data de preenchimento do formulário.

Ivan Jorge, 68 anos, negro, cristão, heterossexual (Formulário nº 35)

Morador da rua Agapito Magalhães, 353, Cacimbas, na cidade de Arapiraca, região agreste do estado, o professor Ivan Jorge também faz parte do grupo cujo perfil domiciliar é composto por um número entre três e cinco pessoas, relatando que a mais velha tem 70 anos e a mais nova com idade de cinco anos. Em seu relato consta que tem renda per capita maior que um salário mínimo e menos que três. O isolamento o afetou, principalmente, pela restrição à circulação de pessoas nos espaços públicos, comprometendo a socialização das pessoas. Expressou ter sim conhecimento de pessoas que faleceram em decorrência da pandemia, citando o radialista Edvaldo Silva. Também afirmou conhecer pessoas que se trataram e foram curadas.

T.J.A.R.M, 24 anos, branca, sem religião, homossexual (Formulário nº 38)

Declarou residir com menos de três pessoas e ter renda menor que um salário mínimo. Em suas respostas fica claro que grande parte da população alagoana não teve como cumprir rigorosamente as recomendações sanitárias de isolamento social: “Por conta do trabalho não estivemos 100% em quarentena, principalmente no início da pandemia”, escreveu. Ela mesma foi acometida pela Covid-19 e conseguiu sobreviver. Talvez sua idade tenha sido fundamental para essa recuperação, embora tenhamos conhecimento de muitas vítimas não idosas.

Lucas Martírio, 28 anos, negro, sem religião, heterossexual (Formulário nº 40)

O professor Lucas declarou residir sozinho na Cidade Universitária e atuar na rede básica e privada de ensino da capital alagoana. Sua renda mensal é menor que um salário mínimo. A pandemia o atingiu em aspectos relacionados à saúde e também financeiramente. Atestou ter conhecimento de falecimento, mas pontuou: “não posso citar o nome”. Já em relação a pessoas infectadas, revelou: “Sim. Minha mãe, Edilma Martírio, chegou a ser internada por duas semanas”.

Carlos André da Silva, 33 anos, branco, católico (Formulário nº 41)

O docente Carlos André é morador do município de Manari, Pernambuco, e mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFAL. No momento em que respondeu o formulário para essa pesquisa declarou vínculo com a Paróquia de São Sebastião, na mesma cidade. Dividia domicílio com mais de três e menos de cinco pessoas, sendo que a mais velha tinha 74 anos. A renda per capita era de mais de um salário mínimo e menos de três. Relatou que a pandemia teria afetado principalmente o seu convívio social e que não tinha conhecimento de nenhum falecimento nem de pessoas que tinham sido contaminadas pelo novo coronavírus. Ressaltamos, sempre, que os testemunhos são muito específicos sobre contextos que certamente foram alterados com o passar dos dias.

A.G.A.S, 39 anos, negra, sem religião, heterossexual (Formulário nº 42)

A professora A.G.A.S declarou morar sozinha, na cidade de Maceió, e ter renda maior que três salários mínimos. O relato que segue nos trouxe uma dimensão dos efeitos da doença na rotina e na vida de muitas pessoas: “Mudou muito. Ficamos em casa sem poder nos comunicar fisicamente. Minha mãe idosa, ficou sozinha em outro estado e sem sair de casa. Para mim, fiquei longe da minha família, interditada de ver minha mãe e isto foi muito doloroso. Ainda o ‘número’ (convivências e amizades) de pessoas que se foram foi/tem sido grande”.

Sobre ter conhecimento ou não de pessoas que foram contaminadas e faleceram: “foram muitas pessoas. Um amigo íntimo de minha mãe. 5 [Cinco] idosas do lar de idosas

em Recife onde está minha ex-sogra. E muitos parentes de amigos.” Também destacou saber de pessoas que escaparam: “Sim. Uma amiga e minha médica grávida.”

E.B, 23 anos, negra, sem religião, bissexual (Formulário nº 44)

Pedagoga de formação, a professora E.B apresentou em suas informações questões de teor tanto sociológico quanto psicológico. Ela reside com menos de três pessoas, sendo que a de maior idade tem 53 anos. A renda per capita é de mais de um e menos de três salários mínimos. Sobre a pergunta principal desse capítulo, respondeu que: “Minha mãe saiu da ponta verde e veio morar comigo na serraria¹⁶ pois não conseguia pagar aluguel, estou mais produtiva, mas com variações de humor frequentes, muitos atritos em casa”. Declarou não ter conhecimento de pessoas próximas que tinham falecido nem se contaminado.

Elizabete Amorim, 49 anos, parda, sem religião, heterossexual (Formulário nº 45)

Residente no bairro do farol, na capital alagoana, Elizabete Amorim divide residência com mais de três e menos de cinco pessoas, sendo que a mais há uma pessoa idosa, com 79 anos e uma jovem, com 20 anos. A renda per capita familiar é maior que três salários mínimos. A pandemia da Covid-19 impactou de várias formas sua vida:

Mudou totalmente nossos hábitos. Estamos isolados desde 15 de março. As compras são solicitadas e entregues na portaria do prédio. Estamos muito assustados com a quantidade de mortes e de infectados. Várias amigos e familiares pegaram Covid-19. Meu irmão pegou no HGE quando estava internado por causa de uma cirurgia de amputação de uma perna. Passou um mês internado. A situação do nosso país é preocupante com o desgoverno que temos.

No que diz respeito a mortos e curados, sublinhou: “A mãe de um amigo (uma idosa) morreu de Covid-19 em Recife. A mãe de uma amiga morreu em Natal”. Foram recuperados “Meu irmão: Diógenes Amorim de Almeida. Mais 3 casos na família do meu marido.”

L.G.G.S, 25 anos, negra, sem religião, heterossexual (Formulário nº 47)

Divide residência com menos de três pessoas, nenhum maior de sessenta anos. A renda per capita domiciliar é equivalente a um salário mínimo. A pandemia afetou sua saúde mental, causou tensões familiares e provocou redução de seus rendimentos financeiros. L.G.G.S declarou não ter conhecimento sobre pessoas do seu convívio que vieram a falecer, mas teve notícias de pessoas infectadas e que conseguiram a cura após atendimento médico.

¹⁶ Ponta Verde e Serraria são bairros de Maceió.

Anônimo, 54 anos, pardo, espírita, heterossexual¹⁷ (Formulário nº 48)

Morador do bairro no Farol, em Maceió, o professor que solicitou anonimato total nos informou que reside com um número entre três e cinco pessoas, sendo que a mais velha tem 79 anos. A renda per capita é maior que três salários mínimos. Relatou que pandemia trouxe os seguintes impactos no seu cotidiano:

Mudou nossas vidas, pois estamos em isolamento social, notícias ruins sobre contágios e mortes, além de um desgoverno geral no âmbito federal com ações e medidas de destruição do bem estar social e do interesse da maioria da população. Lutando com os conflitos internos emocionais gerado por tudo isso para manter o equilíbrio.

Há também no seu testemunho o conhecimento sobre mortes. “[A] Irmã do marido da minha sobrinha e uma mãe de amigos. Todos os dois casos foram de sofrimento para as famílias que se arrastou por um período de um mês mais ou menos”. Sem mais detalhes, afirmou ter informações sobre pessoas que foram infectadas, buscaram tratamento e escaparam da morte.

Cassiani Marchiori, 39 anos, índia, evangélica, heterossexual (Formulário nº 49)

Moradora da cidade de Maceió, declarou pertencer à Igreja Cristã Maranata e dividir residência com menos de três pessoas. Ninguém no domicílio é idoso e a renda por pessoa é superior a três salários mínimos. Declarou que não foi afetada financeiramente pela pandemia, mas teve que limitar as saídas de casa em decorrência do distanciamento social. Um membro de sua família faleceu após ter testado positivo para a Covid-19, sua prima, e também perdeu um colega. No que diz respeito a contaminados que foram curados, discorreu: “Um colega ficou internado alguns dias, não conseguiu quarto na UTI [Unidade de Tratamento Intensivo] para ser entubado, mas conseguiu se recuperar”.

F.T. da S. 41 anos, pardo, protestante, heterossexual (Formulário nº 54)

O professor de História F.T da S. também atua como Guarda Municipal em Maceió. Divide residência com mais de três pessoas e menos de cinco, entre elas uma criança com cinco anos. Não há nenhum (a) idoso (a) nesse grupo domiciliar. A renda per capita é maior que três salários mínimos. Ele mesmo foi acometido pela Covid-19. “Eu fiquei doente com a Covid-19, meu tratamento foi em casa e isolado por 10 dias no quarto. Eu perdi alguns companheiros do meu trabalho na área de Segurança Pública Municipal, além de professor sou Guarda Municipal de Maceió, perdemos 5 [cinco] companheiros para [a] Covid-19.”

¹⁷ Embora tenha solicitado anonimato, o professor apresentou no Formulário todos os dados necessários: nome completo, endereço e telefone.

Emanuelle Souza, 40 anos, parda, sem religião, heterossexual (Formulário nº 55)

Residente no Conjunto Eustáquio Gomes 1, Emanuelle Souza declarou ser professora da Educação Básica e dividir moradia com mais de três e menos de cinco pessoas. Há uma pessoa idosa na residência, com idade de 63 anos. A renda per capita é maior que três salários mínimos. De acordo com a trabalhadora da educação, sua família estava “tentando cumprir o isolamento ao máximo. A renda familiar não foi afetada e ninguém da casa contraiu o Covid-19 até agora”. A docente nos revelou que teve uma amiga que faleceu em decorrência da pandemia. Seu nome, Cassia Maria de Jesus Souza, 52 anos. Também teve conhecimento de mais de dez pessoas que contraíram o vírus, mas que foram curadas após tratamento médico.

**Michelle Reis de Macedo, 38 anos, parda, sem religião, heterossexual
(Formulário nº 56)**

A professora Michelle Macedo divide residência com menos de três pessoas e possui renda por pessoa maior que três salários mínimos. Moradora da região do Riacho Doce, na capital alagoana, nos apresentou um extenso e revelador relato o qual dividimos em duas partes, não necessariamente desvinculadas. Na primeira delas, as questões profissionais:

[...] as pressões políticas para que professores e professoras prestem conta de suas tarefas tem aumentado e muito a angústia. Nossa rotina antes da pandemia já era composta por diversos tipos de atividades feitas remotamente, que muitas vezes ultrapassavam as 40 horas semanais referentes ao nosso regime de trabalho. Com a suspensão das atividades presenciais, há ainda no senso comum, um imaginário equivocado de que se o(a) professor(a) não está dando aula presencialmente, não está trabalhando. Essas visões distorcidas sobre a realidade do nosso dia a dia têm nos afetado emocionalmente. O fato é que o contexto de isolamento nos impôs novas situações em que temos que aprender a lidar e isso, por si só, já nos toma tempo e energia. Portanto, estamos trabalhando tanto quanto antes - ou até mais. A tensão é ainda agravada por conta dos constantes ataques do governo federal à nossa profissão e ao nosso profissionalismo; seu projeto de destruição fez emergir a fragilidade da humanidade, elegendo o sentimento de ódio motivador de ações violentas contra determinados alvos. Sem dúvida, um desses alvos somos nós, professores e professoras, especialmente de Humanas.

O texto segue, com a exposição sensível e reveladora dos impactos da pandemia em seu círculo familiar, inclusive com falecimentos:

[...] exponho aqui outro sentimento: tristeza, diante de tantas pessoas adoecendo e morrendo devido à crise sanitária, agravada pelo descaso do governo federal. Meus pais e minha avó materna foram infectados pelo Covid. Moram no Rio de Janeiro e eu em Maceió. A distância física agrava

o sentimento de impotência e angústia de esperar que o destino decida por nós. Foram mais de 30 dias de enfrentamento da doença, meus pais estão se recuperando bem, felizmente, mas minha querida vó e madrinha, que me educou e me criou para que meus pais pudessem trabalhar, veio a óbito no dia 16 de junho, 9 dias depois do seu aniversário de 88 anos. Foram 3 semanas de internação, sem a companhia de pessoas conhecidas. Antes da internação, minha vó apresentava sinais de demência por conta da idade e o fato de ela ter que ficar sozinha no hospital nos entristeceu, pois não sabíamos se ela tinha consciência do que estava acontecendo. Nossa maior angústia era a possibilidade de ela achar que a abandonamos. Dois dias antes do falecimento, ela apresentou uma pequena melhora e foi transferida para a ala da enfermaria, quando foi possível mostrar a ela um vídeo gravado pela minha mãe e meu tio. Eles tentaram explicar que não se tratava de abandono e que nós a amávamos e estávamos esperando ela retornar pra casa. Segundo o relato da enfermeira, ela só viu e ouviu. Um dia depois, o quadro de saúde piorou e ela voltou pra UTI, dessa vez entubada. No dia seguinte, ela faleceu. Minha vó sempre foi muito religiosa e apegada aos rituais de passagem para a vida eterna, como ela acreditava. Minha vó não pode ter velório e não pude me despedir dela, até por estar longe. A forma como aconteceu foi rápida e não houve tempo ainda de me recuperar do luto. Não sei quanto tempo isso irá durar.¹⁸

Por fim, as informações sobre ter conhecimento ou não de pessoas que foram infectadas e curadas após tratamento médico: “Sim, o esposo de uma amiga, um jovem de 36 anos, ficou entubado por mais de duas semanas. Hoje ele está curado e em casa. Meus pais estão em processo de recuperação. Fizeram o teste que atestou ainda alta carga viral nos dois, mas já não estão mais com sintomas.”

Ana Lúcia M. Soares, 53 anos, parda, católica, heterossexual (Formulário nº 57)

A pedagoga Ana Lúcia Soares informou que reside no Conjunto Graciliano Ramos. É frequentadora da Igreja de São Vicente e divide moradia com mais de três e menos de cinco pessoas, sendo a de maior idade com 55 anos e a mais jovem com 25. Declarou que a renda per capita de seu núcleo familiar é menos que um salário mínimo. Em seu formulário há a resposta que “sim”, sua vida foi afetada pela pandemia, não destacou ninguém próximo a ela que havia falecido, mas tinha conhecimento de pessoas que se contaminaram e se recuperaram após tratamento médico.

¹⁸ A avó e também madrinha da professora chamava-se Ercília Carvalho dos Reis. Faleceu no dia 16 de julho de 2020 na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. “No seu atestado de óbito, consta como causa ‘pneumonia viral’”.

5.3 - Outros/as profissionais

Neto Barbieri, 18 anos, branco, católico, heterossexual (Formulário nº 10)

Modelo, morador da cidade de Carpina, no estado de Pernambuco, Neto Barbieri apresenta um perfil domiciliar muito semelhante aos demais jovens que aparecem aqui nessa obra. Sua residência é ocupada por um grupo entre três e cinco pessoas, que sobrevivem com uma renda per capita maior que um salário mínimo e menor que três. Ao relatar a vida sob pandemia, destacou que estavam todos presos dentro de casa sem poder sair, e que o comércio da família estava fechado. Até o dia de preenchimento do formulário, afirmou não conhecer ninguém que tinha se contaminado.

Nanda, 27 anos, parda, católica, heterossexual (Formulário nº 13)

A musicista Nanda reside no município de Água Branca, Alagoas. Autorizou que divulgássemos apenas o seu codinome. Ela compõe um núcleo familiar entre três e cinco pessoas, sendo que a de maior idade tem 55 anos e a mais jovem, 18. Sobrevivem com uma renda per capita inferior a um salário mínimo. Com a chegada do vírus em sua cidade, foi afetada com a demissão da loja na qual labutava. “Trabalhava no comércio, especificamente loja de roupa, e tive que sair, já que a cidade é pequena”, disse ela. Sobre outros impactos da pandemia em sua vida, há a menção ao falecimento de uma tia de segundo grau, vítima da Covid-19.

Priscila Tavares, 34 anos, branca, cristã, heterossexual (Formulário nº 22)

Psicóloga, frequentadora de igrejas católicas e centros espíritas, moradora de Maceió, Priscila Tavares reside com menos de três pessoas, uma delas com apenas três anos de idade. A renda per capita informada é maior que três salários mínimos. Nesse sentido, os motivos que a afetaram negativamente não são especificamente de natureza material:

[...] Estou com uma criança pequena em casa, cheia de energia e sem muitas opções para gastá-la. Meu esposo continua trabalhando presencialmente, então não tem tido muito tempo para dividir as tarefas comigo. Eu estou em trabalho remoto, estudando e tendo que dar conta de tudo sozinha! Vivo cansada e estressada.

Adriana Chaluppe, 50 anos, parda, testemunha cristã de Jeová, heterossexual (Formulário nº 43)

Adriana é funcionária pública, divide moradia com um grupo formado entre três e cinco pessoas, incluindo um (a) idoso (a) de 74 anos. Tem renda per capita maior que três salários mínimos. É frequentadora do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. Informou-

nos que a pandemia a afetou financeiramente e teve sim informações de pessoas que vieram a falecer, destacando “alguns amigos com comorbidades”. Teve sua mãe e irmã infectadas, mas, felizmente, foram curadas após tratamento médico.

Diógenes, 54 anos, pardo, católico, heterossexual (Formulário nº 46)

O vigilante Diógenes é frequentador da Paróquia de Santa Luzia. Reside com menos de três pessoas e tem renda per capita maior que um salário e menor que três. Em seu relato curto e direto faz alusão a uma “amputação” pela qual passou em pleno contexto de pandemia. Informou-nos saber sim de pessoas que faleceram e que escaparam após contaminadas pelo novo corona- vírus.

Dorgival, 45 anos, branco, católico, heterossexual (Formulário nº 58)

O autor do relato se identificou apenas como Dorgival. É funcionário de Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e domiciliado no Tabuleiros dos Martins, Maceió. Católico, declarou ser frequentador da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Tem renda per capita maior que um salário mínimo e o número de pessoas que moram sob o mesmo teto é entre três e cinco. Nenhum (a) idoso (a). Com a disseminação coletiva do vírus, a família passou a restringir as saídas de casa objetivando cumprir as determinações de distanciamento social. Testificou ter conhecimento sobre cinco pessoas que faleceram em decorrência do vírus e mais seis que foram tratadas e curadas.

Caroline Braun, 29 anos, branca, luterana, heterossexual (Formulário nº 61)

A fisioterapeuta Caroline Braun reside sozinha e tem renda maior que um salário mínimo e é frequentadora de igreja luterana. Como quase todos os profissionais da área de saúde, está na linha de frente no tratamento aos infectados pelo novo corona- vírus. Filha da professora da UFAL, Lídia Baumgarten, tanto ela quanto sua mãe foram contaminadas. Caroline ficou internada durante quatro dias, na cidade de Assis (SP), e relatou ter passado por uma “situação muito difícil”. Durante esse período de disseminação em massa do vírus, tem conhecimento de inúmeros pacientes que evoluíram a óbito. Felizmente, ela e sua mãe foram curadas.



PARTE IV
HOMENAGENS E EPITÁFIOS



6

SEXTO MOVIMENTO

HOMENAGEM AO ALUNO E COLEGA GIVALDO AFONSO DA SILVA

Alcides Borges dos Santos

Jornalista e Graduando em História

Universidade Federal de Alagoas

[...] a maior e mais amarga experiência que vivi nesta pandemia foi a perda do colega e amigo do curso de história, Givaldo Afonso da Silva. A universidade que nos apresentou estava fechada naquela quinta-feira, 11 de junho, quando o carro funerário passou diante de mim transportando seu corpo em um caixão lacrado que não podia ser aberto. Sem flores, desceu à terra em um fim de tarde...

O convite para dar meu depoimento sobre a experiência vivida na pandemia foi um desafio proposto com duas vias. Afetado com a perda da liberdade de ir e vir, o confinamento e todos os riscos que esse mal trouxe à nossa sobrevivência física e emocional, tive minha parcela de angústia e dor ao saber da perda de alguns conhecidos ou parentes de pessoas mais próximas até que três meses depois fui surpreendido com a notícia da internação de um colega do curso de história.

O primeiro desafio era escrever um novo texto voltado à memória do aluno e colega, já que os escritos em minhas redes sociais, construídos após a trágica notícia retratam mais o nosso lado social fora da Universidade. O segundo, apesar de novo, usava o mesmo material que deu vida aos outros textos: dor, angústia, raiva, saudade. Aceitei a proposta e depois de mais um fim de semana regado a melancolia, voltei a uma página em branco no computador para tornar pública minha experiência na tragédia para a qual nunca fomos preparados. Segue aqui o meu relato.

Meu desejo de cursar história era um sonho antigo que ficou na gaveta quando em 2006 fiz o PSS (Processo Seletivo Seriado) e fui aprovado no curso Comunicação Social, habilitação jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas. Formado em 2010, cinco anos depois consegui através do Enem retornar à Universidade para cursar história. Com a

turma do bacharelado de 2015 iniciei meus estudos no período da tarde dividindo a sala de aula com meus colegas de turma e outros que pagavam matérias pendentes para concluir seus créditos.

Durante o período de oito semestres, pouco a pouco os desafios foram sendo superados, ainda que com muitas dificuldades para continuar. Aos poucos, a turma original foi diminuindo. Alguns desistiram, outros migraram para a Licenciatura e, em algum momento, ficamos sabendo do falecimento de um colega de outra turma. Mediante as homenagens, sentimos tristeza com a perda de um de nós.

No retorno às aulas em janeiro de 2018 para cursarmos o sexto período, a turma, agora em tamanho bem menor, tinha como desafio as atividades de mais um semestre. A sala continuava a mesma, os professores, a burocracia e toda estrutura física do curso. O que mudava nesses períodos era a chegada de novos alunos que faziam parte do curso, mas que não conhecíamos. Naquele início de semestre não foi diferente. Lembro que cheguei cedo para a primeira aula, mas encontrei sentado em uma sala de espera um aluno que havia chegado bem antes que eu. Sentado em um canto com seu *notebook* nas pernas e fone no ouvido, trajava roupa de trabalho. Não imaginei que fosse um dos nossos. Naquele momento não trocamos nenhuma palavra; nem um simples boa tarde. Até que iniciada a aula, ele entrou na sala e passou a ser UM de NÓS.

Agora sabíamos como se chamava. Era formado da licenciatura e estava ali entre nós para pagar algumas matérias do bacharelado. Dali em diante conviveríamos com sua personalidade forte e posicionamento que não agradava a muitos.

Minha convivência com este colega, aluno e amigo durou apenas dois anos e quatro meses. Assim como aprendemos nos relatos da história, foi marcado por altos e baixos. Por fases tensas e de paz que nos empurrou dos limites da universidade para o terreno da amizade, o que não deixou de ser um grande desafio para alguém dez anos mais velho que nem sempre concordava com seu ponto de vista. Desse encontro nas dependências do ICHCA (Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte), o amor pelo ensino da História nos uniu no sonho de prosseguir com as etapas superior da formação acadêmica.

Mas, 2020 estava a caminho e chegaríamos a uma encruzilhada onde nossos projetos perderiam sua validade assim como muitos que estiveram conosco até ali.

O regresso às atividades da Universidade em março de 2020 para mais um ano letivo foi abortado pela notícia da chegada de uma ameaça global que até então estava distante de nós. Naqueles dias de abertura de matrículas, recepção aos calouros e mais uma expectativa de reencontrarmos os colegas, nossas convicções se tornaram incertezas. Minha carga horária estava encerrada faltando a matrícula de vínculo para entrega e apresentação do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Fui um dos poucos a conseguir na secretaria fazer essa matrícula até que a nova ordem foi implantada e um muro, da noite para o dia, se ergueu entre nós. Acreditávamos que até maio, no mais tardar junho, retornaríamos, mas, descobrimos com o passar do tempo o quanto estávamos enganados.

Recordando narrativas de alguns memorialistas da história da Segunda Guerra, usando um tema não muito distante, e comparando com o momento de pandemia em que o mundo se encontra, lembro da fala de alguns deles dizendo que, diante da eminência de uma guerra, muitos não acreditavam nisso ou que se houvesse, acabaria logo. Com o tempo se arrastando e milhões de vidas ceifadas encontramos nos relatos desses mesmos autores palavras como, confinamento, morte, dor, exclusão, perda da liberdade. No Brasil, país descoberto por excelência, as mazelas de outros continentes não chegavam às nossas praias. Nossa doença social era amenizada com novela, samba, futebol e carnaval. Diante de uma ameaça mais contundente, não temeríamos mal algum porque o Deus importado de outras terras, aqui era brasileiro. Até que em 2020 nosso enredo mudou.

Nossa história particular fechou seu círculo no ano de 2019. Neste ano, apesar de tantos desencontros, dissabores e mazelas continuamos livres até a passagem para o ano novo que em Maceió foi saudado com chuva. Alguns até acreditavam que era para lavar os pecados da política. Até ali fomos livres. Até ali fomos felizes e, até em nossos momentos de dor, como a perda de um ente querido, podíamos velar nossos mortos.

Iniciada esta guerra, onde bombas não caía sobre nossas cabeças e nossas casas permaneciam de pé, nosso inimigo era invisível e nos tornamos da pior forma suspeitos para tudo e para todos. Os momentos de lazer, de passeios, de alegria deram lugar ao medo, à desconfiança e ao desconforto emocional. Pouco a pouco vimos barreiras sendo levantadas, portas cerradas e fomos obrigados a viver em cativeiro doméstico, na maioria das vezes forçados a conviver com pessoas indesejadas.

Passamos a circular, tendo que observar regras para a qual não recebemos treinamento; fomos obrigados a usar sobre o rosto um item considerado profano em tempos normais, a máscara. Para quem se atreveu ou precisou sair de casa indo um pouco mais distante, descobriu com desgosto que a cidade turística, aquela vista em dezembro na orla, cheia de luzes, não passava de uma cidade fantasma. Nossas praias foram cercadas e tudo ficou proibido para tudo e para todos. Tivemos que aprender a manter contatos à distância com o uso da tecnologia e também aprender a lidar com ela. O acesso aos templos de nossa crença foi um dos atingidos; tivemos que aprender a mantermos a fé em cativeiro. Fé esta tão abalada nesses tempos sombrios quando constatamos que nossos pedidos não foram atendidos. Perdemos pessoas queridas...

No meio de tanta pluralidade familiar, daqueles que permaneceram confinados em família, mesmo não se dando bem, destaco a presença de muitos, assim como eu, que vivem só. Limitados na saúde física, emocional e financeira, lutando com sacrifício para continuar seus estudos, perderam de uma hora para outra seu maior ponto de apoio, a Universidade. Ficamos sem o convívio com os colegas e professores, estúdios, grupos de pesquisa e estudo. Projetos foram cancelados, assim como ficamos sem acesso aos livros da biblioteca central e do alimento oportuno no Restaurante Universitário. Sim, ela também, nossa Universidade foi afetada e seus portões se fecharam por tempo indeterminado.

Mas, a maior e mais amarga experiência que vivi nesta pandemia foi a perda do colega e amigo do curso de história, Givaldo Afonso da Silva. A universidade que nos apresentou estava fechada naquela quinta-feira, 11 de junho, quando o carro funerário passou diante de mim transportando seu corpo em um caixão lacrado que não podia ser aberto. Sem flores, desceu à terra em um fim de tarde na presença de 11 familiares. Tudo muito rápido, breve, como foi o nosso convívio. Trinta anos sem ir a um desses momentos, fui à porta do cemitério para essa despedida. Quando essa pandemia começou no Brasil, Givaldo foi o amigo que mais me aconselhou a ter cuidado com a saúde. Triste ironia.

Natural de Joaquim Gomes e nascido em 31 de março de 1978, Givaldo tinha quarenta e dois anos completados em março. Colou grau em licenciatura no curso de história em 2016 tendo regressado ao curso em 2018 para pagar as matérias do bacharelado. Em sua formação na licenciatura fez parte de grupos de pesquisa, monitoria, deu aula em escola pública e tinha acabado de concluir a pós-graduação. Tendo tentado pela quarta vez o acesso ao Mestrado, no qual seu nome sempre esteve na lista dos negados por míseros pontos, nunca desistiu do sonho de alcançar o nível de Mestre e Doutor.

Como dito antes mais acima, conviver com este aluno não era coisa fácil. Defendia com truculência o que acreditava e nosso convívio ali no meio acadêmico foi marcado por altos e baixos. Rupturas e retornos marcaram o curto tempo do nosso convívio, mas quando demos a chance de mantermos uma relação de amizade tanto ali no curso quanto fora dele, passamos a compreendermos melhor um ao outro.

Frequentando sua casa, onde vivia na companhia de um cachorro, rodeado de livros e apostilas, tive acesso ao seu modo de vida modesto e o grande esforço que fazia para conciliar o trabalho noturno na recepção em um hotel da orla com os estudos. A mochila no ombro, mais pesada que o permitido, transportava o material das duas atividades. Farda e caderno. A madrugada no serviço, nos momentos de pouco movimento, os textos das próximas aulas apareciam em *selfies* que ele enviava pelo *whatsapp*.

Givaldo Afonso da Silva foi em vida um sonhador que nunca deixou de acreditar no futuro, na humanidade e em dias melhores. De origem humilde, negro, estudante de escola pública, tinha total devoção pelo ensino e desejava que todos que o seguia trilhassem o mesmo caminho. Sua luta contra a desigualdade social, a negação do acesso ao conhecimento e a oportunidade de voz não o poupou de ser ele mesmo uma vítima do sistema.

No curto espaço de tempo que nos foi destinado, aprendi muito com este Professor. Aprendi ouvi-lo, quando foi preciso. A me fazer de desentendido e simular uma aceitação de suas ideias para mais à frente expor meu ponto de vista em tempo oportuno. Conquistei sua confiança e sua amizade. Em nosso último encontro em maio, antes de subir em um coletivo para ir trabalhar, se despediu de mim dizendo: “Não desista dos seus sonhos e se cuide!”

No dia 29 de maio recebi uma ligação de um colega nosso dizendo que Givaldo tinha sido levado a uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) e de lá transportado para um

hospital onde ficou internado. Começava ali o nosso calvário que durou treze dias. Durante esse tempo, tive que guardar em segredo esta triste informação até o fatídico dia dez de junho, quando ao cair da tarde o mesmo telefonema chegou informando que ele não estava mais entre nós. Diagnosticado positivo para a Covid-19, teve nos últimos instantes uma parada cardiorrespiratória e assim findou nossa espera do seu retorno ao lar.

Com minha participação neste projeto, desejo que o nome do amigo, colega e historiador, Givaldo Afonso da Silva, junte-se ao de outros alunos, professores e servidores da Universidade Federal de Alagoas que neste ano de 2020 tiveram suas vidas excluídas do nosso convívio. Familiares, colegas, docentes, técnicos, amigos e toda comunidade acadêmica que hoje se encontra desfigurada com o resultado da passagem dessa pandemia que cobriu a terra como uma pesada nuvem.

Givaldo, assim como outros alunos, precisava voltar para pagar as matérias que faltavam e apresentar um novo trabalho de conclusão de curso. A nós que ficamos, restou para uns o reconhecimento positivo do aluno brilhante, dedicado e obstinado que foi, que até o último momento sonhou chegar ao topo. Quanto aos que não puderam enxergar nele essas qualidades, o silêncio e os insultos não diminuem o valor de sua existência.

A nós que ficamos, resta a coragem de prosseguir. Se possível sonhando o mesmo sonho que eles e elas, lutando para que a memória de seus nomes e objetivos nunca sejam esquecidos. Na volta, encontraremos seus lugares vazios na sala, mas estaremos lá, aperfeiçoando nosso conhecimento para contribuirmos por um mundo melhor. “Givaldo, Presente”!

SÉTIMO MOVIMENTO

RÉQUIEM À PROFESSORA IASMIN DUARTE

No dia 22 de maio de 2020, a Assessoria de Comunicação da UFAL publicou uma bela e emocionante matéria que abordava, com detalhes, o falecimento da professora Iasmin Duarte, que ocupava o cargo de diretora da Faculdade de Medicina (FAMED). Reproduzimos em seguida o texto completo com o objetivo de socializarmos, para o maior número possível de leitores, como a pandemia da Covid-19 atingiu os vários segmentos da comunidade acadêmica da UFAL. A reportagem em tela será de grande importância, também, para a consulta de futuros pesquisadores da temática, sob qualquer aspecto, biográfico, historiográfico ou em outras áreas do conhecimento.¹⁹

[...]

“É com profundo pesar que a Universidade Federal de Alagoas informa sobre o falecimento da professora Iasmin de Albuquerque Cavalcanti Duarte, na tarde de hoje (22). A docente, que também foi diretora da Faculdade de Medicina, estava internada com covid-19, no Hospital Memorial Arthur Ramos desde o dia 15 de maio.

Referência em pediatria, Iasmin Duarte era professora associada da Faculdade de Medicina da Ufal. Especializou-se em Fisiologia e em Pediatria, atuando principalmente em crescimento, estado nutricional e puericultura. Também era doutora em Medicina Tropical, pela Universidade Federal de Pernambuco. Desde 2018, ocupava o cargo de diretora da Faculdade de Medicina.

O sepultamento ocorrerá às 18h, no Campo Santo Parque das Flores. Devido à pandemia de covid-19, não haverá velório e a presença no enterro fica restrita a membros da família. Neste momento de dor e saudade, a Ufal transmite seus sinceros sentimentos

¹⁹ **Comunidade Acadêmica lamenta a morte da professora Iasmin Duarte.** Disponível em: <https://ufal.br/servidor/noticias/2020/5/nota-de-falecimento-professora-iasmin-duarte>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

aos amigos e familiares. Servidores da Ufal lamentam o falecimento da docente. A Reitoria decretou luto oficial de três dias pela perda da docente. O reitor Josealdo Tonholo e a vice-reitora Eliane Cavalcanti se manifestaram pela perda da professora.

“Estamos todos muito tristes. Perdemos um ser de luz! A Ufal está em luto! A classe médica de Alagoas perde uma referência. Nós perdemos uma amiga!”, afirmou o reitor.

“Lamentável a partida da professora Iasmin. Estou muito triste mesmo, sem chão. Enfim, jamais esquecerei seu olhar carinhoso e seu jeito afetuoso. Sentirei muita falta dela”, lamentou a vice-reitora da Ufal, Eliane Cavalcanti.

Diana Monteiro, jornalista da Universidade, lembrou o empenho da professora Iasmin para a construção da Unidade Docente Assistencial da Ufal, que deixa como um legado para a sociedade alagoana. “Uma lamentável perda! Uma guerreira”. O coordenador do curso de Medicina, Davi Buarque, falou sobre a perda da colega de profissão: “Difícil expressar a dor que sentimos neste momento. Iasmin sempre foi querida por todos, um farol em meio a um mundo difícil. Conciliadora, prestativa, alegre e outros tantos adjetivos que não caberiam nestas poucas linhas. Seu sorriso sempre foi sua marca e permanecerá em nossas mentes e corações. Nos resta agradecer, diariamente, por termos convivido com um ser humano tão especial. Que descanse em paz e que possamos ser consolados em nossa fé”.

O ex-aluno do curso de Medicina, José Edvilson Castro Brasil Jr., também fez homenagem à professora Iasmin: “Adeus, mestra, com carinho. Há 6 meses, o mundo começou a viver um pesadelo. Estava longe, foi chegando perto, perto, perto, e chegou em nós. Nas nossas cidades, bairros, prédios, casas. No início, eles não têm cheiro, cor, rosto. São “casos”. Tantos casos suspeitos, tantos confirmados tantos óbitos. Hoje, de verdade, para mim e para muitos, um número ganhou um rosto. Um rosto que sempre tinha um sorriso disponível. Que não se abatia com dificuldades, que tinha uma palavra amiga guardada para situações difíceis. E uma voz doce pra dizê-las. Dra. Iasmin de Albuquerque Cavalcanti Duarte. Eu a conheci em 1994, no segundo ano do curso, minha professora de Fisiologia. Depois, a reencontrei na Pediatria. Nunca paramos pra fazer essas contas, mas tive a felicidade de conhecer sua luz há 26 anos. Nos reencontramos novamente em 2018, quando entrei no mestrado da Ufal. O mesmo sorriso estava lá pra me receber, já como diretora da Faculdade de Medicina. Desde que soube de sua internação, me inquieto. Sabia que os números ganhariam rostos, só não esperava esse rosto. Alguém distante, mas querido. E esses também doem. Hoje, recebemos a notícia. E o meio médico se faz de luto hoje. Perdemos uma pessoa linda para a covid-19. Em algum lugar, pra quem crê, ela deve estar querendo nos ajudar, como sempre. Siga em paz, professora. Receba o carinho daqueles

a quem você ajudou a ser o que são hoje. Nós, que ficamos, guardamos a saudade e seus ensinamentos. Principalmente o de ter o sorriso no rosto. Hoje, nosso sorriso é triste, pela sua partida. Preocupado pela situação. Mas sabemos que o tempo que passou aqui conosco valeu a pena. Somos o seu legado. Os muitos formados com sua contribuição e os que ainda eram seus alunos, agora órfãos de alguém especial. Obrigado, professora!”.

A professora da Famed, Rozangela Wizorsmiska, que reitora honorária da Uncisal e ex-secretária de Estado da Saúde, lamentou a perda amiga. “Iasmin foi umas das pessoas mais doces que eu conheci na vida. Era calma, bondosa, maravilhosa! Ela adorava a Ufal e seus alunos”, afirmou. Recentemente a professora Iasmin foi entrevistada pela Ascom Ufal para dois momentos importantes da Universidade: os setenta anos da Faculdade de Medicina e a colação de grau dos novos médicos. Confira nos links.

Leia, abaixo, a nota da Faculdade de Medicina da Ufal:

Com profunda tristeza, a Faculdade de Medicina informa sobre o falecimento de sua diretora, a professora Iasmin de Albuquerque Cavalcanti Duarte, hoje, dia 22 de maio de 2020. Poucas pessoas podem ser consideradas uma unanimidade e a professora Iasmin era uma delas: respeitada, admirada e amada por todos.

Hoje a Famed perde aquela que considerava uma mãe.

Luto Oficial - Portaria 577 de 22 de maio de 2020 “



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, pp. 219-229.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BURGUIÈRE, André. **Dicionário de Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAUVEAU, Agnès e TÉTARD, Phillippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, pp. 07-37.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, jan./mar. 2018.

DELGADO, Lucilia de A. Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, pp. 35-64.

FERREIRA, Marieta Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Revista de História do PPGHIS/ UFRJ, Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, set. 2002, p. 314-332.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès e TÉTARD, Phillippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, pp. 103-117.

FREITAS, Luis Carlos de. **EAD, tecnologias e finalidades da educação**. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2020/04/17/ead-tecnologias-e-finalidades-da-educacao>. Acesso: 25 de jul. 2020.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, Agnès e TÉTARD, Phillippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, pp. 93-102.

NETO, Regina Beatriz N. História e escrita do tempo: questões e problemas para a pesquisa histórica. In: DELGADO, Lucilia de A. Neves e FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, pp. 35-64.

PASSERINI, Luisa. A lacuna do presente. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, pp. 211-214.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 203-209.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

RIOUX, Jean Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès e TÉTARD, Phillippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, pp. 39-50.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SCHLEMMER, Eliane. Políticas e práticas na formação de professores a distância: por uma emancipação digital cidadã. In: GATTI, Bernardete Angelina et. al. (Org.). **Por uma política nacional de formação de professores**. 1^a. Ed. São Paulo: EdUnesp, 2013, pp.109-110.



SOBRE OS AUTORES

ALBERTO VIVAR FLORES - Possui graduação em Bachiller en Sagrada Teologia - Universidad Pontificia de Salamanca (1980), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1993), Especialização em Metodologia do Ensino Superior (1994) e doutorado em História pela Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América. É autor de livros, capítulos de livros e artigos acadêmicos.

ALCIDES BORGES DOS SANTOS - Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. É estudante do curso de Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, (UFAL). Pesquisador com foco em temáticas voltadas para história e memória, fotografia e preservação do patrimônio arquitetônico. Escritor, contista e romancista.

ANDERSON DA SILVA ALMEIDA – Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História da UFAL, é doutor e mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Desenvolve pesquisas com foco no período da ditadura civil-militar (1964-1985) e as relações entre Memória, História do Tempo Presente e Biografias históricas. Em 2010, foi um dos vencedores do Prêmio Memórias Reveladas do Arquivo Nacional. Em 2018 foi finalista do Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria “Biografias”.

ANTONIO ALVES BEZERRA – Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História da UFAL, é doutor e mestre em História Social pela Pontificia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Tem experiência como professor de História na Educação Básica, campo no qual vem desenvolvendo pesquisas na área de Ensino de História e Formação de Professores. É autor de cinco livros, artigos acadêmicos e capítulos de livros e coordenador do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da UFAL.

CLARA SUASSUNA FERNANDES – Professora do Curso de graduação em História da UFAL, possui Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência na área de História Oral, Comunidades Quilombolas e Patrimônio Material e Imaterial. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL). Foi coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFAL.

Este livro foi selecionado pelo Edital nº 01/2020 da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), de um total de 44 obras escritas por professores/as vinculados/as em Programas de Pós-Graduação da Ufal, com colaboração de outros/as pesquisadores/as de instituições de ensino superior (autoria, coautoria e coletânea), sob a coordenação da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal). O objetivo é divulgar conteúdos digitais – e-books – relacionados à pandemia da Covid-19, problematizando seus impactos e desdobramentos. As obras de conteúdos originais são resultados de pesquisa, estudos, planos de ação, planos de contingência, diagnósticos, prognósticos, mapeamentos, soluções tecnológicas, defesa da vida, novas interfaces didáticas e pedagógicas, tomada de decisão por parte dos agentes públicos, saúde psíquica, bem-estar, cultura, arte, alternativas terapêuticas para o enfrentamento da Covid-19, dentre outros, abordando aspectos relacionados às diferentes formas de acesso à saúde e à proteção social, entre grupos mais vulneráveis da sociedade.

ISBN 978-65-5624-016-9



9 786556 240169

